

FACULTAD INTERAMERICANA DE CIENCIAS SOCIALES

DIRECCIÓN DE POSTGRADOS



MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

VALDIMIR PEREIRA REIS

**ANÁLISE DAS PRODUÇÕES LITERÁRIAS DO TAL EM UM COLÉGIO
ESTADUAL DO SUDOESTE BAIANO NO ANO DE 2013**

**Assunção – Paraguai
2019**

VALDIMIR PEREIRA REIS

**ANÁLISE DAS PRODUÇÕES LITERÁRIAS DO TAL EM UM COLÉGIO
ESTADUAL DO SUDOESTE BAIANO NO ANO DE 2013**

Tese de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação da Faculdade Interamericana de Ciências Sociais, como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências da Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Maria
Aparecida Antunes Moreira

**Assunção – Paraguai
2019**

VALDIMIR PEREIRA REIS

**ANÁLISE DAS PRODUÇÕES LITERÁRIAS DO TAL EM UM COLÉGIO
ESTADUAL DO SUDOESTE BAIANO NO ANO DE 2013**

Tese de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação da Faculdade Interamericana de Ciências Sociais, como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências da Educação.

Aprovada em ____ de _____ de ____.

Profa. Dra. Maria Aparecida Antunes Moreira (Orientadora)
Universidade Evangélica do Paraguai - UEP

Membro da Banca

Membro da Banca

Membro da Banca

Dedico este trabalho aos meus filhos Túlio e Hélder, à minha esposa Tânia, aos meus pais Mário e Eunice e aos meus irmãos Valdeci, Vaneide, Mário Sérgio, Valdinei, Ronaldo e Edmilsom.

AGRADECIMENTOS

À Deus que me deu força durante toda caminhada até chegar esta conquista.

À minha orientadora, Dr^a Maria Aparecida Antunes Moreira pelas valiosas contribuições que me ajudaram a chegar aqui.

Aos colegas do Mestrado em Educação pelo companheirismo e solidariedade, com destaque para Etevaldo e Maria Amparo pelo apoio e estímulo constante.

Aos colegas do Colégio Estadual Antônio Batista de Candiba, companheiros de profissão, especialmente à professora Etelvina Queiroz, pelo incentivo e o apoio durante todo o percurso.

Aos meus filhos Túlio e Hélder, à minha esposa Tânia incentivo e apoio durante estes anos de estudos.

A existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir humanamente é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar.

(Paulo Freire)

RESUMO

Esta dissertação é resultado de uma pesquisa que analisou as produções do Projeto Estruturante Tempos de Artes Literárias-TAL, dos estudantes de um colégio estadual do sudoeste baiano, no ano de 2013. A investigação centrou-se no objetivo de identificar os conceitos que influenciaram o pensamento estudantil nas construções dos textos literários. Para tanto adotou-se a metodologia baseada na abordagem qualitativa que procura compreender o texto a partir da experiência de vida por meio da técnica de análise de conteúdo BARDIN (1977). Neste sentido, a pesquisa foi desenvolvida a partir dos dados construídos com base na análise de documentos e entrevista semiestruturada. Tem como principal referencial teórico as contribuições dos estudos empíricos de Souza (2009, 2016 e 2017). O estudo identificou a existência de um elo de influências entre as vinculações das informações pelas grandes mídias e as produções estudantis. Constatou-se que os estudantes foram vítimas da violência simbólica ao fazerem a defesa das ideias da elite financeira e da classe média seduzidos pela cobertura jornalística realizada pela grande mídia, alicerçada pelos conceitos de personalismo, patrimonialismo e populismo, desenvolvidos a partir de Gilberto Freire, Sergio Buarque de Holanda e Raimundo Faoro. Além disso, percebe-se que os estudantes se colocaram a favor daqueles que queriam interromper a ascensão social de sua classe. Neste contexto, constata-se que a luta de classes não é só pelos bens, o capital econômico, mas também pelo capital cultural, bem como, pelas narrativas da interpretação social. Assim, a medida que o estudante compreende esta dinâmica, será capaz de desenvolver a consciência crítica e superar a ideologia da opressão, da consciência ingênua e acrítica. Destarte, finalizou-se esta pesquisa com a certeza de que ela não é conclusiva e poderá expandir para analisar o pensamento estudantil de outras unidades escolares no ano de 2013, como também para o estudo dos usos dos símbolos nacionais, a Bandeira e o Hino Nacional, no processo das lutas de classes, símbolos esses que foram usados pela classe média nas manifestações de 2013 e nas manifestações de 2015 e 2016.

Palavras-chave: Produções literárias. Manifestações. Luta de classes. Manipulação. Consciência crítica.

RESUMEN

Esta disertación es el resultado de una investigación que analizó las producciones del Proyecto de Diseño TAL Literary Arts Times, de estudiantes de una escuela estatal en el suroeste de Bahía, en el año 2013. La investigación se centró en el objetivo de identificar los conceptos que influyeron en el pensamiento estudiantil en la construcción de textos literarios. Para ello, adoptamos la metodología basada en el enfoque cualitativo que busca comprender el texto desde la experiencia de la vida a través de la técnica de análisis de contenido BARDIN (1977). En este sentido, la investigación se desarrolló a partir de datos construidos a partir del análisis de documentos y entrevistas semiestructuradas. Su principal referencia teórica son las contribuciones de los estudios empíricos de Souza (2009, 2016 y 2017), que identificaron la existencia de un vínculo de influencias entre los vínculos de información de los grandes medios de comunicación y las producciones estudiantiles. Se descubrió que los estudiantes fueron víctimas de violencia simbólica al defender las ideas de la elite financiera y la clase media seducidos por la cobertura mediática de los medios, basada en los conceptos de personalismo, patrimonialismo y populismo desarrollados por Gilberto Freire, Sergio Buarque de Holanda y Raimundo Faoro. Además, se nota que los estudiantes se pusieron a favor de aquellos que querían interrumpir la ascensión social de su clase. En este contexto, se puede ver que la lucha de clases no es solo por los bienes, el capital económico, sino también por el capital cultural, así como por las narrativas de la interpretación social. Por lo tanto, a medida que el estudiante entienda esta dinámica, podrá desarrollar una conciencia crítica y superar la ideología de la opresión, la conciencia ingenua y no crítica. Por lo tanto, esta investigación se concluyó con la certeza de que no es concluyente y podría ampliarse para analizar el pensamiento de los alumnos sobre otras unidades escolares en el año 2013, así como para el estudio de los usos de los símbolos nacionales, la bandera y el himno nacional, en el proceso de lucha de clases, símbolos que fueron utilizados por la clase media en las manifestaciones de 2013 y en las manifestaciones de 2015 e 2016.

Palabras clave: producciones literarias. Manifestaciones. Lucha de clases Manipulación. Conciencia crítica.

ABSTRACT

This dissertation is the result of a research that analyzed the productions of the structurant project Literary Arts Time - LAT, from the students of a state high school in southwestern Bahia, in the year 2013. The research focused on the objective of identifying the concepts that influenced the student thinking in the construction of literary texts. Therefore, it was adopted the methodology based on the qualitative approach that seeks to understand the text from the life experience through the technique of content analysis BARDIN (1977). In this sense, the research was developed from data constructed based on document analysis and semi-structured interview. It has as main theoretical reference the contributions of Souza's empirical studies (2009, 2016 and 2017). The study identified the existence of a link of influences between the linkages of information by great media and student productions. It was verified that students were victims of symbolic violence in defending the ideas of the financial elite and the middle class seduced by news coverage realized by great media, based on the concepts of personalism, patrimonialism and populism, developed from Gilberto Freire, Sergio Buarque de Holanda and Raimundo Faoro. In addition, it is noticed that the students put themselves in favor of those who wanted to interrupt the social ascension of its class. In this context, it is verified that the class struggle is not only for goods, economic capital, but also for cultural capital, as well as for the narratives of social interpretation. So, as long as the student understands this dynamic, he/she will be able to develop critical awareness and overcome the ideology of oppression, naive and uncritical consciousness. So, this research was concluded with the certainty that it is not conclusive and could expand to analyze the student thinking of other school units in the year 2013, as well as for the study of the uses of the national symbols, the Flag and the National Hymn, in the process of class struggles, symbols that were used by the middle class in the manifestations of 2013 and in the manifestations of 2015 and 2016.

Keywords: Literary productions. Manifestations. Class struggle. Manipulation. Critical awareness.

LISTA DE SIGLAS E/OU ABREVIATURAS

CUT - Central Única dos Trabalhadores
DIREC - Diretoria Regional de Educação
DNA – Ácido Desoxirribonucleico
EJA – Educação de Jovens e Adultos
EUA – Estados Unidos da América
FUNAI - Fundação Nacional do Índio
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH - Índice de Desenvolvimento Humano
JN - Jornal Nacional
MMA - Artes Marciais Mistas
MP - Ministério Público
MPL - Movimento Passe Livre
MST - Movimento dos Trabalhadores Sem Terra
MTST - Movimento dos Trabalhadores Sem Teto
NTE - Núcleo Territorial de Educação
PBI – Produto Interno Bruto
PEC – Projeto de Emenda Constitucional
PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PPP - Projeto Político Pedagógico
PT – Partido dos Trabalhadores
SGE - Sistema de Gestão Educacional
STF - Supremo Tribunal Federal
TAL – Tempos de Artes Literárias
UNE - União Nacional dos Estudantes

LISTA DE QUADROS

Quadro I: classificação das produções literárias dos estudantes	72
Quadro II: pautas das manifestações e postura da grande mídia/ manifestantes	73
Quadro III: pautas das manifestações x composições estudantil	74

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Protestos na Região Norte, em milhares de manifestantes ...	87
Gráfico 2: Protestos na Região Nordeste, em milhares de manifestantes	88
Gráfico 3: Protestos na Região Sudeste, em milhares de manifestantes	89
Gráfico 4: Protestos na Região Sul, em milhares de manifestantes	89
Gráfico 5: Protestos na Região Centro-Oeste, em milhares de manifestantes	90

Sumário

1 INTRODUÇÃO.....	14
1.1 Tema.....	16
1.2 Título.....	16
1.3 Problema.....	17
1.4 Problematização.....	17
1.5 Justificativa.....	17
1.6 Objetivos.....	17
1.6.1 Objetivo Geral.....	17
1.6.2 Objetivos Específicos.....	17
2 MARCO TEÓRICO.....	19
2.1 Marco Epistemológico do termo TAL – Tempos de artes Literárias... 19	
2.2 Contribuição de Jessé Souza para a Compreensão das Manifestações de 2013.....	21
2.3 Gilberto Freyre: A mistura étnica e cultural do povo brasileiro e o mito da democracia.....	22
2.4 Sérgio Buarque de Holanda e a teoria do Brasil sobre si mesmo.....	25
2.5 Raimundo Faoro e o patrimonialismo brasileiro como herança dos portugueses.....	28
2.6 A escravidão como a instituição que moldou o brasileiro.....	31
2.7 Revolta, revolução e manifestação.....	34
2.8 A violência simbólica refletida nas manifestações de 2013.....	40
2.9 A luta de classes nas manifestações de 2013.....	43
3. MARCO METODOLÓGICO.....	59
3.1 Construção, Organização e Análise dos Dados: Caminhos da Pesquisa.....	59

3.2 Tipo de Pesquisa	69
3.3 Instrumento de Pesquisa: exploração do material	71
3.4 Amostra.....	73
3.5 Categorização.....	74
3.6 Universo da pesquisa	77
3.7 Sujeitos da pesquisa.....	79
4 DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	81
4.1 A percepção da estudante sobre o TAL.....	81
4.2 Análise do Sentido das Manifestações 2013 nos Textos do TAL	84
4.3 Manifestação apresentada pela grande mídia	85
4.4 A manifestação interpretada pelos estudantes	91
4.5 A corrupção e mídia: instrumento de dominação dos oprimidos pela forma de pensar.....	98
4.6 A criminalização da política como arma da elite na luta de classes.	112
4.7 A PEC 37 e a conspiração com a mídia	123
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	133
Referências.....	137
APÊNDICE I.....	140
APÊNDICE II.....	142
ANEXO I	143

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho constitui-se da análise das produções resultantes do Projeto Estruturante Tempos de Artes Literárias – TAL no ano de 2013, dos alunos de um colégio estadual do sudoeste baiano. Esta pesquisa objetiva compreender o pensamento estudantil e desvendar o que está por trás das ideias expressas nos textos.

Neste estudo, tomamos como objeto de pesquisa a ideologia política presente nas produções do TAL dos alunos de um Colégio Estadual do sudoeste baiano, em 2013. Para tanto, nos orientamos pelos referenciais de Souza (2009, 2016 e 2017), cujo autor afirma que as manifestações de 2013 marcam um ponto de virada da hegemonia ideológica das altas taxas de aprovação aos presidentes petistas. Foi o início do cerco ideológico que resultou no impedimento da presidente eleita.

Esta pesquisa apresenta-se relevante uma vez que no ano uma grande quantidade das produções trouxe como tema, assunto que discutia algum aspecto da sociedade brasileira como política, economia ou organização social, sendo que uma parte destes dava destaque à corrupção.

Assim, compreender as ideias que influenciaram a forma de pensar dos estudantes permitirá uma prática pedagógica que contribuirá para ajudá-los na construção de um pensamento crítico, que possibilita assumir postura de uma ação libertadora e forneça-lhes defesa contra a dominação da elite dos proprietários.

O estopim para o início das manifestações de 2013 foi o aumento de R\$ 0,20 (vinte centavos) da tarifa do transporte municipal na cidade de São Paulo, porém a cobertura midiática conseguiu federalizar para que pudesse atingir o governo federal.

Neste contexto, o interesse pelo objeto de estudo se justifica porque composições do TAL de 2013 foram produzidas no momento de maior efervescência e também pela necessidade de compreendermos quais as influências que os alunos sofreram das coberturas jornalísticas da mídia, sendo que eles não participaram das manifestações, pois as mesmas ocorrem nas capitais e grandes cidades, e os referidos alunos tiveram acesso apenas pelos noticiários, especialmente das TVs.

Para isso, adotamos a metodologia baseada numa abordagem qualitativa que procura compreender no texto a experiência de vida e as influências que os estudantes receberam. Recorremos também, à técnica de análise de conteúdo que, segundo BARDIN (1977), trabalha a palavra e tenta compreender os participantes ou o ambiente num momento determinado. Ademais, realizamos o levantamento bibliográfico que nos ajudou a aprofundar no assunto.

A definição das categorias corrupção, classe social, violência simbólica, manifestação e criminalização da política facilitaram a interpretação das ideias expressas nas composições dos estudantes.

Utilizamos os estudos empíricos de Souza (2009, 2016, 2017) uma vez que este autor traz contribuições sob a forma de pensar do brasileiro, que embasou a interpretação do pensamento estudantil que foi expresso nos textos que abordaram a realidade social e política do país.

Para Souza (2009) as ideias que serviram de base para a constituição da identidade nacional e da interpretação social e política do Brasil foram lançadas, especialmente, por Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e por Raimundo Faoro.

Para realizarmos a interpretação das produções do TAL, fez-se necessário entender que um conceito fundamental é de que toda sociedade é constituída de classes sociais. Compreender a sua dinâmica dentro do contexto é essencial para fazer a interpretação da realidade social

Na perspectiva de Souza (2016) a classe social é uma construção socioafetiva que acontece dentro da família, ou seja, a socialização familiar pelo pertencimento na classe que possibilitará o sucesso na escola e, mais tarde, o sucesso no mercado de trabalho.

Souza (2017) nos ajuda a entender que a luta de classes é a chave para entender de tudo que é importante na sociedade. Tal ideia, por um lado, foi demonizada pela direita e, por outro lado, banalizada pela esquerda. Sem a concepção de luta de classes, ficamos com a ideia do senso comum de que na sociedade temos apenas indivíduos competindo em condições de igualdade pelos bens e recursos escassos.

Destarte, foi possível perceber, ao longo do desenvolvimento da pesquisa o papel da classe média na sociedade brasileira, apesar de ser relativamente pequena, ela decide o que vai sair na TV, o que vai ser ensinado, o que vai ser julgado nos tribunais. Por isso ela consegue fazer a cooptação de indivíduos das classes populares para defender as suas causas como se fossem as deles.

Esperamos que os estudos e discussões apresentados neste trabalho científico contribuam para fortalecer as práticas educativas libertadoras na formação cidadã e no combate às ideologias que visam a opressão, pois a educação libertadora é capaz de desenvolver a consciência crítica e perceber os fios que tecem a realidade social e superar a ideologia da opressão, da consciência ingênua, acrítica.

1.1 Tema

Ideologia política presente nas produções do TAL.

1.2 Título

Análise das produções literárias do TAL em um colégio estadual do sudoeste baiano, no ano de 2013.

1.3 Problema

Qual a ideologia política presente nas produções do TAL dos alunos de um Colégio Estadual do sudoeste baiano, em 2013?

1.4 Problematização

Questionamos o que levou os alunos a exporem, por meio de suas produções, tais ideias? O conteúdo que expressam é realmente o que eles pensam ou simplesmente o que eles julgam como tema valioso para a concorrência? As produções são resultados de manipulação da classe dominante?

1.5 Justificativa

Compreender os motivos que impulsionaram as produções artísticas no ano de 2013 é de grande relevância, uma vez que, neste ano, muitos fatos culminaram as crises que o Brasil enfrenta atualmente: crise política, institucional e a demolição dos direitos e garantias conquistadas pelos trabalhadores ao longo da sua história.

1.6 Objetivos

1.6.1 Objetivo Geral

Analisar as produções resultantes Projeto Estruturante Tempos de Artes Literária - TAL, dos alunos de um Colégio Estadual do sudoeste baiano, no ano de 2013.

1.6.2 Objetivos Específicos

- Compreender o contexto histórico que balizaram as produções do TAL de um Colégio Estadual do sudoeste baiano, no ano de 2013.
- Verificar como as produções artísticas literárias apresentadas pelos alunos do colégio no TAL do ano de 2013 refletem elementos da criticidade da realidade do momento;

- Averiguar se os alunos são influenciados pela discussão em sala de aula ou pela discussão abordada pela grande mídia;
- Identificar se a mídia está pautando ideologicamente a formação do aluno, se o trabalho pedagógico está sendo uma reprodução das ideias políticas da burguesia dominante.

2 MARCO TEÓRICO

Nesta seção apresentamos o projeto TAL e o marco teórico que serviu de embasamento para a análise dos conteúdos presentes nas produções literárias dos estudantes.

Fizemos a opção de realizar a descrição sintética do projeto TAL, a partir do documento orientador, mostrando a concepção, os objetivos e a descrição do que acontece nas fases escolar, regional e estadual.

Para tanto utilizamos dos estudos empíricos de Souza (2009, 2016, 2017) uma vez que o referido autor traz contribuições sob a forma de pensar do brasileiro, que embasou a interpretação do pensamento estudantil que foram expressos nos textos que fizeram abordaram a realidade social e política do país por meio das produções literárias.

2.1 Marco Epistemológico do termo TAL – Tempos de artes Literárias

O projeto Tempos de Artes Literárias - TAL foi criado pela Secretaria Estadual de Educação do Estado da Bahia e começou a ser implantado a partir março de 2009 em toda rede estadual de ensino e se tornou o maior projeto de arte literária voltado para a juventude estudantil, contribuindo no processo educativo e na formação literária e cultural dos estudantes baianos.

O documento Bahia (2015) assinala que o projeto literário foi concebido a partir de uma perspectiva abrangente, para promover o exercício da leitura e a produção textual, contribuindo para a apropriação do conhecimento, a criação literária e a visibilidade de bens literários estudantis, de modo que possibilitem o desenvolvimento das lutas com e pelas palavras, em seu sentido histórico e social, assim como para a ampliação das percepções sobre o mundo, com vistas à formação do novo homem, nesses tempos de democratização social e literária e,

consequentemente, a possibilidade de criação de novos horizontes estudantis.

A Secretaria Estadual de Educação estabeleceu, por meio do documento Bahia (2015), os seguintes objetivos para o TAL: estimular a produção literária no ambiente escolar e os diversos gêneros literários, contribuir para a formação da intelectualidade e espiritualidade (ético e artístico), compreender a arte literária como objeto de ampliação do conhecimento, do saber e de prazer; promover um ambiente educacional prazeroso, no qual a cultura, a arte literária e a educação se expressem em sintonia, contribuindo para transformar os ambientes escolares, estimular o gosto pela leitura e literatura, a arte de ler, de interpretar e de escrever, respeitando os diversos gêneros e estilos das distintas escolas literárias, construir pontos de encontro e rodas literárias nos ambientes escolares, promover, através da linguagem literária, valores essenciais para a motivação do viver e para o rompimento com o modelo rígido de ensino e de aprendizagem ainda presentes na educação, influir sobre o mercado da arte literária, estimulando os novos cultores e produtores

Para atender aos objetivos propostos, o TAL compõe de três fases: a primeira é interna, que, acontece na escola, sob a responsabilidade da unidade escolar; a segunda acontece no município sede do Núcleo Territorial de Educação (NTE), sob a coordenação do NTE; a terceira é realizada em Salvador, município sede da Secretaria Estadual de Educação (SEC), organizada pela SEC.

A primeira fase é realizada com a participação dos alunos e professores da unidade de ensino, principalmente de língua portuguesa, literatura e arte. Desde o início do ano letivo começa-se o processo de sensibilização e mobilização, é o momento mais importante, pois é o período da criação e tudo que envolve este fazer, tais como a pesquisa, a escolha das palavras, a organização do texto e o amadurecimento que este labor provoca.

Nesta fase interna acontece o sarau, no qual o aluno se inscreve e é julgado por uma comissão escolhida pelos professores e direção, constituída de um representante de professores da unidade escolar, professores de outras escolas e por pessoas da comunidade que têm domínio e interesse por literatura.

O estudante que for classificado em primeiro lugar é inscrito, pela direção da escola, para a segunda fase que acontece em nível regional sob a responsabilidade da Diretoria Regional de Educação (DIREC) – atualmente no Núcleo Territorial de Educação - NTE, porque a DIREC foi extinta. A escola em questão faz parte do NTE 13 que faz parte do território de identidade Sertão Produtivo, tendo um total de 44 escolas da rede estadual.

Na segunda fase, o NTE realiza o sarau regional com todos os alunos classificados em primeiro lugar, na primeira fase das escolas que compõem a sua área geográfica. A comissão julgadora regional escolhe um para participar do sarau estadual.

A terceira e última fase, de responsabilidade da Secretaria Estadual de Educação, são escolhidos três trabalhos: 1º, 2º e 3º lugares das obras que mais se destacarem segundo o julgamento da Comissão Estadual.

2.2 Contribuição de Jessé Souza para a Compreensão das Manifestações de 2013

Para compreendermos o processo que culminou no manifesto que retirou de casa milhares de pessoas e fez com que uma parcela da população do Brasil ganhasse as ruas em busca de reivindicações sociais, precisamos entender como se deu a construção do povo brasileiro, para tanto utilizaremos as reflexões de Jessé Souza (2009, 2016, 2017) a cerca da referida temática.

Para abrangermos as ideias dos estudantes expressas nos textos, que trazem algumas interpretações da realidade social e política do Brasil, faz-se necessário perceber como nós nos enxergamos enquanto nação. E a formação desse conceito, parte sempre de uma interpretação feita por alguém, que passa a ser aceita por todos. Aponta Souza (2009) que a percepção que a sociedade tem de si mesma é que permite que ela explique que caminha em um sentido e não no outro.

Para Souza (2009) as ideias que serviram de base para a constituição da identidade nacional e da interpretação social e política do Brasil foram lançadas, especialmente, por Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e por Raimundo Faoro. Então a seguir apresentaremos sucintamente, a contribuição de cada um nesse processo.

2.3 Gilberto Freyre: A mistura étnica e cultural do povo brasileiro e o mito da democracia

Segundo Souza (2009), inicialmente a identidade nacional valorizava as paisagens naturais, Gilberto Freyre com a publicação de Casa-grande & senzala em 1933, foi responsável pela grande virada, que passa a focar na cultura. A mistura étnica e cultural do brasileiro, ao invés de ser um fator de vergonha, deveria ser motivo de orgulho, pois a partir dela, poderíamos construir a nossa cultura, na diversidade, articulando e unido os contrários.

Para essa grande virada acontecer não foi fácil. Na concepção de Souza (2009), as dificuldades foram enormes, devido aos seguintes fatores: 1- as dimensões continentais sem comunicação entre as diversas regiões; 2 – o povo constituído em sua maioria de escravos e homens livres incultos e analfabetos. A identidade nacional vai se materializando

quando o racismo perde “prestígio científico” internacional, pois o Brasil que tem seu povo constituído de mestiços. O mestiço e o mulato que eram percebidos como a degeneração das raças.

Souza (2009) aponta que Freyre é o responsável pela construção do mito nacional brasileiro, assim como toda nação bem-sucedida tem o seu. O Brasil apresenta o seu mito que o identifica como um povo alegre, do calor humano, da hospitalidade e do sexo. O mito nacional produz um sentimento de unidade e solidariedade que leva a crer que “todos estamos no mesmo barco”. Sem a construção de um sentimento de unidade não existe nação. Países que não construíram esses sentimentos vivem em guerra.

Indica Souza (2009) que a construção do mito nacional tem que ser o caminho para a construção da identidade nacional. Assim o que for comunitário tem que coincidir com o pessoal, o sentimento público com o sentimento individual. Dessa forma cria sentimentos comuns que convergem, os diferentes grupos sociais com interesses divergentes e conflitantes, para o mesmo projeto nacional. O mito nacional é que permite uma nação se manter unida, mesmo em situação de crise.

Assinala ainda que o sentimento de unidade é fruto de um processo de aprendizagem, entendido tanto no sentido cognitivo, como moral. É um processo penoso, pois implica na superação do egoísmo e do narcisismo, apesar de considerar que certa preocupação com o interesse individual é normal e até saudável, pois contribui com a própria sobrevivência. Na concepção moderna ser cidadão denota um pertencer a uma comunidade maior e mais geral, o que significa a superação dos laços de sangue ou localidade.

Na concepção de Souza (2009), o sentido moral é que cimenta relações de identificação social e pertencimento grupal de modo a garantir laços efetivos de solidariedade entre os indivíduos e grupos. Como os

indivíduos e grupos sociais de uma sociedade concreta se percebem e se julgam mutuamente, constitui o DNA “simbólico” de uma sociedade.

Esse sentido moral é que explica o motivo de que em “países como o Brasil só se pensa na dimensão material que se mede em dinheiro ou PIB. Os países sociais democratas da Europa, ao contrário, se comparam constantemente em termos de qualidade de vida, serviço médico e educacional” (SOUZA, 2009, p. 31).

Mas como cada pessoa incorpora o sentimento do mito nacional? O “mito de pertencimento nacional faz parte de uma espécie de ‘núcleo político’ do senso comum” (SOUZA, 2009, p. 41). Assim discorre Souza (2009) que o senso comum é a forma prática como as pessoas comuns conhecem as regras do convívio social. O senso comum é a maneira que conferimos sentido às nossas vidas e ações cotidianas.

Souza (2009) afirma que a tese de Freyre conquista corações e mentes das pessoas e encontra apoio do Estado do Governo de Getúlio Vargas, que passa a fazer elogio da unidade, da homogeneidade, da “índole pacífica do povo brasileiro”, do encobrimento e da negação de conflitos de toda espécie, por outro lado, a demonização da crítica e da explicitação de conflitos e das diferenças. Este é o discurso que chega até nossos dias.

Destaca Souza (2009) que a brasilidade que Freyre é o sistematizador foi institucionalizado pelo poder do aparelho de Estado, que considera “a união, assim como a solidariedade e o amor entre raças e culturas”. Hoje em dia, o mito freyriano da identidade brasileira é parte da alma de todo brasileiro sem exceção, que acredita que nenhum povo é mais caloroso, simpático e sensual. Somos um povo cordial e avesso a toda forma de conflito e de crítica.

Para Souza (2017) Freyre conseguiu criar um sentimento de identidade nacional do brasileiro. Foi nesse contexto que nasceu a ideia de uma cultura luso-brasileira, percebida como abertura cultural ao

diferente e encontro de contrários. As virtudes peculiares do brasileiro são a sexualidade, a emotividade, o calor humano, a hospitalidade, que estão associadas ao corpo e não ao espírito e por isso mesmo são inferiores.

Souza (2017) aponta que na concepção de Freyre, o espírito é virtualmente superior e se opõe ao corpo animalizado. Enquanto o corpo é de domínio das emoções reprimidas, o espírito pensa, moraliza, controla, higieniza.

Continua discorrendo Souza (2017) que Freyre, como toda pessoa, limitado ao seu tempo, foi prisioneiro do racismo científico do período histórico que viveu, por isso “[...] elaborou uma interpretação culturalista que procurou levar o culturalismo vira-lata ao seu limite lógico” (SOUZA, 2017, p. 21). Freyre se tornou o paradigma da interpretação do Brasil que acreditamos até hoje “[...] dominado pelas falsas ideias da continuidade com Portugal e da emotividade como traço singular dessa cultura” (SOUZA, 2017, P. 21)

Souza (2009) é categórico ao afirmar que “[...] Freyre é o pai-fundador da concepção dominante de como o brasileiro se percebe tanto no senso comum quanto na dimensão científica” (SOUZA, 2009, p. 54).

2.4 Sérgio Buarque de Holanda e a teoria do Brasil sobre si mesmo

Para Souza (2017), Sérgio Buarque de Holanda, com o livro *Raízes do Brasil*, publicado em 1936, foi quem construiu uma teoria que se tornou a interpretação oficial do Brasil sobre si mesmo. Essa interpretação foi incorporada por todos os brasileiros, primeiro por fazer parte do senso comum e depois porque são ensinadas nas escolas e nas universidades.

Sérgio Buarque de Holanda foi o sistematizador das ciências sociais brasileiras a partir do mito da nacionalidade de Gilberto Freyre.

Para Souza (2009) a ideia de Freyre da plasticidade do brasileiro vai ser fundamental para Buarque criar o conceito de “homem cordial” usados em sua tese como marcas da cultura brasileira: o personalismo e o patrimonialismo.

Na compreensão de Souza (2009) o personalismo de Buarque é uma forma de viver que valoriza os vínculos pessoais em oposição às inclinações impessoais. Assim o “homem cordial” age movido por amizade ou ódio, por interesse particular ao invés do interesse público. O “homem cordial” é moldado na família que se deixa levar pelas emoções, que divide o mundo entre amigos e inimigos, por isso é potencialmente corrupto.

Já o patrimonialismo é a efetivação do personalismo dentro da instituição Estado realizada pelo “homem cordial”, ou seja, assumindo uma função pública dentro do Estado, esse homem terá um comportamento baseado nos vínculos pessoais que irá favorecer a si e aos amigos.

O personalismo e o patrimonialismo são as duas teses de Buarque, “que não apenas nossos pensadores mais importantes irão interpretar o Brasil, mas também como nós todos nos compreenderemos no senso comum da vida cotidiana que todos compartilhamos” (SOUZA, 2009, p. 55). Na percepção de Souza (2009), a partir dos conceitos do personalismo e do patrimonialismo passamos a nos perceber de maneira negativa como vítimas, de um mal de origem, do legado dos portugueses.

Segundo Souza (2017) a noção de homem cordial, percebida genericamente e a noção de Estado patrimonial constrói a ideia do brasileiro como o vira-lata da história, pois é percebido negativamente tanto a relação interpessoal como na relação institucional.

Do lado oposto do brasileiro está o americano protestante, idealizado, transformado em herói, pois tem relações impessoais e controle de afetos. O brasileiro é “Inferior, posto que percebido como afeto

e, portanto, como corpo, opondo-se ao espírito do americano e europeu idealizado, como se não houvesse personalismo e relações pessoais“ (SOUZA, 2017, p. 23).

Souza (2009) nos chama atenção que na interpretação do Buarque percebe o “homem cordial” apenas quando está no Estado que se deixa levar pelo interesse particular e não pelo interesse público. Mas este mesmo homem no mercado é visto como virtuoso. Assim, com essa versão, Buarque se torna o porta-voz oficial do liberalismo conservador brasileiro, que demoniza o Estado e diviniza o mercado.

[...] versão vira-lata essa, por servir precisamente de legitimação perfeita para o tipo de interesse econômico e político da elite econômica que manda no mercado, se tornaria a interpretação dominante da sociedade brasileira para si mesma até hoje. (SOUZA, 2017, p. 22)

Como a corrupção do Estado é identificada como o mal maior do Brasil, “[...] a elite do dinheiro ganha uma espécie de carta na manga que pode ser usada a partir de então sempre que a soberania popular ponha, inadvertidamente, alguém contrário aos interesses do poder econômico” (SOUZA, 2017, p. 77).

Para Souza (2017) o sucesso dessa interpretação de Sérgio Buarque de Holanda advém do fato de ser uma narrativa totalizadora, como a das grandes religiões mundiais, e de ter criado a legitimação para uma dominação oligárquica e antipopular da elite econômica que manda no mercado. “[...] a Lava Jato se legitima com Sérgio Buarque e seus epígonos; a Rede Globo legitima sua violência simbólica do mesmo modo; ministros do Supremo Tribunal Federal (STF) se legitimam a partir de suas ideias” (SOUZA, 2017, p. 10).

Dessa forma o conceito de personalismo e de patrimonialismo desenvolvido por Sérgio Buarque, mostrando que a corrupção é um mal de origem que herdamos do português leva o brasileiro a ter uma

percepção negativa de si mesmo em oposição da exaltação do americano como um bom exemplo de homem público que tem uma atitude impessoal. Essa narrativa se tornou totalizadora, como uma religião, por fazer parte tanto do senso comum como da ciência.

2.5 Raimundo Faoro e o patrimonialismo brasileiro como herança dos portugueses

Raimundo Faoro era historiador e segundo Souza (2017), ele cria uma narrativa do patrimonialismo brasileiro como herança dos portugueses que vem desde a dinastia portuguesa de Avis (1385-1580) que se adaptou a chegada do capitalismo e sobreviveu a modernização como um modelo arcaico. Suas ideias sobre o patrimonialismo foram descritas no livro *Os donos do poder*, publicado em 1958. A visão de Faoro não foi superada até hoje porque convenceu não só os leigos, mas também a maioria dos intelectuais do país.

Na análise de Souza (2017) o liberalismo conservador construído por Buarque é continuado e aprofundado por Faoro. Em *Os donos do poder* procura demonstrar o caráter patrimonialista do Estado brasileiro, baseado em privilégios que sempre marca o exercício do poder político.

Para Faoro o Estado no Brasil é sempre objeto de detenção dos dirigentes políticos, que apropria do que é público, como se fosse seu. Então a saída é o mercado que na visão de Raymundo Faoro “[...] é percebido como o verdadeiro céu na terra, prenhe de virtudes democráticas que apenas o Estado não permite florescer” (SOUZA, 2017, p. 80).

Fazendo uma crítica a tese do patrimonialismo, Souza (2017) aponta que, desde o princípio, o conceito de patrimonialismo foi criado para demonizar o Estado e divinizar o mercado e passou a ocupar o lugar

da noção de escravidão e das lutas de classe. Ou seja, a corrupção patrimonial substitui a análise das classes sociais e suas lutas, portanto se trata de uma distorção para fazer a interpretação conforme o interesse da elite dos proprietários.

O patrimonialismo, percebido como herança portuguesa, substitui a escravidão como núcleo explicativo de nossa formação. Essa é sua função real. Por conta disso, até hoje, reproduzimos padrões de sociabilidade escravagistas, como exclusão social massiva, violência indiscriminada contra os pobres, chacinas contra pobres indefesos que são comemoradas pela população (SOUZA, 2017, p. 116).

A ideia da demonização do Estado tem um caráter de fazer a exclusão das camadas populares da sociedade, mantê-las em situação de pobreza, como sempre aconteceu, pois “[...] nas poucas vezes em que se verificou historicamente qualquer preocupação política com as demandas das classes populares, estas sempre partiram do Estado” (SOUZA, 2017, p. 109). Dessa forma, o principal problema da sociedade brasileira, a desigualdade social, é substituído pela corrupção apenas de alguns agentes políticos do Estado.

O uso da tese do patrimonialismo pelo liberalismo conservador, que está vivo no imaginário social do brasileiro, na concepção de Souza (2017) é frágil e absurda, pois episódios de escândalos de corrupção no Estado são estimulados por interesses do mercado com o intuito de ocultar qualquer discussão séria de um debate político que pudesse levar a superação dos nossos graves problemas.

Souza (2017) assegura que os pressupostos históricos e sociológicos de Faoro são falsos por dois motivos: primeiro, o Brasil não herda de Portugal a sua estrutura social, mas sim da escravidão que não havia em Portugal; segundo, a existência de um estado forte não impede o desenvolvimento capitalista e apresenta os EUA como exemplo que deve a sua expansão territorial e econômica, a partir do século XIX, “não só ao poderio militar estatal, mas também à intervenção do Estado na

construção de ferrovias e de universidades em todo o país para turbinar o desenvolvimento tecnológico e produtivo” (SOUZA, 2017, p. 112).

Souza (2017) descreve ainda outro erro no entendimento de Faoro sobre o patrimonialismo é o fato de que no período medieval não havia a noção de soberania popular e, portanto, não tinha separação do bem público e o bem privado, tudo pertencia ao rei. Na noção de público e privado vai ser posterior ao século XVII, portanto, Souza (2017) considera que as ideias de Faoro para fundamentar sua tese são a-histórica está fora de contexto.

Souza (2017) nos chama atenção que um país que sempre fala da privatização do público ainda não tenha discutido acerca da privatização da opinião pública, que é utilizada atender interesses da elite econômica. A privatização da opinião pública é usada para fazer a privatização do Estado. A corrupção patrimonialista é sempre acionada, via grande imprensa, para atender os interesses privados dos donos do dinheiro.

Compreender como o foi construída a percepção que o brasileiro tem de si mesmo enquanto nação nos oferece uma importante chave para entender as ideias que estão expressas nas produções da TAL de 2013, tais como a corrupção, criminalização da política, certa percepção negativa do Brasil. Como também as ideias que não estão expressas, que são ocultados não por vontade própria dos estudantes, mas por um processo de formação, como exemplo, a luta de classes.

Nos ajuda entender também, a postura da grande mídia, que está a serviço dos donos do dinheiro, como um mecanismo de dominação “[...] que vende uma informação e uma interpretação da vida social enviesada pelos interesses do pacto antipopular” (SOUZA, 2017, p. 118).

Para fazer a análise dos conteúdos das produções do TAL de 2013 há necessidade de compreender a função da grande mídia conservadora ao reproduzir a ideia do patrimonialismo e realizar o domínio das consciências com a finalidade de facilitar a expropriação feita pela elite. “É

a grande mídia que irá assumir a função dos antigos exércitos de cangaceiros, que é assegurar e aprofundar a dominação da elite dos proprietários sobre o restante da população” (SOUZA, 2017, p. 119).

2.6 A escravidão como a instituição que moldou o brasileiro

A nossa percepção sobre nós mesmos é marcada pela interpretação culturalista que na visão de Souza (2017) é racista e foi elaborada por Gilberto Freyre. Sergio Buarque a utiliza para fazer a interpretação das ciências sociais e Raimundo Faoro foi o seu historiador. São responsáveis pela criação da noção de personalismo, patrimonialismo e pela a noção antipopular e preconceituosa de populismo. Tal interpretação é ensinada em todas as universidades e em todos os cursos. Essas três personalidades “são as vacas sagradas do panteão de grandes intelectuais brasileiros” (SOUZA, 2017, p. 23).

Indica-nos Souza (2017), que racismo está presente no culturalismo por este fazer a separação entre seres humanos de primeira classe e seres humanos de segunda classe.

[O] culturalismo racista dominante no mundo inteiro, precisa escravizar o oprimido no seu espírito e não apenas no seu corpo. Colonizar o espírito e as ideias de alguém é o primeiro passo para controlar seu corpo e seu bolso. (SOUZA, 2017, p.19)

A interpretação culturalista, como nos aponta Souza (2017), é conservadora e cientificamente falsa, pois foi construída para ocultar e silenciar a semente escravista da nossa cultura. Mas ela convenceu ao responder, de forma totalizadora, como fazem as grandes religiões, as três perguntas: de onde viemos, quem somos e para onde vamos.

O culturalismo levanta a ideia de que nós somos a continuidade da cultura portuguesa. Segundo Souza (2017), essa tese se baseia no senso comum, que imagina que a transmissão cultural acontece automaticamente pela genética, portanto a ideia é falsa, pois as pessoas são formadas pela influência das instituições.

A instituição da escravidão, desde o início da colonização do Brasil, foi a instituição que englobava todas as outras: a família, a economia, a política e a justiça. Escravidão essa que não existia em Portugal. “Mas nossa autointerpretação dominante nos vê como continuidade perfeita de uma sociedade que jamais conheceu a escravidão” (SOUZA, 2017, p. 28).

A sociedade escravocrata brasileira estar “[...] fundamentada no particularismo da família patriarcal para Gilberto Freyre. O chefe da família e senhor de terras e escravos era autoridade absoluta nos seus domínios” (SOUZA, 2017, p. 29). Sua autoridade era ilimitada, pois estava sujeita apenas a sua vontade, obedecia aos valores que criava, dessa forma, a justiça era o que ele estabelecia como justo. Era uma figura que estava sujeita a agir dominada pelos impulsos.

Neste período do patriarcalismo era constituído do sistema casa-grande e senzala que vigorou até a chegada da família real no Brasil até 1808, onde “[...] a ausência de limitações externas de qualquer tipo engendra relações sociais onde as inclinações emotivas da pessoa do patriarca jogam o papel principal” (SOUZA, 2017, p. 35). A partir dessa data passa a vigorar o sistema Sobrados e mucambos que dar início ao Brasil moderno, pois passa a ser o centro da império português, período que se abre comercialmente a Europa.

No sistema Sobrados e mucambos marca a passagem do patriarcalismo rural para o urbano e o início da reeuropeização do Brasil.

Nesse novo contexto urbano, o patriarca deixa de ser referência absoluta. Ele próprio tem que se curvar a um sistema de valores com regras próprias e aplicáveis a todos,

inclusive à antiga elite social. O sistema social passa a ser regido por um código valorativo crescentemente impessoal e abstrato. A opressão tende a ser exercida agora cada vez menos por senhores contra escravos, e cada vez mais por portadores de valores europeus, sejam eles de qualquer cor – efetivamente assimilados ou simplesmente imitados –, contra os pobres, africanos e índios. (SOUZA, 2017, p. 39)

Na análise de Souza (2017), o esse processo de urbanização fez piorar as condições de vida dos negros e mestiços pobres, pois faltaram lhes casa e comida. As consequências desse abandono foi torná-los perigosos e criminosos, por um lado, os sobrados senhoris tornaram-se prisões defensivas do perigo da rua, por outro lado. Prática naturalizada hoje em dia, dos condomínios fechados devido a desigualdade social.

Os descendentes dos senhores de terras e de escravos de antes constituem a elite dos proprietários de hoje, mas mantém seu padrão predatório de sempre nos relata Souza (2017). Assim como os senhores faziam a grilagem de terras com ameaças e assassinatos de posseiros, a elite dos proprietários faz o saque dos orçamentos e riquezas nacionais e para isso compra parlamentares, sentenças e juízes e a imprensa.

Mas quais as consequências da interpretação culturalista, em vigor até os dias de hoje? Segundo Souza (2017) serviu para a elite de rapinagem usá-la contra a própria população indefesa ao permitir a legitimação ao ataque contra todo governo popular. Desse modo, a explicação do brasileiro como personalista, patrimonialista, observando somente a corrupção do Estado, serviu para realizar a manipulação midiática e política contra os interesses populares e a democracia.

A interpretação culturalista serviu de fundamentação teórica para realizar todos os golpes de Estado contra a esquerda e para ocultar a verdadeira corrupção que estar no mercado. O “[...] patrimonialismo de Raymundo Faoro e de Sérgio Buarque, a elite vampiresca e má está no Estado, tornando literalmente invisível o mandonismo real, primeiro dos proprietários rurais e depois dos urbanos” (SOUZA, 2017, p.35)

Para desconstruirmos a interpretação culturalista e a manipulação que a elite dos proprietários usa para fazer a dominação de todas outras classes, “[...] é necessário reconstruir uma totalidade alternativa que desconstrua o culturalismo racista conservador e reconstrua a sociedade brasileira em um sentido novo e crítico” (SOUZA, 2017, p. 26)

Souza (2017) nos chama atenção em relação ao ódio pelo pobre de hoje em dia, que vem do mesmo ódio que tinha do escravo, ou seja, herdamos do escravismo o desprezo e o ódio pelas classes populares, por isso não foi possível construir uma sociedade por aqui, com um mínimo de dignidade, como aconteceu na Europa. Assim, como os escravos não podiam frequentar os mesmos espaços dos senhores, do mesmo modo, os pobres não podem frequentar os mesmos lugares da elite dos proprietários, nos dias de hoje.

Desse ódio devotado ao escravo e atualmente direcionado a classe popular foi o mesmo “[...] ódio devotado ao único partido que diminuiu as distâncias sociais entre as classes no Brasil moderno. A corrupção foi mero pretexto” (SOUZA, 2017, p. 43). Isso nos ajuda entender que os revoltados que foi às ruas em 2013 gritar contra a corrupção do PT, não fizeram nada quando a corrupção dos outros partidos veio à tona.

Nas manifestações de 2013 influenciaram muitos estudantes na escrita de seus textos, marcados pelo tipo de cobertura realizada pela grande mídia, mas também pela educação e pelo senso comum de uma interpretação culturalista naturalizada, que povoou as consciências dos brasileiros.

2.7 Revolta, revolução e manifestação

Quando um povo está descontente com algum ato de seu governante, ou até do governo como um todo recorre a um instrumento

de luta para demonstrar a sua insatisfação. Historicamente as ferramentas mais usadas são a revolta, a revolução e a manifestação.

A revolta é uma manifestação que já inclui atos de violência, demonstra uma indignação que extrapola o controle pacífico. No Brasil tivemos exemplos de revolta como a Inconfidência Mineira – A revolta contra o imposto da derrama; a Revolta do Vintém – contra o aumento na passagem do bonde no Rio de Janeiro; a Revolta da Vacina – no Rio de Janeiro revoltaram contra a obrigatoriedade de aplicação da vacina.

A revolução é uma resposta radical, pois não se acredita que conseguirá o resultado pela via da reivindicação, por isso se faz o uso de armas. Tivemos muitos exemplos de revolução como a Revolução Francesa e a Revolução Cubana. Porém, tivemos revoluções pacíficas como a Marcha do Sal, na Índia, A Revolução dos Cravos, em Portugal, a Primavera Árabe, na África, etc.

A manifestação é uma forma da população externar sua insatisfação com alguma coisa, principalmente em relação ao executivo, por algum ato que este realizou. Entendemos a manifestação como uma atitude “contra”, porém pode ser uma atitude “a favor”. Porém toda manifestação contra traz implicitamente o que é a favor.

Na perspectiva de Gohn (2016) manifestações em espaços públicos acontecem desde o Brasil Colônia, mas tiveram maior destaque a partir de 1950. A partir do final da década de 1970, as manifestações contribuíram para o fortalecimento das lutas sociais e a consolidação da democracia no país.

Para Warren (2014) no Brasil temos tido muitas manifestações organizadas por movimentos sociais como movimentos juvenis, movimentos de mulheres, movimentos de negros, movimentos de indígenas, movimentos do mundo do trabalho, dentre outros. Esses atores, que normalmente são oriundos das classes populares, recorrem a esses mecanismos para dar visibilidade as suas reivindicações.

No Brasil manifestações são comuns, tem constantemente um movimento social protestando contra alguma medida antipopular do executivo ou fazendo reivindicação de alguma política. Dentre as grandes manifestações históricas algumas tiveram maior repercussão pelo seu número de participantes e pelo efeito que produziu, vamos citar as Diretas já, Caras pintadas e a Marcha dos 100 Mil.

As Diretas Já ocorreram em 1984, o Brasil ainda estava sob o domínio da ditadura militar. Apesar da repressão, a população foi para as ruas reivindicar a aprovação de uma lei que permitisse a eleição direta para presidente da República.

A manifestação dos Caras Pintadas ocorreu em 1992. Era constituída principalmente de jovens e foi assim chamada porque esses jovens pintaram os rostos com tintas verde e amarela. Foram para as ruas pedir o impeachment do presidente Fernando Collor de Melo.

A Marcha dos 100 Mil aconteceu no ano de 1999 e foi um protesto contra o governo de Fernando Henrique Cardoso que pedia a instalação de Comissões Parlamentares de Inquéritos (CPIs) para investigar a corrupção no governo federal. Teve apoio dos sindicatos dos trabalhadores.

Warren (2014) afirma que os jovens vêm utilizando as redes sociais, na internet, para se manifestarem, porém o uso dessa ferramenta serve como suporte para se organizar e não explica o sentido político da ação.

As classes privilegiadas, a saber, a classe dos proprietários e a classe média, recorrem ao mecanismo de manifestações. Duas delas que ficaram famosas foram a marcha da família, com Deus, pela liberdade e a dos “manifestoches” (termo criado pela escola de samba Paraíso do Tuiti, no carnaval de 2018 para designar os manifestantes vestidos com a camisa verde e amarela da seleção brasileira de futebol, com painéis na

mão, sendo manipulados pelo meio de comunicação, defendendo o impeachment da presidente Dilma).

A marcha da família, com Deus, pela liberdade ocorreu em 1964 como uma reação às Reformas de Base, no governo de João Goulart. Foi composta pelos setores conservadores da classe média e a elite econômica que não queriam as reformas de caráter popular e usava o argumento que o Brasil estavam sob a ameaça de implantar o comunismo. Foram estas manifestações que deram o apoio necessário para ser realizado o Golpe Militar de 1964, responsável pela implantação de mais de 20 anos de ditadura militar no país.

A manifestação dos “manifestoches” foi uma apropriação que a classe média e a elite do dinheiro fez da manifestação contra o aumento de R\$ 0,20 (vinte centavos) na passagem do ônibus coletivo na cidade de São Paulo convocada pelo Movimento Passe Livre (MPL). Iniciou-se em 2013 e manteve a classe média mobilizada até a conclusão do Golpe de 2016, tendo como disfarce a bandeira da luta contra a corrupção, mas queria era o fim das políticas que levaram a ascensão das classes populares e para isso tinha que fazer a troca de governo.

Na visão de Gohn (2016), até 2013, os atores das manifestações de ruas eram os movimentos populares organizados que lutavam pelo acesso à terra e à moradia. Porém a partir de 2013, os atores das manifestações se alteram, a classe média ocupa os espaços das ruas.

Para Pujol, Rocha e Sampaio (2014) a classe média pode ser compreendida pelas bandeiras que levantou nas manifestações de 2013 a partir de algumas características. A primeira característica foi a de repúdio aos programas governamentais de distribuição de renda que levaram a classe trabalhadora ao acesso de espaços que, historicamente, eram ocupados pelos ricos. Os programas de assistência social foram classificados pela classe média como esmola que induziria a acomodação dos beneficiários.

A segunda característica é a defesa, de forma velada, de que alguns são melhores do que outros, por isso o aumento da capacidade de consumo dos mais pobres foi interpretada como um inconveniente, assim a classe média procura resguardar a sua ambição econômica.

Ainda segundo Pujol, Rocha e Sampaio (2014) a terceira característica é a postura dependente e paternalista que a classe média mantém em relação ao aparelho estatal. Essa postura, de tempos em tempos, motiva revolta contra os poderes do Estado que associa tudo que não dar certo como “culpa do governo”. Essa atitude foi expressa durante as manifestações.

Para Warren (2014), nas manifestações de 2013, a mídia teve um papel ambíguo no sentido que, historicamente, desde a ditadura militar, sempre criminalizou os protestos dos movimentos sociais. Em 2013, iniciou condenando as manifestações, a partir de um dado momento, passaram a exaltar como as “vozes da rua”.

Pujol, Rocha e Sampaio (2014) ressaltam que as mídias sociais tiveram um papel relevante na mobilização em larga escala. Mas a grande mídia já tinha trabalhado, durante dez anos, martelando diariamente a opinião pública com a condenação seletiva da corrupção, contra os gastos públicos e os impostos que aparecem nos slogans das manifestações.

Ainda segundo Pujol, Rocha e Sampaio (2014) pela falta de lideranças de movimentos sociais ou de partidos políticos, os protestos tiveram uma agenda pulverizada e permitiram que os meios de comunicação de massa apoderassem das manifestações, oferecessem o conteúdo político e realizassem a interpretação à sua maneira.

Essas interpretações foram usadas para produzir aglomerações que conduzissem a consequência de exigir mudanças no poder vigente. Por outro lado, os manifestantes, desejavam fazer a figuração do espetáculo, por isso expressavam o orgulho de sua participação.

Mas quais os resultados das manifestações de 2013? Para Souza (2016), as manifestações do mês junho de 2013 foram o “ovo da serpente” que possibilitou a construção da “base popular” do golpe de 2016. No intervalo desses três anos, a grande mídia fez o ataque sem tréguas ao governo federal, até a vitória do impeachment.

No entendimento de Pujol, Rocha e Sampaio (2014) “[...] as manifestações de 2013 contribuíram para recuperar o debate sobre a composição e a luta de classes no Brasil contemporâneo” (PUJOL, ROCHA e SAMPAIO, 2014, p. 17). Já que o presidente Lula havia feito um governo de conciliação de classes e que teve continuidade na administração da presidente Dilma.

No mês de março de 2015 aconteceram grandes manifestações em todo Brasil, que ocorreram em duas datas: 13 e 15 de março. Na primeira os atores são os movimentos sociais e na do dia 15 configuram como atores a classe média. As duas apresentaram posicionamentos políticos claros: a favor e contra o governo Dilma.

A manifestação do dia 13 de março de 2015 foi convocada pelos movimentos sociais, entre eles destacam o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra – MST, Central Única dos Trabalhadores – CUT, União Nacional dos Estudantes – UNE, Movimento dos Trabalhadores Sem Teto – MTST. Para Gohn, “[...] esta manifestação representou uma tentativa de se antecipar e contrapor a outra manifestação que estava sendo organizada para o dia 15 de Março” (GOHN, 2016,139). Tinha uma posição de apoio ao Governo Federal.

As manifestações do dia 15 de março de 2015 descendem de junho de 2013, tinham uma posição política de oposição ao governo Dilma, era predominantemente constituída pela classe média. Na análise de Gohn (2016) esses protestos enfatizam as operações contra a corrupção, questionam os políticos, são contra o Partido dos Trabalhadores e pede o impeachment da presidente Dilma Rousseff.

Nestas manifestações de 2013 a 2015, a grande mídia conduziu o discurso político, segundo Souza (2016), agindo como partido político da classe dos endinheirados, manipulando, distorcendo as informações, como a corrupção seletiva, para destruir o PT. Usou a classe média como tropa de choque e a manteve mobilizada até a conclusão do golpe de 2016.

2.8 A violência simbólica refletida nas manifestações de 3013

Para Bourdieu (1989) a violência simbólica é dominação de uma classe sobre a outra, onde a classe dominada dá o reforço de sua própria força, contribuindo assim para a sua própria dominação. Ou seja, além de ser oprimida, ela oferece as próprias forças para a sua opressão, mas isso acontece de forma sutil, sem que ela tome consciência.

Mas essa dominação é pouco perceptível devido a sua incorporação à formação da pessoa, pois Bourdieu descreve a “[...] violência simbólica, como sendo o processo de fabricação de crenças, diretrizes, ordenamentos no âmbito social” (TIRADENTES, 2015, p. 35).

Por fazer parte daquilo que o indivíduo acredita e das normas de vivência na sociedade, a violência simbólica se encontra em diversos espaços. “Esse tipo de violência está presente em vários setores sociais, sendo mais comum do que muitos podem observar. Seja no âmbito familiar, escolar, ou até mesmo na reprodução de padrões e costumes sociais” (TIRADENTES, 2015, p. 36).

Neste sentido o processo de educação e ensino-aprendizagem é contaminado, pois a violência simbólica “[...] passa quase que encobertamente na rotina do dia-a-dia, seja nos hábitos ou costumes da sociedade. Seja nas leis produzidas, nas decisões do judiciário, e, inclusive, na esfera escolar” (TIRADENTES, 2015, p. 37).

Para Bourdieu a escola faz o papel de legitimação da violência (TIRADENTES, 2015) quando o seu ensino tem um único padrão e tem também sua atuação como instrumento de reprodução das classes dominantes. Dessa maneira, a violência simbólica pode ser verificada pelo conteúdo trabalhado em sala de aula ou até pelo tratamento deferido a determinados alunos.

Para Souza (2017) a violência simbólica significa a construção de uma concepção de sociedade para atender os interesses da elite dos proprietários. Em vez de violência física, a violência simbólica entra como uma nova forma de controle oligárquico para a elite se preservar pelo domínio da opinião pública. “Todo processo de dominação social se baseia em formas de ‘violência simbólica’, ou seja, em mecanismos que obscurecem e ‘suavizam’ a violência real e a tornam ‘aceitável’ e até mesmo ‘desejável’ inclusive para suas maiores vítimas” (SOUZA, 2009, p. 398)

Destaca Souza (2017) que a elite dos proprietários domina a classe média pela violência simbólica ao fazer o controle da produção material, intelectual e da informação. Tal situação não é percebida enquanto tal porque é absorvida pelo indivíduo como se fosse convencimento real.

Ainda argumenta Souza (2017) que o principal instrumento de disseminação da violência simbólica e, portanto de dominação no Brasil “[...] é uma imprensa desregulada e venal, que vende uma informação e uma interpretação da vida social enviesada pelos interesses do pacto antipopular” (SOUZA, 2017, p. 119). Tal situação acontece porque a imprensa está sob o controle da elite e porque ela é dependente dos seus anunciantes.

Na perspectiva de Souza (2017) para compreendermos a história da sociedade brasileira temos que analisar a função da mídia e da imprensa conservadora, que coloniza as consciências. Essa grande mídia faz a função de antigos exércitos de cangaceiros para a elite dos

proprietários exercerem a sua dominação sobre o restante da população. Neste caso, a violência física é substituída pela violência simbólica que é igualmente cruel, porém, mais sutil.

Como exemplo dessa mídia venal que tem servido de instrumento da violência simbólica, Souza (2017) cita a revista *Veja* que fez matérias com finalidade de produzir ódio e informação enviesada e distorcida para a classe média protofascista. Mas a *Globo*, pelo seu tamanho e influência, em conluio com a repressão antidemocrática e abusiva, levou a distorção sistemática da realidade a níveis de ficção científica.

Para Souza (2009) a violência simbólica é atualizada todos os dias por todos nós até nos encontros casuais. De forma consciente todos negam, sem refletir, mas é reproduzida no cotidiano dos nossos atos. Assim se torna aceita e legitimada por ter se tornado invisível no nosso dia-a-dia.

As produções literárias dos estudantes para o TAL de 2013 trazem muita criatividade, mas a discussão dos temas não traz nenhuma vantagem para si ou para a sua classe, pois tais debates contribuíram para interromper o processo de ascensão social que as classes populares vinham obtendo. Classes essas que esses estudantes fazem parte.

Olhando esta situação sob a ótica de Bourdieu e de Souza, podemos afirmar que os estudantes foram vítimas da violência simbólica que a classe dominante impõe sobre a classe trabalhadora e da ralé, quando estes estudantes fizeram a defesa das ideias da classe dominante que estavam sendo levadas às ruas pela classe média e amplamente divulgada pela grande mídia.

A classe dominante e a classe média estavam incomodadas com o processo de inclusão que vinha ocorrendo no Brasil e ao fazer que temas como a corrupção, (apresentada seletivamente para condenar o PT e suas lideranças), criminalização da política, entre outros, possibilitaram a

construção da farsa que levou ao golpe de 2016 e conseqüentemente ao fim do processo de inclusão que vinha acontecendo no Brasil.

2.9 A luta de classes nas manifestações de 2013

Para fazer a análise dos conteúdos expressos pelas composições do TAL que trazem alguma interpretação sobre o Brasil, faz-se necessário compreender as interpretações da sociedade. Os fatos acontecem e são interpretados. Quem tem a condição de fazer tal interpretação e torná-la dominante? Quem tem condições de impor uma narrativa?

Um conceito fundamental é de que toda sociedade é constituída de classes sociais. Compreender a sua dinâmica dentro do contexto é essencial para fazer a interpretação da realidade social. Assim, “[...] a dinâmica das classes, ou seja, seus interesses e suas lutas, é a chave para a compreensão de tudo que é realmente importante na sociedade” (SOUZA, 2017, p. 52).

Vários pensadores, ao longo da história, estudaram e desenvolveram interpretações que contribuíram na tarefa de dar luzes no entendimento das classes e de como elas se constituem, se organizam e se reproduzem.

As classes se reproduzem dentro de um processo que é inconsciente, como algo que acontece naturalmente.

Desde o século XVIII até a atualidade, duas matrizes interpretativas da sociedade vêm marcando o pensamento sobre a realidade social da humanidade: o socialismo e o liberalismo.

A interpretação socialista tem Karl Marx como seu precursor. Segundo ele, em todas as sociedades encontramos as classes sociais.

Ele define a classe a partir da divisão social do trabalho, a depender da posição que a pessoa ocupa no processo de produção.

No modo de produção capitalista, temos duas classes: o proletariado, que tem apenas a força de trabalho, por isso é explorado; o capitalista, que é a burguesia dona dos meios de produção e explora a força de trabalho do proletariado. É classe dominante. O Estado representa o seu interesse.

A classe proletariada, explorada pela classe dominante, chamada também de classe operária ou classe trabalhadora, tem apenas a força de trabalho, é alienada no processo de produção.

Segundo Marx a história da humanidade é a história da luta de classes. É esse o conceito chave para entender o antagonismo entre explorador e explorado. A tomada de consciência, pelo proletário, levará a sua organização e à derrubada do capitalismo, construindo uma sociedade sem classes sociais.

Segundo a interpretação que tem como matriz o liberalismo supõe a existência da classe burguesa – empregador, e da classe trabalhadora - empregado. A situação de pobreza de um homem é fruto do seu fracasso pessoal. Para superar a situação de pobreza deveria se submeter às vontades do patrão numa atitude colaborativa. Nesta visão a culpa da pobreza é do próprio pobre.

O liberalismo é uma interpretação feita pelo burguês para justificar o seu acúmulo de capital, enquanto a interpretação socialista é feita a partir do ponto de vista do proletariado para levá-lo a tomada de consciência de sua exploração e a superação da condição de oprimido.

Pela proximidade geográfica e histórica, mas, principalmente pela sua interpretação de classes sociais dentro da realidade brasileira, recorreremos ao trabalho empírico de Souza, devido a sua singularidade e originalidade na explanação do tema.

Souza (2016) rejeita a visão economicista de classes sociais, tanto do liberalismo que leva em consideração a distribuição e o consumo, como do marxismo, dominante na esquerda, que considera a produção e a ocupação. Segundo tal visão, a diferença de comportamento entre as classes seriam explicadas pela capacidade de consumo de cada uma.

Na perspectiva de Souza (2016) a classe social é uma construção socioafetiva que acontece dentro da família, ou seja, a socialização familiar pelo pertencimento na classe que possibilitará o sucesso na escola e mais tarde o sucesso no mercado de trabalho.

As crianças aprendem imitando os pais que amam. Assim o hábito de leitura, concentração, pensamento prospectivo são transmitidos aos filhos. Portanto, antes que econômico, a classe social é um fenômeno sócio cultural.

As classes sociais, pela força da transmissão familiar, vão reproduzir, por sua vez, capitais que serão decisivos na luta de todos contra todos pelos recursos escassos. Quem luta são os indivíduos, mas quem predice as lutas individuais são os pertencimentos diferenciais às classes sociais e seu acesso ou obstáculo típico aos capitais que facilitam a vida. O privilégio de uns e a carência de outros são decididos desde o berço. (SOUZA, 2017, p. 52)

O estudo das classes permite esclarecer que as pessoas não lutam em condições de igualdades de oportunidades, mas os privilégios de classes perpetuam os privilégios injustos pela reprodução familiar.

Segundo Souza (2017) na base da hierarquia social está a luta entre indivíduos e classes sociais pelos poucos recursos materiais como carros, roupas e casas, mas também pelos recursos imateriais como reconhecimento, beleza, etc.

Mas para o público em geral, e até para quem tem um bom nível de escolarização, a ideia de classe social não bem clara ou é até negada. Souza (2017) indica que o pouco conhecimento tem um propósito de

esconder, tanto pelas pseudociências e pela imprensa enviesada, que a classe nos dá a chave para compreender a injustiça e a desigualdade. As chances de um indivíduo obter o sucesso é prefigurada pela classe que pertence.

Para Souza (2017) temos no Brasil quatro grandes classes sociais, que são: a elite dos proprietários, a classe média, a classe trabalhadora semiquilificada e a ralé de novos escravos. Essas classes estão divididas internamente entre diversas frações.

Aponta ainda a classe dos proprietários e a ralé dos novos escravos descendem diretamente da escravidão. A classe trabalhadora precária nasceu do processo de industrialização e a classe média surgiu dos serviços administrativos da indústria, do comércio, do mercado e dos serviços estatais.

A elite dos proprietários, que Souza (2016) chama também de “endinheirados”, é a classe dominante, proprietária dos meios de produção e tem o domínio simbólico de todas as outras classes. Essa elite sempre teve um padrão predatório, antes “[...] os grandes latifundiários aumentavam sua terra e riqueza pela ameaça e pelo assassinato de posseiros e vizinhos” (SOUZA, 2017, p. 64).

Na atualidade para aumentar o seu dinheiro, a elite “[...] compra o Parlamento, sentenças de juizes, a imprensa e o que mais for necessário” (SOUZA, 2017, p. 64). O que importa para ela é o aumento da sua riqueza, por isso luta ferozmente pela apropriação do orçamento público. Essa classe possui os três capitais, mas o capital econômico está concentrado cada dia mais em suas mãos.

A ralé dos novos escravos, no conceito de Souza (2017), é um terço da sociedade brasileira e foi formada pelos escravos “libertos”, mestiços e brancos pobres abandonados. A ralé é constituída de todas as cores e herdou todo o ódio e desprezo que dispensava ao escravo. Só é

tolerada por fazer o serviço penoso e sujo da elite e da classe média por baixo preço.

Souza (2017) argumenta ainda que a ralé é uma classe explorada como “tração muscular”, como carregadores de lixo, empregadas domésticas, serventes de pedreiros, trabalhadores rurais, cortadores de cana, etc. É uma classe reduzida ao corpo, mercadoria mais barata do mercado, não possui capital econômico, cultural ou social. Normalmente são analfabetos ou analfabetos funcionais e se culpam pelo próprio fracasso.

Isso vale para as classes do privilégio, a elite econômica e a classe média, que monopolizam o capital econômico e o capital cultural mais valorizado e se utilizam da ralé como se utilizavam dos escravos domésticos, para serviços na família, posto serem pessoas que, por sua própria fragilidade social, são ansiosas por se identificarem com os desejos e objetivos dos patrões. Essa identificação com o opressor ao ponto de tornar os objetivos do patrão seus próprios objetivos também é uma continuidade sem cortes com o escravo doméstico do escravismo. A melhor situação do escravo doméstico em relação ao escravo da lavoura era paga com servidão espiritual, na qual o escravo abdica de ter interesses próprios para melhor satisfazer os desejos e as necessidades dos senhores. O caso muito comum de babás e empregadas que criam os filhos do patrão “como se fossem seus” reflete esse contexto. (SOUZA, 2017, p. 61)

Todas as outras classes vão explorar o trabalho farto e barato da ralé, porém não vão se misturar. Não querem frequentar os mesmos espaços, pois a ralé é estigmatizada ninguém quer chegar perto dela. Uma parte dessa classe vai para o crime, a figura típica do homem é o bandido e da mulher é a prostituta. Como classe fragilizada que luta pela sobrevivência, sua visão é mais imediatista, sem espectro de futuro.

A classe trabalhadora que é precária em sua maioria, como a ralé, é explorada, mas a sua exploração se dá em um patamar superior a dos excluídos, porque ela incorpora conhecimento que pode ser utilizado no mercado competitivo, por isso possui algum capital cultural.

A classe média é que detém o capital cultural, mas tem algum capital financeiro o qual lhe dá condições de comprar os serviços da ralé como, por exemplo, os serviços domésticos o que lhe permite usar este tempo para o aumento do seu capital cultural.

Souza (2017) afirma que as crianças da classe média são estimuladas desde cedo pelo exemplo dos pais com o hábito de leitura, mas também por meio da fantasia de livros, jogos, o gosto por línguas estrangeiras. Os estímulos oferecidos pelos pais irão prepará-las para o sucesso escolar. Tais atitudes as dispõem para a valorização do capital cultural.

Basil Bernstein (1982, 1986 *apud* Narzetti e Nobre 2016) também afirma que a socialização na família é fator determinante para o desenvolvimento dos códigos (princípio regulador que está na base dos sistemas de mensagens). Assim, as crianças da classe trabalhadora chegariam á escola com o domínio do “código restrito” o que é responsável por parte dos seus fracassos escolares e a classe média com o domínio do “código elaborado”, o que é determinante para o seu sucesso.

Algumas Características do “código restrito”:

[...]sentenças curtas, gramaticalmente simples, quase sempre incompletas, sintaticamente pobres e na voz ativa; aplicação simples e repetitiva das conjunções (assim, então, porque); uso restrito de orações subordinadas; incapacidade para manter um assunto formal em uma sequência oral. (NARZETTE e NOBRE, 2016, p. 290)

Já o “código elaborado” apresenta as seguintes particularidades:

[...] sentenças gramaticalmente complexas, com ordem gramatical e sintaxe precisas; uso variado de conjunções e orações subordinadas; uso frequente de preposições que indicam relações lógicas, bem como de preposições que indicam contiguidade temporal e espacial; uso variado de adjetivos e advérbios; uso variado de pronomes. (NARZETTE e NOBRE, 2016, p. 290)

Tanto Souza (2017) Bernstein (1982, 1986 *apud* Narzetti e Nobre 2016) assinala que as crianças das classes populares e as crianças da classe média chegam à escola em condições diferentes devido aos seus processos de socialização no seio da família, que serão determinantes para o seu sucesso escolar e, no futuro, o sucesso no mercado de trabalho.

Souza (2017) aponta que a classe média é a classe da meritocracia e da superioridade moral. Meritocracia porque acredita que tudo que tem foi conquistado com o esforço próprio. Ela se auto distingue da ralé porque os consideram “preguiçosos” e da elite financeira porque o que esta tem foi obtido pela herança de sangue. A classe média se considera superior moralmente, por isso acha que pode representar melhor a sociedade.

Para interpretar e entender melhor o momento histórico que o Brasil passa só é possível pela compreensão da classe média, eis o que afirma Souza:

Mas a chave para a compreensão da iniquidade e vileza singulares da sociedade brasileira é a classe média. É ela que forma um pacto antipopular comandado pela elite dos proprietários, onde se misturam aspectos racionais, como preservação de privilégios, e aspectos irracionais, como necessidades de distinção e ódio e ressentimento de classe. (SOUZA, 2017, P. 64)

Souza (2017) nos ajuda a entender que a luta de classes é a chave para entender de tudo que é importante na sociedade. Tal ideia, por um lado, foi demonizada pela direita e, por outro lado, banalizada pela esquerda. Sem a concepção de luta de classes, ficamos com a ideia do senso comum que na sociedade temos apenas indivíduos competindo em condições de igualdade pelos bens e recursos escassos.

"Existe uma tentativa de convencer as pessoas de que existe um tratamento universal e igualitário a elas apesar da origem de classe tão

desigual” (SOUZA, 2016, p. 66). Assim tudo se torna justo e merecido. A luta de classe nos oferece a explicação da exploração e injustiças que ela produz desde o berço.

A classe média é relativamente pequena, mas ela decide o que vai sair na TV, o que vai ser ensinado, o que vai ser julgado nos tribunais. Por isso ela consegue fazer a cooptação de indivíduos das classes populares para defender as suas causas como se fossem as deles.

Em 2013, após a classe média ocupar as ruas em protestos com temas que interessavam a elite, não se tem notícia que as classes populares fizessem alguma manifestação em defesa das políticas sociais, da escola pública de qualidade, do emprego.

A ausência de ocupação de espaços, de uma disputa de discurso que pudesse contrapor a narrativa da elite e da classe média fez com que a pauta conservadora ganhasse mais terreno e colocasse, cada vez mais, o governo na defensiva.

Na análise realizada por Pinto (2017) sobre as eleições presidenciais de 2014, afirma que no segundo turno “[...] o que se viu foram os apoiadores de Dilma em casa e um novo tipo de militante político nas ruas – um militante conservador, de classe média alta, com uma campanha agressiva anti-Dilma e anti-PT” (PINTO, 2017, p. 145)

Dada a importância da classe média nas manifestações de junho de 2013 e sua constante mobilização até o ano de 2016 que culmina com o impeachment, que passou a ser chamado de golpe por acontecer sem o crime de responsabilidade, que é a condição exclusiva para tal ato.

A ascensão social da ralé e dos trabalhadores, mesmo que numa dimensão mínima, no período dos governos petistas de Lula e Dilma é a chave para entender a mobilização da classe média entre os anos de 2013 a 2016.

O medo da classe média ao ver os espaços, que antes eram ocupados por ela e pela elite do dinheiro, como universidades, o mercado de consumo, aeroportos e quando esses espaços passam a ser frequentados também pelas classes populares ela reage no sentido de se proteger e não perder os mesmos e de não conviver com esses pobres que são “mal educados” em sua maioria.

Nas produções do TAL, os estudantes falam da sociedade brasileira como se fosse única, como se apresentasse os mesmos desejos e sentimentos, vivesse os mesmos problemas. Eles são traídos pela visão do senso comum que não lhes permite posicionar adequadamente no contexto social. Mas porque isso acontece?

Os estudantes de quem estamos analisando as produções textuais são de uma escola pública do sertão, frequentada somente pelas classes de trabalhadores e pela ralé.

Ao fazer a homogeneização do povo brasileiro, como se todos partissem da mesma posição e tivessem a mesma condição de disputa, se expressa a luta de classes que não é percebida pelos estudantes por ser silenciosa e de difícil entendimento.

Por ficar com as ideias do senso comum, a classe trabalhadora e a ralé, não tendo consciência da luta de classes se tornam vítimas duas vezes. Uma por serem excluídas aos acessos dos capitais e outra por acreditar e defender os interesses da elite do dinheiro e da classe média como se fossem seus.

Por não perceber a luta de classes, os trabalhadores e a ralé não se tornam solidários entre si numa dimensão em que possam fazer o enfrentamento político pela ampliação de mais espaços na sociedade e nas lutas pelos orçamentos públicos destinados a ascensão social.

No caso específico das composições do TAL, no ano de 2013, olhando para a realidade brasileira, a classe média e a classe dos

“endinheirados” desejavam a mudança de governo. A elite desejava tal mudança porque queria o aumento do seu capital econômico com a elevação da taxa de juros, o fim do monopólio da Petrobrás na exploração do petróleo do Pré-Sal, entre outros.

A classe média, pelo medo de perder espaço que antes era de monopólio exclusivo seu, medo do fim dos privilégios de mão de obra farta e barata promovida pela ascensão da ralé, como a garantia de alguns direitos básicos da referida ralé.

Nos governos petistas, como houve a ascensão das classes de trabalhadores e da ralé, espaços que eram exclusivos da classe média passaram a ser ocupados também pelas classes populares, a saber: aeroportos, universidades. Além do acesso aos espaços referidos, passaram a disputar os empregos.

A classe média desejava obrigar as classes populares a se limitarem nos seus espaços tradicionais, mas não podia ser feito numa luta aberta e franca. Tinha que convencer e fazer que os seus interesses próprios se transformassem no interesse das classes populares.

A classe média consegue o sucesso sendo conduzida por uma imprensa que dá legitimação a sua causa. Traz para a discussão temas que são sensíveis para mobilizar toda a população que leva ao desgaste do governo e das políticas que levaram á ascensão, principalmente da ralé.

No período de 2013 a 2016, a classe média na grande mídia, no judiciário, no ministério público e nas ruas passam a ter uma ação em sincronia até a derrubada da presidente eleita. Tudo o que é feito em um espaço reforça o que será feito no outro. Souza (2016) afirma que a sintonia era tão grande que mais parecia o time de futebol do Barcelona jogando.

A rua sempre foi o espaço da luta política, de reivindicação por direitos das classes populares, mas no período de 2013 a 2016, a rua foi ocupada pela classe média.

A surpresa desse cenário é que Dilma Rousseff ganhou as eleições sem a tradicional militância e apoiadores do PT nas ruas, que sempre haviam aparecido como o grande sujeito político das vitórias petistas. De forma diversa, o discurso das ruas estava sendo construído pelos apoiadores de seu adversário, Aécio Neves, do PSDB. (Pinto, 2017, p. 145)

Como estudantes de uma escola pública todos pertencem às classes populares e, ao fazer a defesa de tais temas, contrariam aos interesses próprios. Só que esta situação não é percebida porque a realidade é distorcida pelo meio de comunicação com o objetivo de manipular as mentes.

A não consciência da luta de classes dos estudantes é que os leva a acreditar que somos um povo que vive nas mesmas condições, tendo chances e oportunidades semelhantes.

Mas cabe a pergunta: estes estudantes já tiveram a oportunidade de estudar e discutir a luta de classes? Ainda podemos acrescentar o questionamento: os seus professores têm consciência da luta de classes e expressam com clareza esta situação?

Como a escola pública pode oferecer as ferramentas para que a sua educação seja de fato libertadora? Com fazer para que ela não seja usada como instrumento de dominação das elites?

A dominação das elites de hoje não é feita pela força da violência física como no período de escravidão. Ela é feita pela força de uma narrativa que se impõe como uma violência simbólica levando a dominação e oprimindo as classes populares, pois tal narrativa dificulta a tomada de consciência.

A violência simbólica significa a construção de uma nova concepção de sociedade adequada aos interesses dos proprietários. A reprodução da dominação econômica passa a exigir mais que a mera coação física, que se torna crescentemente ilegítima se aplicada aos “homens de bem”, como a classe média se percebia. (SOUZA, 2017, p. 67)

No Brasil, a classe média é a responsável pela construção dessa narrativa reacionária e excludente que marcou a nossa história, apesar de que em alguns momentos, a classe trabalhadora tenha feito o confronto. Souza (2017) assinala que a classe média desde meados do século passado, é a tropa de choque dos ricos e endinheirados.

Segundo Souza (2016) a construção da Universidade de São Paulo (USP) foi uma reação da elite paulista, desbancada do poder político, de criar uma narrativa contra-hegemonia ideológica que opusesse à Revolução de 1930 de Getúlio Vargas, que passou a controlar o Estado. A USP desenvolveu as ideias de patrimonialismo e de populismo que contém o discurso elitista e conservador do liberalismo brasileiro que marca todo pensamento até o momento.

Ainda segundo Souza (2017) a ideia de populismo foi pensada para estigmatizar o legado de Getúlio Vargas, mas passou a ser usada para qualquer presença das massas na política. Dessa forma, sob a ideia do populismo, criminaliza a atenção dada à maioria dos pobres esquecida e que alguém, para se consolidar no poder, estaria se aproveitando da ingenuidade desses pobres. Nesta visão, a boa democracia é continuar com a política de atendimento aos privilegiados.

Em relação aos setores conservadores da classe média, também, sua arregimentação pela elite a partir da cantilena do populismo, que é a versão acadêmica do ódio aos pobres, apenas a torna agora muito mais explorada pela elite que defende, em troca da pífia manutenção da distância social em relação aos pobres. (SOUZA, 2017, p. 129)

Essas ideias ganharam o status de ciências, a grande imprensa repetiu-as nas suas análises consagrando-as. Dado o prestígio científico

a noção de populismo e a manipulação, da opinião pública, pela grande mídia, que a usa como arma política, passou a deslegitimar as políticas públicas de atendimento às necessidades das classes populares, tendo inclusive, apoio de parte dessas classes. “É assim que se consegue transformar uma ideia em uma arma política letal: quando ela passa a ser aceita como evidência não refletida, inclusive, por quem não tem nada a ganhar com elas” (SOUZA, 2017, p. 78).

É interessante notar que a noção de populismo, traz a ideia de que o povo é sempre manejado por um líder carismático que quer se perpetuar no poder e nunca de que o povo é controlado pela elite que o oprime e coloca-o ao seu serviço. Na perspectiva de Souza (2017) essa noção de populismo é a manipulação perfeita para demonizar figuras como Getúlio Vargas e Lula.

Coroada com o prestígio científico, a noção de populismo torna-se mais letal para as classes populares, por ser ensinada nas escolas e universidades que se tornam espaço de reprodução da dominação da elite, que perpetua no seio da sociedade brasileira a injusta desigualdade social. Como afirma Souza “[...] o populismo, o velho medo da ascensão das classes populares” (SOUZA, 2016, p. 82)

Em 1964, para dar o golpe militar, utilizou-se a narrativa de que o Brasil estava sob a ameaça comunista. Como demonstra Souza (2017) a noção de populismo casa-se com a de comunismo, devido ao clamor popular pelas reformas de base do governo de João Goulart que pudesse tornar o Brasil mais inclusivo. Então a fração conservadora da classe média, convocada pela mídia, foi para as ruas para fazer a “marcha da família, com Deus, pela liberdade”, oferecendo a base popular para as Forças Armadas fazerem o golpe para a elite do dinheiro.

Para Souza (2017) com a fundação do Partido dos Trabalhadores – PT, a partir de 1980, e os movimentos sociais, a narrativa dominante passou a ser confrontada, apesar do seu poder de fala ser mínimo e de

estar exposto à força de difamação sistemática da grande mídia, que faz a distorção dos fatos.

Com os trabalhadores, especialmente a partir dos anos 1980, com a fundação do PT, a situação de completa subjugação aos interesses elitistas pôde ser mitigada e contrabalançada em alguma medida. Os trabalhadores e os movimentos sociais das classes populares tiveram um mínimo de poder de fala, se bem que sempre vigiados de perto e expostos ao poder de difamação e distorção sistemática da informação pela grande imprensa. (SOUZA, 2017, p. 64)

Na visão de Souza (2016) o governo Lula adotou uma política onde todas as classes ganharam, principalmente os extremos: a elite do dinheiro e a ralé. Foi adotada a política de conciliação de classes que garantia as políticas de transferência de renda, elevação do salário mínimo para os mais pobres e, ao mesmo tempo, o apoio ao rentismo da classe dos proprietários. Mesmo assim, a elite e seus representantes olhavam com desconfiança.

Segundo Souza (2016) para reverter as políticas de autonomia popular entra a grande imprensa conservadora, agindo como partido político da classe dos endinheirados, manipulando, distorcendo as informações como a corrupção seletiva para destruir o PT, como o episódio do Mensalão em 2005. Ainda conforme Souza (2016) o Mensalão foi um ensaio geral para o golpe de 2016 ao reunir na mesma causa a mídia e o aparato jurídico-policial do Estado.

Como combate efetivo à corrupção é o último dos objetivos da nossa mídia-partido de elite, a estratégia é novelizar a política e reduzi-la ao embate mocinho versus bandido. O bandido é o PT e as classes populares, assim como o projeto popular que eles representam. O mocinho é o aparato jurídico-policial elevado a condição de paladino da higiene moral da nação. (SOUZA, 2016, p. 50)

O objetivo final da grande mídia, que posa de neutra e imparcial, é manipular o discurso para fazer a dominação de sempre e

obter os efeitos práticos da exploração que da elite dos proprietários sobre as classes populares, deixando-as na condição servil e dócil.

Na perspectiva de Souza (2016) a eleição da presidente Dilma em 2010 se deu num processo de celebração do sucesso do governo Lula e de esperanças de oportunidades para todos. Confiante na sua popularidade, a presidente rompe o acordo rentista com a elite dos proprietários com o objetivo de aprofundar a inclusão social com investimentos na geração de empregos, aumento da produtividade e do poder de consumo.

A atitude da presidente Dilma gerou o descontentamento da elite ao lhe diminuir o lucro fácil e rápido.

O novo contra-ataque do 'partido do dinheiro', a grande mídia, não tardou de acontecer – agora com o aprendizado oriundo do mensalão: não dá para derrubar um governo sem construir um arremedo de 'base social' para o golpe. A nova tática implicava o ataque sistemático e sem qualquer pausa ao governo e ao que ele representava. (SOUZA, 2016, p. 54)

Com as manifestações de 2013, que ficaram conhecidas como as “jornadas de junho”, que iniciaram em protesto ao aumento da passagem de ônibus na cidade de São Paulo, a elite do dinheiro começou a construção da “base social”, ao arregimentar a classe média e mantê-la mobilizada nas ruas para dar o golpe em 2016.

A partir do ano de 2015, início do segundo mandato da presidente Dilma, a elite do dinheiro já tinha o controle para trazer o governo asfocado e levar ao seu estrangulamento em 2016 ao ter sob seu domínio: a grande mídia, o aparato jurídico-policia, o Congresso Nacional e a “base social”, com a classe média mobilizada nas ruas.

A narrativa imposta, pela grande mídia, foi de uma enorme força que dificultava não só as ações do governo, mas principalmente, a capacidade de mobilização das classes populares para fazer a defesa das conquistas obtidas nos governos petistas, à medida que fazia a

manipulação e a distorção da notícia. “O trabalho de distorção sistemática da realidade realizado pela mídia foi extremamente facilitado pelo trabalho prévio de intelectuais que forjaram a visão dominante, até hoje, da sociedade brasileira”. (SOUZA, 2017, p. 14)

A resistência a essas narrativas que levaram a elite do dinheiro fazer a retomada do poder do Estado e a diminuição das políticas que induzem a autonomia popular é feita por muitos canais, mas principalmente, pelos blogs e as rede sociais, que divulgam o outro lado da notícia.

Essa resistência foi crucial para vencer a narrativa de que em 2016 aconteceu o impeachment da presidente Dilma. Atualmente, esse acontecimento histórico é tratado como o Golpe de 2016, inclusive diversas instituições e Ensino Superior adotaram o curso de Extensão “Golpe de 2016”, iniciado pela Universidade de Brasília (UnB).

A narrativa imposta por esta grande mídia conservadora é tão forte que não há exagero em referir-se a ela como o “braço armado”, pois quando os seus “canhões” se volta contra alguém que faz alguma coisa que a contraria, o ataque se assemelha a um cenário de guerra. Dessa forma, ela mantém servil, o governo, o congresso e o judiciário.

Fica evidente que a elite dos proprietários, para manter o seu acúmulo, usa a violência simbólica para punir quem contraria as suas aspirações e servir de exemplo para inibir futuras manifestações e fazer que seus subservientes atendam a seus interesses, assim como era nas sociedades escravocratas que usavam da violência física e moral contra o escravo para manter o regime de escravidão.

3. MARCO METODOLÓGICO

Nesta seção, delineamos o caminho percorrido e as estratégias utilizadas para realizar a análise dos conteúdos presentes nas produções do TAL. Nela, identificamos os atores envolvidos, descrevemos o espaço da pesquisa e as relações de poder entre eles estabelecidas por meio das escolhas das composições apreciadas.

Por se tratar de interpretações de uma produção de um discurso recorreremos a abordagem qualitativa utilizado o método de análise de conteúdo na perspectiva defendida por Bardin (1977) e Minayo (2001), que usam procedimentos que visam identificar os conteúdos presente nos discursos.

3.1 Construção, Organização e Análise dos Dados: Caminhos da Pesquisa

Esta pesquisa foi realizada em uma escola pública do sudoeste baiano. Atualmente a escola oferece a modalidade de Ensino Médio Integral, que funcionam nos turnos matutino e vespertino, a Educação de Jovens e Adultos - EJA e o Ensino Médio do tempo parcial, no noturno.

O objetivo desta pesquisa é analisar as produções resultantes do projeto estruturante Tempos de Artes Literária – TAL, dos alunos de um Colégio Estadual do sudoeste baiano, no ano de 2013. Portanto, os atores desta pesquisa são os estudantes que produziram os textos literários e participaram do sarau do ano citado acima. Dentre as composições foram selecionadas aquelas que apresentam alguma análise sobre o Brasil direta ou indiretamente.

Esta é uma pesquisa que procura dar uma explicação científica para as ideias que serviram de base para nortear as produções literárias

do TAL, que fazem interpretações da realidade brasileira, dentro do período histórico já citado. Entendemos que “O objetivo fundamental da pesquisa é descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos” (GIL, 2008, p. 26).

Entendemos por pesquisa a atividade básica da Ciência na sua indagação e construção da realidade. É a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade do mundo. Portanto, embora seja uma prática teórica, a pesquisa vincula pensamento e ação. (MINAYO, 2001, p. 17)

Amado (2013) chama atenção para a investigação em educação que não é o mesmo que investigar em qualquer área social devido à peculiaridade do fenômeno educativo. O conceito de educação está relacionado ao “[...] conceito de ser humano, uma vez que é este ser humano o sujeito da educação, o sujeito a educar” (AMADO, 2013, p. 20).

A educação tem a competência de trabalhar pela realização da dimensão moral, aperfeiçoando cada ser humano nos mais diversos aspectos: espiritual, moral, cognitivo, social, cultural, etc, com o propósito de torná-lo melhor. Significa que o ser humano absorve valores para a convivência comunitária como a compreensão, a tolerância e a amizade.

Como explicação da realidade, a ciência tem sobreposto às outras formas de conhecimentos, segundo Minayo (2001) por duas formas: uma porque tem a possibilidade de responder as questões técnicas e tecnológicas e outra porque os cientistas tem conseguido estabelecer uma linguagem para a compreensão do mundo, das coisas, dos fenômenos, dos processos e das relações fundamentada em conceitos, métodos e técnicas.

O nosso propósito de fazer a análise dessas composições caminha no sentido de compreender o processo de interpretação da realidade brasileira que são usados na construção do pensamento estudantil, no âmbito do Ensino Médio. Para isso, fizemos o uso de uma metodologia,

recorrendo a métodos e técnicas adequadas para a análise deste objeto de estudo. Concordamos com Martins (2004) que “[...] metodologia é, pois, uma disciplina instrumental a serviço da pesquisa; nela, toda questão técnica implica uma discussão teórica” (MARTINS, 2004, p. 291).

Para Minayo (2001), a metodologia e a teoria caminham juntas, porém a metodologia ocupa um lugar central na teoria. “A metodologia inclui as concepções teóricas de abordagem, o conjunto de técnicas que possibilitam a construção da realidade e o sopro divino do potencial criativo do investigador” (Minayo, 2001, p. 16)

Enquanto “[...] a teoria é construída para explicar ou compreender um fenômeno, um processo ou um conjunto de fenômenos e processos. Este conjunto citado constitui o domínio empírico da teoria, pois esta tem sempre um caráter abstrato” (MINAYIO, 2001, p. 18).

Adotamos a metodologia baseada numa abordagem qualitativa, que segundo Martins (2004), privilegia a análise de microprocessos, através do estudo das ações sociais individuais e grupais, realizando um exame intensivo dos dados, tanto em amplitude quanto em profundidade. Outra característica importante da metodologia qualitativa consiste na heterodoxia no momento.

De acordo com Minayo (2001):

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 2001, p. 22)

Neste caso, a nossa pesquisa que se apoia na abordagem qualitativa irá analisar o conteúdo das produções dos estudantes detalhadamente, procurando identificar as suas ideias manifestadas nos

textos, buscando compreender as experiências de vida, as influências que receberam e os valores que cultivaram.

O distanciamento temporal do momento da produção e de sua análise favoreceu a rigorosidade e o comprometimento com a neutralidade e objetividade do conhecimento científico, condição que contribuiu para não ser traído pela subjetividade no tratamento dos dados.

O momento histórico das produções dessas composições artísticas coincide com as manifestações que ocorreram nas capitais brasileiras que tiveram forte apoio das grandes redes de comunicação do Brasil, que incentivaram principalmente os jovens a participarem.

Nesta pesquisa vamos identificar se existe um padrão ideológico nas determinadas produções, para isso recorreremos à técnica de análise de conteúdo que, segundo Bardin (1977), trabalha a palavra e tenta compreender os participantes ou o ambiente num momento determinado.

A autora citada acima define a análise de conteúdo como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (BARDIN, 1977, p. 42)

Assim, reconstruímos o momento histórico para entendermos a situação que estes estudantes estavam condicionados e sabermos as consequências do referido momento para as crises políticas, econômica e social que culminaram com a perda de direitos das classes populares.

Fazendo uma distinção entre a linguística e a análise de conteúdo Bardin (1977) aborda que a linguística estabelece o manual do jogo da língua; a análise de conteúdo tenta compreender os jogadores ou o ambiente do jogo num momento determinado, com o contributo das partes observáveis.

Moraes (1999) acrescenta que a análise de conteúdo constitui uma metodologia de pesquisa usada para descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos e textos. Como também ajuda a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão de seus significados num nível que vai além de uma leitura comum. Serve de suporte para captar seu sentido simbólico. Este sentido nem sempre é manifesto e o seu significado não é único.

Como método de investigação, a análise de conteúdo é uma ferramenta que diante dos diversos problemas possui procedimentos para o processamento de dados científicos, frente a uma grande abundância de formas da comunicação.

Amado (2013) aponta que o aspecto mais importante da análise de conteúdo é que ela permite o avanço da captação do sentido pleno quando o investigador faz suas inferências interpretativas por zonas menos evidentes constituídas pelo contexto ou condições de produção, além de uma rigorosa e objetiva representação dos conteúdos da mensagem.

Para Minayo (2001) a análise de conteúdo apresenta duas funções: uma se refere à verificação e hipóteses e/ou questões, a outra função diz respeito à descoberta do que está por trás dos conteúdos manifestos, indo além das aparências do que está sendo comunicado. Porém as duas funções podem se complementar.

Ainda segundo Minayo (2001) os empregos da análise de conteúdo são bastante variados, servem para analisar obras de um romancista para identificar seu estilo, analisar depoimentos de telespectadores que assistem a uma determinada emissora ou de leitores de um determinado jornal para determinar os efeitos dos meios de comunicação de massa, analisar textos de livros e depoimentos.

Os objetivos da pesquisa em análise de conteúdo, na visão de Moraes (1999) poderão ser constituídos a partir de um ou mais dos

seguintes focos: quem fala? (investigar quem emite a mensagem); para dizer o que? (investiga a mensagem); a quem? (a investigação focaliza o receptor); de que modo? (à forma como a comunicação se processa, seus códigos, seu estilo); com que finalidade? (analisa os objetivos); com que resultados? (descrever os resultados da comunicação).

Recorrendo a visão de Moraes (1999), citada acima, afirmamos que os objetivos desta pesquisa, parte do foco da mensagem (para dizer o que?) que foram os textos produzidos pelos estudantes no ano de 2013, em uma escola estadual do sudoeste da Bahia, como o foco mais importante, mas queremos abordar também o foco dos resultados dessa comunicação (com que resultados) que foram as consequências das ideias defendidas nas mensagens.

Mas qual é o campo de atuação da análise de conteúdo? Para responder esta pergunta, recorreremos a Bardin (1977) que afirma que é muito vasto por ser um conjunto de técnicas de análise das comunicações, podendo recorrer a diferentes procedimentos de análise:

Pôr em evidência a respiração de uma entrevista não diretiva; - desmascarar a axiologia subjacente aos manuais escolares; - estabelecer uma tipologia das aspirações maritais, nos anúncios matrimoniais do chasseur français; - medir a implicação do político nos seus discursos; - seguir a evolução da moral da nossa época, por meio de anúncios de uma revista; - radiografar a rede das comunicações formais e informais de uma empresa a partir das ordens de serviço ou das chamadas telefônicas; - avaliar a importância do "interdito" na sinalização urbana; - encontrar o inconsciente coletivo, por detrás da aparente incoerência dos grafites inscritos em locais públicos; - por em relevo o esqueleto ou a estrutura da narrativa das histórias humorísticas; fazer o recenseamento do repertório semântico ou sintaxe de base de um setor publicitário; - compreender os estereótipos do papel da mulher, no enredo fotonovelístico; - provar que os objetos da nossa vida cotidiana funcionam como uma linguagem, que nosso apartamento "fala". (BARDIN, 1977, p. 32)

Por se tratar de tudo o que é comunicação, análise de conteúdo tem sua aplicabilidade muito extensiva sobre o que está escrito, o oral, o icônico e outros códigos semióticos, envolvendo uma pessoa, um grupo

ou a comunicação de massa, utilizando: da comunicação escrita como agendas, diários íntimos como também de cartas, respostas a questionários, trabalhos escolares, comunicações oficiais, jornais, livros, anúncios publicitários; da comunicação oral como delírio de um doente, entrevistas, discussões, discursos, rádio, televisão; do icônico como garatujas, comunicação por meio de imagens, símbolos icônicos de uma sociedade secreta, sinais de trânsito, cinema, publicidade; os códigos semióticos como o comportamento, sinais patológicos, tiques, dança, manifestações emocionais, monumento, artes entre outros. (BARDIN, 1977)

Moraes (1999) chama atenção que, inicialmente, a análise de conteúdo se preocupava mais com o significado das mensagens para os receptores, com o passar do tempo, à medida que a metodologia foi evoluindo, a investigação passou a dar importância cada vez maior tanto no processo como no produto, observando tanto o emissor como o receptor.

Como método, a análise de conteúdo é dividida em fases que devem ser seguidas ordinariamente para que a pesquisa possa oferecer os resultados que tenha validade científica. Nesse sentido, apesar de ter outras divisões, temos como referência as fases descritas por Bardin (1977): 1) a pré-análise; 2) a exploração do material; 3) o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

A primeira fase, a pré-análise, é o início, onde tudo é organizado “possui três missões: a escolha dos documentos a serem submetidos à análise, a formulação das hipóteses e dos objetivos e a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final” (BARDIN, 1977, p. 95).

Bardin (1977) afirma que as escolhas dos documentos devem ser efetuadas a partir da constituição de um corpus (o corpus é o conjunto dos documentos tidos em conta para serem submetidos aos

procedimentos analíticos), devem obedecer às regras seguintes: a) regra da exaustividade - não se pode deixar de fora qualquer um dos elementos; b) regra da representatividade – as amostras têm que representar o todo; c) regra da homogeneidade – deve obedecer a critérios de escolhas; d) regra de pertinência – os documentos devem ser adequados.

Continua descrevendo Bardin (1977) que a formulação das hipóteses e dos objetivos recorrem às proposições de análise. A hipótese é uma afirmação que precisa ser comprovada, válida como uma pré-visão que poderá ser confirmada ou não. O objetivo é a meta a que se propõe.

Para concluir a pré-análise, Bardin (1977) aponta que a elaboração de indicadores e referenciação dos índices são a última missão. Os índices são escolhidos a partir dos documentos e a partir deles são construídos os indicadores.

Na segunda fase, a exploração do material, Bardin (1977) afirma que este já deve estar todo preparado para fazer análise efetivamente e seguir de maneira sistemática das decisões tomadas. Esta fase é muito extensa e laboriosa, pois faz parte da mesma a codificação e categorização.

Codificação corresponde ao tratamento do material para a análise, partindo dos dados brutos para chegar a uma representação que poderá servir de índices e, a partir destes, encontrar os indicadores. Bardin (1977 *apud* O. R. Holsti 1969): “[...] a codificação é o processo pelo qual os dados brutos são transformados sistematicamente e agregados em unidades, as quais permitem uma descrição exata das características pertinentes do conteúdo” (BARDIN, 1977, p. 103).

Nesta fase é necessário realizar o recorte que são as escolhas das unidades de registro e de contexto. A unidade de registro é sempre de ordem semântica como a palavra, a frase, o tema. Minayo (2001) afirma que “Podemos utilizar a palavra como uma unidade, trabalhando com

todas as palavras de um texto ou com apenas algumas que são destacadas de acordo com a finalidade do estudo” (MINAYO, 2001, P. 75).

Descrevendo sobre o processo de unitarização, Moraes (1999) aconselha que o pesquisador deve “[...] reler cuidadosamente os materiais com a finalidade de definir a unidade de análise. [...] A unidade de análise é o elemento unitário de conteúdo a ser submetido posteriormente à classificação” (MORAES, 1999, p. 05)

De acordo Bardin (1977) também fazemos uso da frase e do tema que faz referência a algo maior, naturalmente, este último é o mais usado, pois examina as motivações, envolvendo as opiniões, atitudes, valores, crença e tendências.

Ainda temos, segundo Bardin (1977) como unidade de registro o objeto, o personagem, o acontecimento e o documento. A unidade de contexto serve para compreender e codificar a unidade de registro, ou seja, para interpretar adequadamente as mensagens, faz-se necessário entender o contexto para captar o seu verdadeiro sentido.

Uma abordagem qualitativa da análise de conteúdo é realizada a partir da palavra, do tema, do acontecimento, do documento, etc, e não na frequência de determinados elementos da mensagem, como é na abordagem quantitativa, no entendimento de Bardin(1977)

A categorização, no julgamento de Bardin (1977), é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, diferenciando-os para depois fazer o reagrupamento segundo o gênero, com os critérios previamente definidos. As categorias são classes que são agrupadas sob um título geral por apresentar características comuns. Neste sentido é composta de duas etapas: o inventário (separar os elementos) e a classificação (organizar segundo um critério).

Completa Bardin (1977), uma boa categorização tem que possuir as seguintes qualidades: a exclusão mútua (um elemento não pode pertencer a mais de uma divisão); a homogeneidade (um único princípio de classificação); a pertinência (pertence ao quadro teórico definido); a objetividade e a fidelidade (devem ser codificadas da mesma maneira, mesmo quando submetida a várias análises); a produtividade (fornece resultados férteis).

Minayo (2001) afirma que, de um modo geral, pode fazer o uso de categoria em qualquer tipo de análise em pesquisa qualitativa. Podem ser definidas previamente antes do trabalho de campo, na fase exploratória da pesquisa, ou após a coleta de dados. “Aqueles estabelecidas antes são conceitos mais gerais e mais abstratos. Esse tipo requer uma fundamentação teórica sólida por parte do pesquisador. Já as que são formuladas a partir da coleta de dados são mais específicas e mais concretas” (MINAYO, 2001, p. 70).

Ela defende que o pesquisador deveria definir as categorias antes do trabalho de campo e depois da coleta refazê-las. Mas alerta que nem sempre é simples a tarefa de estabelecer categorias, essa tarefa pode ser uma ação complexa, porém, essa dificuldade pode ser vencida com a fundamentação e a experiência do pesquisador.

Moraes (1999) chama atenção para o fato de que a análise do material se processa de forma cíclica e circular, e não de forma linear. O pesquisador tem que se esforçar para extrair o significado dos dados, pois os dados não falam por si. É necessário realizar o retorno periódico, numa atitude de aprimoramento contínuo à procura de significados, buscando atingir novas compreensões.

Na terceira fase apresentada por Bardin (1977), a fase do tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação, neste momento deve aparecer o saldo, onde o pesquisador irá apresentar as inferências e interpretações da mensagem que tem um emissor, produtor do discurso;

um receptor, destinatário desta mensagem, dirigida a ele para produzir um determinado agir; a mensagem que constitui o principal documento para fazer a análise e, por fim, o instrumento, o suporte material, também pode afirmar o veículo de transporte da mensagem.

Neste momento é feita a descrição que, segundo Moraes (1999), é de extrema importância na análise de conteúdo, pois tem a necessidade de proclamar os significados captados e intuídos nas mensagens analisadas. Numa abordagem qualitativa, para cada categoria será produzido um texto que expresse o conjunto de significados presentes nas diversas unidades de análise. A partir da descrição faz-se a interpretação, ou seja, procura atingir a compreensão dos conteúdos manifestos pelos autores, como também dos conteúdos latentes, ocultados consciente ou inconscientemente.

3.2 Tipo de Pesquisa

Assim, nossa pesquisa que se apoia na abordagem qualitativa irá analisar os conteúdos das produções dos estudantes detalhadamente, procurando identificar não só as suas ideias manifestadas nos textos, mas também os conteúdos latentes que não foram expressos, por uma questão de escolha ou de forma inconsciente. Faz-se necessário o entendimento das produções dos estudantes além da leitura comum.

Na primeira fase da nossa pesquisa, a pré-análise, como nos orienta Bardin (1977), foram feitas as coletas dos documentos, que são os poemas apresentados no sarau do ano de 2013, disponíveis nos arquivos da escola; documento orientador, acessado no site da Secretaria Estadual de Educação da Bahia.

Realizamos também o levantamento bibliográfico recolhendo livros, teses e artigos que já haviam discutido o tema. Fizemos ainda entrevista

estruturada com a aluna que cumpriu todas as etapas do projeto para compreender os significados do TAL para a sua vida estudantil.

Como nos ensina Minayo (2001), a entrevista estruturada é aquela que apresenta as perguntas previamente formuladas ao participante da pesquisa e, a entrevista não-estruturada, acontece quando o entrevistado fala livremente do tema proposto. Na nossa pesquisa, buscamos obter informações sobre os significados do projeto da vida da estudante a partir de perguntas preparadas com antecedência.

Além disso, inventariamos as manchetes das principais revistas de circulação nacional do período de março a julho de 2013. (apêndice I)

Durante a fase da pré-análise foram estabelecidos os objetivos: compreender o contexto histórico que balizaram as produções do TAL de um colégio estadual do sudoeste baiano, no ano de 2013; verificar como as produções artísticas literárias apresentadas pelos alunos do colégio no TAL do ano de 2013 refletem elementos da criticidade da realidade do momento; averiguar se os alunos são influenciados pela discussão em sala de aula ou pela discussão abordada pela grande mídia; identificar se a mídia está pautando ideologicamente a formação do aluno, se o trabalho pedagógico está sendo uma reprodução das ideias políticas da burguesia dominante.

Levantamos ainda as seguintes hipóteses: as produções dos estudantes são diretamente influenciadas pelos meios de comunicação que apresentam o posicionamento da classe dominante; as produções são resultado do currículo oculto, embrenhado nas atitudes, ideias e ações de todos que fazem a escola; as produções são resultado da compreensão e leitura que eles fazem da realidade em que vivem; as produções são decorrentes das temáticas que invadiram os programas midiáticos e, conseqüentemente, o tema seria de interesse social, o que tornaria um forte concorrente.

Durante a pré-análise, surgiram indicadores de que as ideias que aparecem nas produções foram reproduzidas do posicionamento da classe dominante, veiculadas pela grande mídia, sendo resultado da luta de classe, que faz uso da violência simbólica para controlar as consciências das classes média e populares.

3.3 Instrumento de Pesquisa: exploração do material

A fim de responder os questionamentos iniciais deste trabalho, buscamos nas análises da entrevista realizada com a estudante da unidade escolar que passou por todas as fases do projeto TAL, ou seja, participou da fase escolar, regional e estadual, compreender os significados dessas vivências para o seu percurso estudantil. Para isso, utilizamos entrevista semiestruturada.

O uso da entrevista como técnica de investigação permite que adentremos ao entorno do mundo subjetivo dos participantes “[...] numa tentativa de entender o significado que eles dão as suas próprias ações, o sentido que dão as suas vidas ou aspectos circunscritos dela, as interpretações que fazem das situações em que estão ou estiveram envolvidos, etc.” (AMADO, 2013, p.12).

Esta pesquisa apresenta o caráter eminentemente qualitativo, pois está vinculada às questões que perpassam o campo do poder da singularidade, da subjetividade e do posicionamento político de cada estudante, por isso somente essa abordagem dá conta dessa investigação, uma vez que não tem como quantificar, enumerar, comparar, tampouco, mensurar dados.

Tendo em vista que o nosso objeto estudo são as ideias que estão por trás das produções literárias do TAL que são os conceitos de personalismo, patrimonialismo e o populismo reproduzidos pela grande mídia e a escola, apoiado na abordagem teórico-metodológica de caráter

qualitativo realizamos o exame dos documentos que são os poemas que faz análise da realidade brasileira.

Os dados que apresentamos aqui é resultado da entrevista semiestruturada com a estudante que participou de todas as fases do projeto e análise documental das produções estudantis já citadas acima, consequência de uma escolha metodológica que permitiu a produção das informações necessárias na relação com o campo empírico desta pesquisa.

Na segunda fase da nossa pesquisa, a exploração do material, como nos ensina Bardin (1977), foi realizada por meio da leitura minuciosa e reflexiva dos poemas. A partir dessa leitura foi construída a seguinte tabulação:

Quadro I - CLASSIFICAÇÃO DAS PRODUÇÕES LITERÁRIAS DOS ESTUDANTES

ANÁLISES SOBRE A SITUAÇÃO DO BRASIL	SUBJETIVIDADE	CRIMINALIDADE E PROBLEMAS VIVIDOS POR MULHERES	DINHEIRO
<ul style="list-style-type: none"> ✓ As verdades do País~ ✓ Brasil, um país de conquista ✓ Acorda Brasil! ✓ O povo que paga ✓ Chuva esperançosa ✓ Dificuldades ✓ Brasil ✓ Disputa pelo poder 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Meu eu ✓ Você no meu eu ✓ Quem sou eu? (<i>traz versos que fazem referências a manifestação de 2013</i>) 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Essa tal humanidade ✓ Uma vida amargurada ✓ Tráfico humano ✓ Minha história de infância 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ O dinheiro

Fonte: Tabela elaborada pelo pesquisador em 2018.

Após a comparação do anexo I, das manchetes das principais revistas de circulação nacional, com o quadro I, classificação das produções literárias dos estudantes, chegamos à conclusão de focarmos nossa pesquisa no período histórico das produções do TAL, momento que ocorreram as manifestações e ficaram conhecidas como “Jornadas de Junho”, sucedidas em junho de 2013, que tiveram grande influência sobre as composições dos estudantes.

As Manifestações iniciaram contra um aumento de R\$ 0,20 (vinte centavos) na tarifa de ônibus na cidade de São Paulo, portanto uma questão municipal, convocada pelo Movimento Passe Livre (MPL), mas depois foi apropriada pela classe média que federalizou a sua pauta, passando a discutir questões sociais e políticas do Brasil, conforme mostra o quadro a seguir:

Quadro II - PAUTAS DAS MANIFESTAÇÕES E POSTURA DA GRANDE MÍDIA/ MANIFESTANTES

	MANIFESTANTES	
	Movimento Passe Livre – MPL	Classe Média
Pautas	Contra o aumento de R\$ 0,20	<ul style="list-style-type: none"> - Não só pelos R\$ 0,20 - Contra a corrupção - Contra a PEC 37 - Defendendo a antipolítica e antipartido - Contra a inflação e custo de vida - Saúde educação - Contra os gastos com a copa
Postura da grande mídia	Criminalizando: relatando problemas de trânsito, transtorno para a população.	Apoiando: exaltando as manifestações colocando-a como a “expressão da cidadania”

Fonte: Tabela elaborada pelo pesquisador em 2018, a partir das leituras de Souza (2016)

No quadro II foi incluída a postura da grande mídia para fazer um paralelo do tipo de cobertura jornalística associada às pautas e aos manifestantes e assim serem melhor avaliadas as ideias que aparecem nos textos.

3.4 Amostra

A partir da confrontação do quadro I, classificação das produções literárias dos estudantes, com o quadro II, pautas das manifestantes e postura da grande mídia/manifestantes, que apresenta as pautas e a postura da grande mídia, decidimos delimitar a nossa pesquisa aos

poemas que fazem “análises sobre a situação do Brasil”, descritos na primeira coluna do gráfico. Foi incluído, como exceção, o poema “Quem sou eu”, que está na segunda coluna, porque o mesmo tem versos que tratam das manifestações.

A escolha dessas produções decorre do fato de que os temas que são defendidos nas manifestações, alguns também foram abordados nos textos dos estudantes. Outro elemento é a defesa de mudança presente nas reivindicações, que aparecem também nos referidos textos. O quadro a seguir mostra as pautas e as composições que trazem a referida discussão:

Quadro III - PAUTAS DAS MANIFESTAÇÕES X COMPOSIÇÕES ESTUDANTIL

Composições/Temas				
Saúde e educação	Corrupção	Pec 37	Criminalização política/reforma política	Manifestação
	<ul style="list-style-type: none"> As verdades do país 		<ul style="list-style-type: none"> As verdades do país 	<ul style="list-style-type: none"> As verdades do país
<ul style="list-style-type: none"> Brasil, um país de conquista 	<ul style="list-style-type: none"> Brasil, um país de conquista 		<ul style="list-style-type: none"> Brasil, um país de conquista 	<ul style="list-style-type: none"> Brasil, um país de conquista
	<ul style="list-style-type: none"> Acorda Brasil! 	<ul style="list-style-type: none"> Acorda Brasil! 	<ul style="list-style-type: none"> Acorda Brasil! 	<ul style="list-style-type: none"> Acorda Brasil!
<ul style="list-style-type: none"> Dificuldades 				
	<ul style="list-style-type: none"> O povo que paga 		<ul style="list-style-type: none"> O povo que paga 	
<ul style="list-style-type: none"> Brasil 				<ul style="list-style-type: none"> Que sou eu?

Fonte: Tabela elaborada pelo pesquisador em 2018.

Dentre os textos que fazem análises sobre a situação do Brasil um não está citado no quadro acima (A chuva esperançosa) por não realizar a defesa envolvendo os temas das manifestações, mas foi utilizado porque serviu para a compreensão do pensamento estudantil acerca da interpretação social e política do país.

3.5 Categorização

A exploração do material serviu para definir as categorias corrupção, classe social, violência simbólica, manifestação e criminalização da política/reforma política. Pretendemos perceber por meio da análise dos poemas como os alunos da educação básica, especificamente de nível médio do colégio estadual do sudoeste da Bahia, compreendem e interpretam a realidade social e política.

Na Terceira fase da nossa pesquisa, tratamos os resultados, a inferência e a interpretação, fomos à procura de desvendar o que está por trás das ideias expressas, indo além do que os vocábulos apresentam imediatamente, uma vez que buscamos os significados que estão escondidos nas palavras.

É preciso ultrapassar os limites aparentes e chegar à mensagem que está por trás. Como estas produções são de livre determinação dos próprios estudantes, questionamos como cada um escolheu o seu tema. Acreditamos que as motivações foram diversas, mas cada um a fez a partir daquilo que acha importante expressar.

Bardin (1977) aborda que a análise de conteúdo tenta compreender os jogadores ou o ambiente do jogo num momento determinado. Na nossa pesquisa os jogadores são os estudantes em um período histórico, influenciados por acontecimentos específicos, de propostas pedagógicas trabalhadas em sala de aula e por um contexto social, econômico e político.

Para compreender os “jogadores”, na expressão de Bardin(1977), faz-se necessário entender como se deu a construção da identidade nacional que ocorreu com enormes dificuldades, mas que foi feita de forma gradativa, enfrentando adversidades como as dimensões continentais, a falta de comunicação entre as diversas regiões, uma população de escravos e homens livres analfabetos e semianalfabetos.

Na percepção de Souza (2017), a identidade nacional valorizava as paisagens naturais inicialmente, mas aos poucos passou a apreciar a

cultura que é fruto da mistura étnica e cultural. Segundo ele, a brasilidade, da qual Freyre é o sistematizador, foi institucionalizada pelo poder do aparelho de Estado, que considera a união, assim como a solidariedade e o amor entre raças e culturas. Hoje em dia, o mito freyriano da identidade brasileira é parte da alma de todo brasileiro sem exceção, que acredita que nenhum povo é mais caloroso, simpático e sensual. Somos um povo cordial e avesso a toda forma de conflito e de crítica (SOUZA, 2017).

Em se tratando do “ambiente”, que na nossa pesquisa se refere mais à situação política e social mais diretamente no ano de 2013, é bastante peculiar pois esse espaço foi propulsor de instabilidade política, social, jurídica que se sucederam nos anos posteriores e que está em grande efervescência na atualidade.

No referido ano, muitos fatos culminaram as crises que o Brasil enfrenta atualmente: crise política, institucional e a demolição dos direitos e garantias conquistadas pelos trabalhadores ao longo da sua história.

Neste ano, ocorreram grandes protestos, apoiados pelos meios de comunicação de massa. Souza (2016) afirma que as manifestações de 2013 marcam um ponto de virada da hegemonia ideológica das altas taxas de aprovação aos presidentes petistas. Foi o início do cerco ideológico que resultou no impedimento da presidente eleita.

Esperamos entender qual foi o poder de influência dessa cobertura nos textos produzidos pelos estudantes. A compreensão deste ambiente é fundamental para compreendermos o conteúdo que se fez presente nas produções e ademais, para dar luzes na compreensão do momento presente.

Acreditamos que os estudos e discussões desta pesquisa contribuam para fortalecer as práticas educativas libertadoras na formação cidadã e no combate às ideologias que visam à opressão. Concordamos com Menezes (2014) que afirma que a educação libertadora tem como objetivo desenvolver a consciência crítica capaz de

perceber os fios que tecem a realidade social e superar a ideologia da opressão, da consciência ingênua, acrítica.

3.6 Universo da pesquisa

A escola pública do sudoeste baiano na qual fizemos a pesquisa é uma instituição de ensino, mantida pela Secretaria Estadual de Educação da Bahia. Atualmente, funciona nos três turnos e oferece somente o Ensino Médio: 07 turmas em tempo integral, 06 turmas em tempo parcial e 02 turmas de Educação de Jovens e Adultos – EJA, no noturno.

Segundo os dados do Sistema de Gestão Educacional – SGE, a matrícula inicial no ano letivo de 2018 na escola foi da seguinte forma: 244 estudantes do tempo integral, 150 estudantes do tempo parcial e 61 estudantes da EJA, num total de 455 alunos. Estes são oriundos tanto do campo como da cidade. Os que moram na zona rural fazem o uso do transporte escolar diariamente para participarem das aulas.

A escola foi fundada em 1953 e funcionava como uma Escola Rural Mista, que contava apenas com uma sala de aula que estudavam crianças da 1ª à 4ª séries do Ensino Fundamental. A estrutura física inicial era uma sala de aula conjugada com uma casa pequena e simples na qual residia o professor que ministrava as aulas.

Segundo os dados do Projeto Político Pedagógico – PPP somente no final da década de 50 que a instituição tornou-se uma escola pública estadual. Em 1963 passaram a funcionar 03 salas de aula. Já em 1967 começou a funcionar nos turnos matutino e vespertino e o número de salas foi ampliado para 05, oferecendo somente as séries iniciais. Em 1999 iniciou-se o Ensino Fundamental de 5ª a 8ª série e em 2002, o Ensino Médio, sendo que a partir do ano de 2009, passa a oferecer somente esta última modalidade.

A referida escola fica em um pequeno município, onde as pessoas têm um padrão de vida simples, vivem principalmente da atividade agropecuária, tendo a agricultura familiar como base da economia. Plantam milho, feijão, sorgo e criam o gado bovino para a produção de carne e leite. Outra parcela da população vive da prestação de serviços para o setor público, para o comércio ou do trabalho informal.

Com uma população estimada de 14.792 habitantes, em 2017, de acordo com os dados do IBGE, está situado a 702 km de Salvador, com uma área de 418 km², com o Índice de Desenvolvimento Humano – IDH/2010 é de 0,591, indicador considerado baixo de acordo com o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – PNUD.

Neste contexto existe uma boa quantidade de pessoas que é beneficiária do programa social Bolsa Família - do Governo Federal, contribui fortemente para a melhoria da renda das famílias, além dessa renda a presença de um aposentado do INSS também contribui para o fortalecimento da economia local.

Em relação ao projeto TAL a escola fez adesão desde a sua criação no ano de 2009 e realizou saraus escolares em todos os anos seguintes, participando também das fases regionais. Em 2015, o poema de uma estudante foi selecionado para a etapa estadual.

Um fenômeno que marca decisivamente a maioria das famílias é a migração. Uma pequena parte sai para estudar, mas a maioria migra para procurar uma condição de vida melhor. Dentre estes tem aqueles que saem temporariamente e retornam, é a migração sazonal, normalmente são os homens que vão à procura da subsistência e as mulheres ficam em casa cuidando dos filhos. Por causa disso, estas mulheres são denominadas “viúvas da seca”.

Dentre os que migram em busca de uma vida melhor tem aqueles que mudam definitivamente, normalmente são os jovens que veem poucas perspectivas de uma vida digna no município. É importante

chamar a atenção para esse fenômeno, pois quantia significativa dos jovens que concluem o Ensino Médio vão embora para o estado de São Paulo na tentativa de encontrar um trabalho que lhes possibilitem uma esperança de vida melhor.

3.7 Sujeitos da pesquisa

Os sujeitos desta pesquisa são os alunos de um colégio estadual, especificamente aqueles participantes do Projeto Tempos de Artes Literárias – TAL, no ano letivo de 2013, que apresentaram no sarau da fase escolar e fizeram alguma análise sobre o Brasil. Sendo esta análise de natureza política, social ou econômica.

Para preservar o anonimato dos estudantes atribuímos a eles outros nomes. Estes nomes foram escolhidos tendo como referências os nomes de pedras preciosas. Esta escolha foi intencional, pois a pedra preciosa é um tesouro que precisa ser lapidado para mostrar toda sua beleza.

Os estudantes ao comporem os seus poemas mostraram que carregam dentro de si uma enorme riqueza. O nome é sugestivo, pois como pedra preciosa, já tem o valor em si, mas que pode tornar ainda mais bela com o processo de lapidação que ocorre pela via educacional.

Ao analisarmos as composições percebemos que os estudantes foram criativos na construção dos textos, fizeram usos de conhecimentos científicos e literários o que reforça nossa intenção de classificá-los como pedras preciosas.

Reforçando o sentido de preservação das identidades dos estudantes iremos apresentar os textos, sem apresentação de nenhuma característica física, psíquica ou instrucional. Assim, os nomes próprios já foram substituídos, conforme já descrito acima.

4 DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, apresentamos a percepção dos estudantes a respeito do que foram as manifestações de 2013, para isso verificamos como o tema da corrupção é abordado e visibilizado a partir das referidas manifestações no do texto literário dos alunos, além disso, analisamos o conceito, da política partidária que passou a ser percebida como uma ação negativa, que deve ser criminalizada, e também observamos como se apropriaram dos conhecimentos sobre a PEC 37.

Ainda realizamos a interpretação das composições desses estudantes, buscando compreender o porquê eles apresentam a abordagem que fizeram e para que fim esse discurso foi utilizado.

4.1 A percepção da estudante sobre o TAL

Mas qual é a percepção dos estudantes que já participaram do projeto? Para responder a este questionamento, vamos apresentar os significados do projeto TAL para a estudante Pérola que participou das três fases, portanto teve a vivência completa e por isso tem como falar com propriedade.

Escrevo sobre o que sinto, sobre o que está dentro de mim.
Com a caneta e o papel eu tenho a liberdade de expressar e
deixar a minha marca!

A estudante mostra que tem a liberdade de escolha do tema da sua produção, por isso escreve sobre o que sente a partir da sua intuição. Acrescenta ainda que tem chance de deixar a sua marca, ou seja, vê o projeto como oportunidade de construir a sua identidade social. Fala ainda da liberdade de expressão, sentido que vai além da escolha do

tema, o que significa que está livre de qualquer amarra que a prive de externar a sua visão.

Participar do TAL foi uma das oportunidades que surgiu em minha vida que jamais irei esquecer. Só tenho gratidão por isso! Com o TAL eu aprendi inúmeras coisas boas. No começo não foi fácil, pois além da timidez havia também a falta de segurança em mim mesma. O pessimismo, a incerteza, a vergonha, o medo...

Pérola além de autora foi interprete de seus próprios poemas. Por isso, a estudante expressa sua gratidão ao projeto TAL o qual a possibilitou muitas aprendizagens. O exercício da produção textual lhe trouxe autoconfiança, fé e orgulho de si mesma e o exercício da interpretação a ajudou superar muitas dificuldades como a timidez, a falta de autoconfiança, o medo, a vergonha, o pessimismo. O projeto a levou ao relacionamento com o seu “eu” e permitiu um autoconhecimento, conforto da alma e a formação da sua espiritualidade.

Mas com o projeto eu vi o quanto seria bom participar para aprender comigo mesma e com os colegas. Cada poesia e cada ano no TAL era uma etapa maravilhosa. A Vitória não era apenas levar o prêmio de primeiro lugar, mas sim vencer todos os sentimentos ruins que surgiam para causar desânimo e medo.

Participar do TAL para Pérola foi uma oportunidade de aprendizagem com os colegas e consigo mesma. Foi ele que a permitiu encontrar o conhecimento em si mesmo por meio das suas reflexões. A estudante vivencia, por meio do projeto, a metodologia socrática, que é do autoconhecimento e de encontrar as suas respostas através de uma busca interna.

É interessante a sua visão sobre a premiação, pois não coloca o valor principal no objeto que foi entregue e nem na condição de se sentir melhor que os outros participantes por ser a melhor colocada, mas de vencer “os sentimentos ruins” que causavam “desânimo e medo”. Ela

reconhece que a amarra que leva ao fracasso se encontra em si mesma e que no seu caso, o envolvimento no TAL ajudou-a a superar as dificuldades.

Enquanto participei da etapa interna na escola (a identificação da unidade escolar foi substituída pela palavra 'escola') não foi tão difícil, pois conhecia quase todo o público. Porém, após ir para a etapa regional (a identificação da cidade foi substituída pela expressão 'a etapa regional') e a final em Salvador, senti muita insegurança, incerteza...Mas é claro que a incerteza e insegurança faz parte da vida, mas não significa que isso pode parar a gente. Estar com outras pessoas e ver cada uma apresentando é muito bom.

Pérola entende que a sua participação ajudou a lidar com a realidade desconhecida e com a insegurança e o medo que esta situação provoca ao falar que, na etapa interna, foi mais fácil porque já conhecia as pessoas, mas, na etapa regional e em Salvador, foi mais difícil por essa falta de conhecimento.

Compreende que a incerteza faz parte da vida. Demonstra que a superação do medo e da insegurança se realiza com paciência e determinação. Fala ainda da convivência com os outros estudantes e outras escolas e de observar as suas apresentações que ela considerou-as proveitosas.

Hoje só tenho a agradecer pelas oportunidades que tive no ensino médio. Quem me dera ter a chance de participar nem que fosse mais uma vez! O TAL não só foi um projeto para eu participar, mas sim uma experiência que levarei para sempre comigo!

A conclusão de Pérola é que o TAL foi uma experiência de vida, uma aprendizagem que alicerçou os seus conhecimentos e agradece a oportunidade que teve durante o ensino médio e que até gostaria de reviver esta experiência novamente.

A partir do que o TAL significou para Pérola, tendo em vista os objetivos propostos, acreditamos que ele, que ainda se encontra em atividade, estimulou a produção literária, contribuindo na formação dos jovens estudantes e ampliando seus conhecimentos, além de promover um ambiente melhor para a convivência e de incentivo a leitura e as artes.

4.2 Análise do Sentido das Manifestações 2013 nos Textos do TAL

Nesta seção vamos analisar como algumas produções do projeto estruturante Tempos de Artes Literárias – TAL do ano de 2013 e de como elas foram influenciadas pelos acontecimentos históricos do referido ano, especialmente dos fatos ocorridos naquele momento da produção. Uma parte delas foi escrita nos meses de junho e julho.

O mês de junho iniciou os protestos nas capitais e grandes cidades, envolvendo principalmente jovens, que ficou conhecido como “Jornadas de junho”. Protestos estes que repercutiram muito na grande mídia, o que levou a ter um forte apoio popular.

Na perspectiva de Pinto (2017) houve uma tendência de associar as “jornadas de junho” às manifestações ocorridas na Europa, principalmente na Espanha, devido a sua proximidade temporal, pela forma como foi organizada e pela grande participação dos jovens. Porém nos momentos dos protestos, a Espanha e Brasil apresentavam situações opostas do ponto de vista econômico. A taxa de desemprego no Brasil era 5,4%, entre os jovens era 13,7%, enquanto que na Espanha a taxa de desemprego era 26,03%, entre os jovens era 53,7%. A crise econômica que atingiu a Espanha não tinha chegado ao Brasil.

Vamos verificar como os fatos ocorridos neste contexto reverberaram no seu espaço de convivência e na compreensão dos estudantes autores dos poemas.

4.3 Manifestação apresentada pela grande mídia

Recorrendo às luzes dos estudos empíricos realizado por Souza (2016), nos quais apontam que as manifestações de junho de 2013 foram iniciadas pelo Movimento Passe Livre (MPL) que tem como objetivo a tarifa zero do transporte público.

Naquele momento o MPL lutava contra o aumento na passagem do transporte coletivo na cidade de São Paulo, que teve um o aumento de R\$ 0,20 (vinte centavos). Participavam delas jovens tanto da classe média como da periferia da capital, que já demonstravam certo descontentamento do que o simples aumento da passagem de ônibus municipal.

Souza (2016) mostra que os grandes meios de comunicação mudaram a sua forma de cobertura jornalística no decorrer do protesto. Ele tomou por base o Jornal Nacional (JN) da Rede Globo, por ser a porta-voz da reação conservadora da sociedade. Assim aponta que o Jornal Nacional fez a primeira referência às manifestações no dia 10 de junho de 2013, de forma negativa, enfatizado o tumulto, o prejuízo ao trânsito e o incômodo à população.

No dia 12 de junho, a cobertura também foi negativa, os manifestantes são chamados de vândalos porque ocorreram ataques e depredações a ônibus e estações do metrô, em São Paulo. Mostrou cidadãos reclamando do tumulto e da perturbação da ordem pública. Os manifestantes foram criminalizados, alguns foram presos por formação de quadrilha e depredação.

No dia 13 de junho a cobertura continuou no mesmo padrão de criminalização. Neste dia foi feita a primeira referência à PEC 37. Souza

expõe que a partir de então aparece uma articulação e um conluio entre o aparato jurídico-policial e a imprensa.

A crítica a PEC 37 passa a ser frequente como se fosse o interesse dos manifestantes e não do Ministério Público, pois a PEC limitava a investigação a policiais federais e civis dos estados e distrito federal. O Ministério Público queria investigar e acusar. Então o MP e o JN passam a agir em conluio.

No dia 15 de junho a cobertura continuava negativa focando no incômodo causado pelos protestos. Neste dia mostrou também o protesto dos produtores rurais contra os índios e a política de demarcação de terra da Fundação Nacional do Índio (FUNAI) e a reportagem foi favorável aos produtores. Nesta data o JN percebe o potencial de crítica ao governo federal.

Souza (2016) aponta que a partir do dia 17 de junho a cobertura do JN mudou completamente. O sentido mudou de negativo para positivo. Os protestos passam a ser a “expressão democrática”. A bandeira brasileira é incluída como símbolo e os protestos são chamados de pacíficos. A pauta deixa de ser municipal, o aumento das passagens de ônibus e é federalizada e passa a ser contra a PEC 37, contra a corrupção e contra os gastos da copa do mundo.

No dia 18 de junho a cobertura continua o sentido positivo como do dia anterior. Os manifestantes passam a vestir a camisa da seleção brasileira e a cantar o hino nacional e as famílias da classe media são os novos integrantes dos protestos e não mais jovens estudantes.

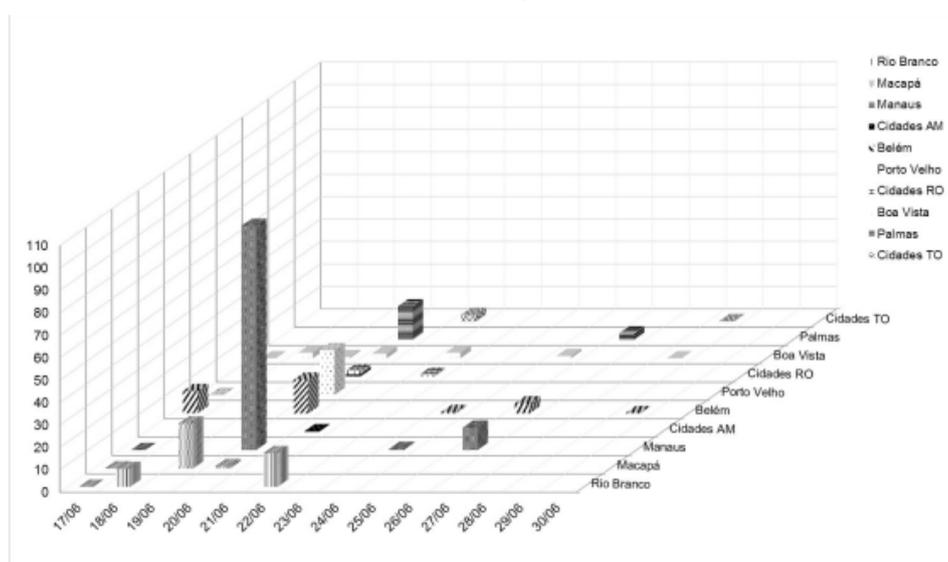
A partir do dia 19 de junho a cobertura do JN passa a ter o objetivo de atingir a figura da presidente da república. Nesta data as tarifas municipais foram reduzidas para os preços anteriores, mas os protestos continuaram, pois o mesmo já tinha sido apropriado por um segmento da classe média, que fez a alteração da sua pauta.

A cobertura jornalística da grande mídia mostrando o sentido positivo dos protestos cria uma atmosfera capaz de impulsionar uma onda que tomará grandes proporções, a medida que uma pessoa se convenceu a se envolver passa a persuadir outras e naquele momento contou com o poder das redes sociais que é capaz de mobilizar grandes contingentes em curto espaço de tempo.

Para fazer a mobilização, “[...] as mídias de massa tem um papel relevante no contexto dos protestos: elas espalham a mensagem dos movimentos envolvidos, o que publiciza a causa e tem o potencial de aumentar o número de seguidores e de recursos” (BARBOSA, 2016, p. 14).

Isso fica demonstrado no seu trabalho empírico nos gráficos, que a mesma elabora, por regiões do Brasil, a partir dos dados disponibilizados pelo portal G1. Nestes gráficos são colocadas as quantidades de participantes em cada ato entre os dias 17 a 30 de junho, pois a mesma considera que o período citado foi mais relevante pelo volume de pessoas presentes nos protestos.

Gráfico 1. PROTESTOS NA REGIÃO NORTE, EM MILHARES DE MANIFESTANTES



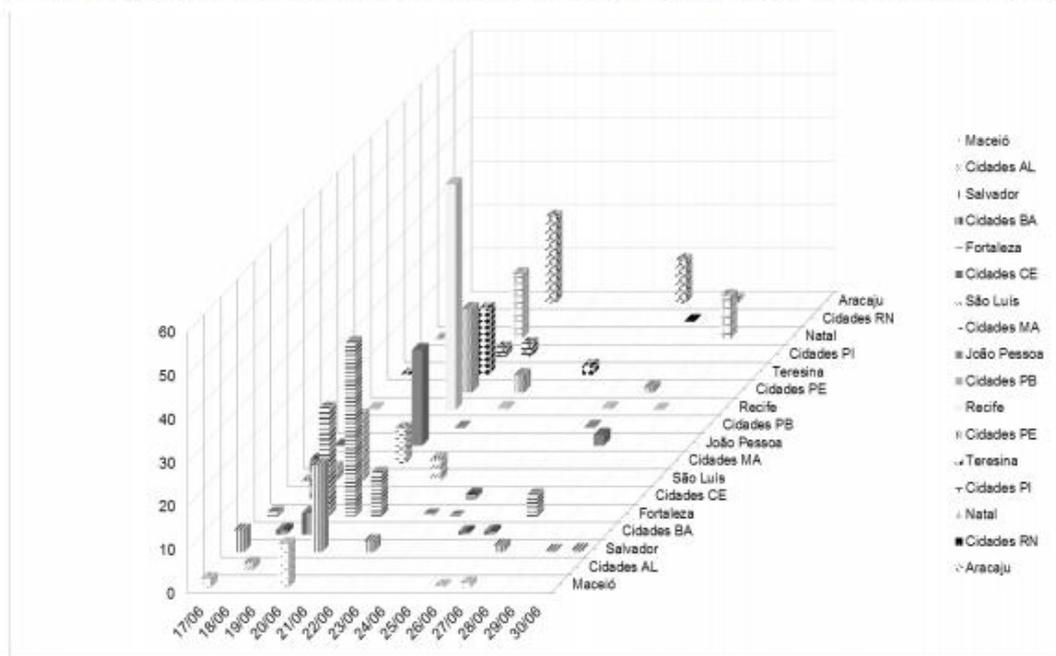
Fonte: Barbosa (2016)

Na região Norte a maior quantidade de participantes ocorreu no dia 20 de junho, sete cidade envolvidas com destaque para a cidade de

Manaus e Porto Velho, a única capital que da região que não teve protestos foi Rio Branco. A partir do dia seguinte, os protestos perderam expressividades tanto em numero de cidade como na quantidade de participantes.

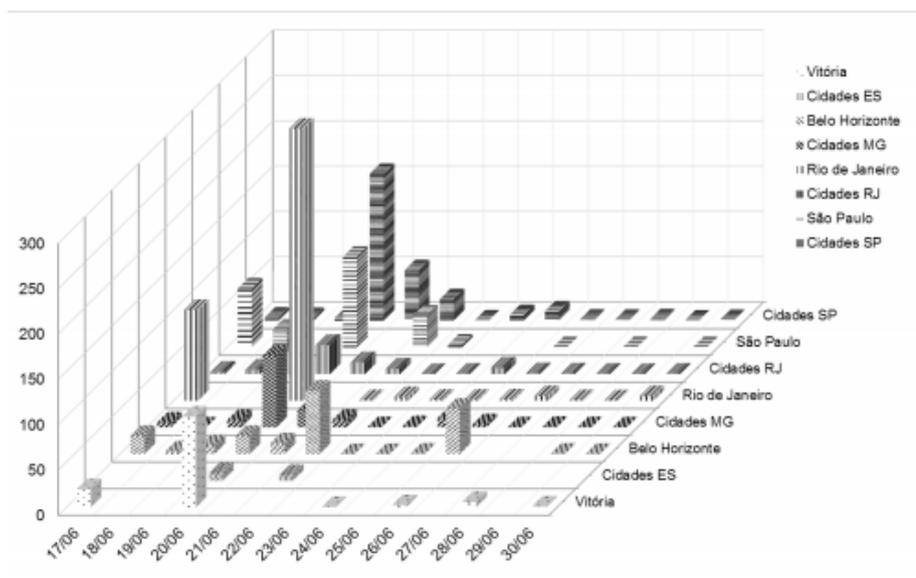
A seguir o gráfico 2 mostra a participação nos protestos da Região Nordeste.

Gráfico 2. PROTESTOS NA REGIÃO NORDESTE, EM MILHARES DE MANIFESTANTES



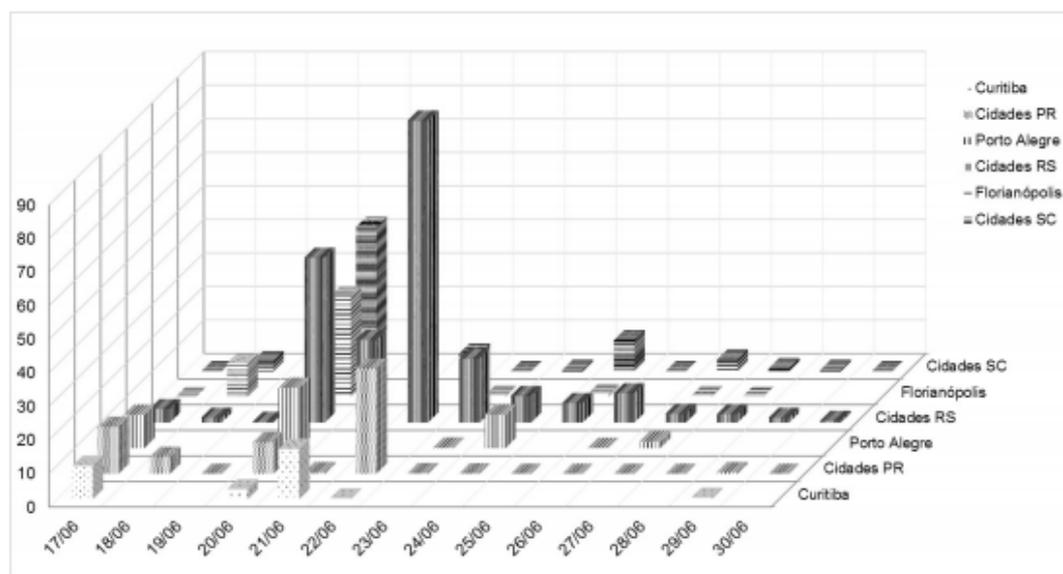
Na região Nordeste a cidade que teve o maior número de protestos foi Fortaleza, mas a maior manifestação aconteceu em Recife no dia 20 de junho. Neste dia houve manifestação em quase todas as capitais, com exceção de São Luís. A partir do dia 21 de junho o movimento perdeu força, mas ainda aconteceram grande concentrações em Aracaju e Natal.

O gráfico 3, abaixo, retrata a movimentação da região Sudeste, onde iniciaram as manifestações. Teve protestos todos os dias entre 17 a 30 de junho, os maiores volumes verificados nos dias 17, 20 e 22, sendo o dia 20 a grande expressão do movimento. A cidade de Vitória surpreende, apesar de não ter o maior número de participantes, mas segundo Barbosa(2016) teve 30,51% de sua população nas ruas no dia 20 de junho.

Gráfico 3. PROTESTOS NA REGIÃO SUDESTE, EM MILHARES DE MANIFESTANTES

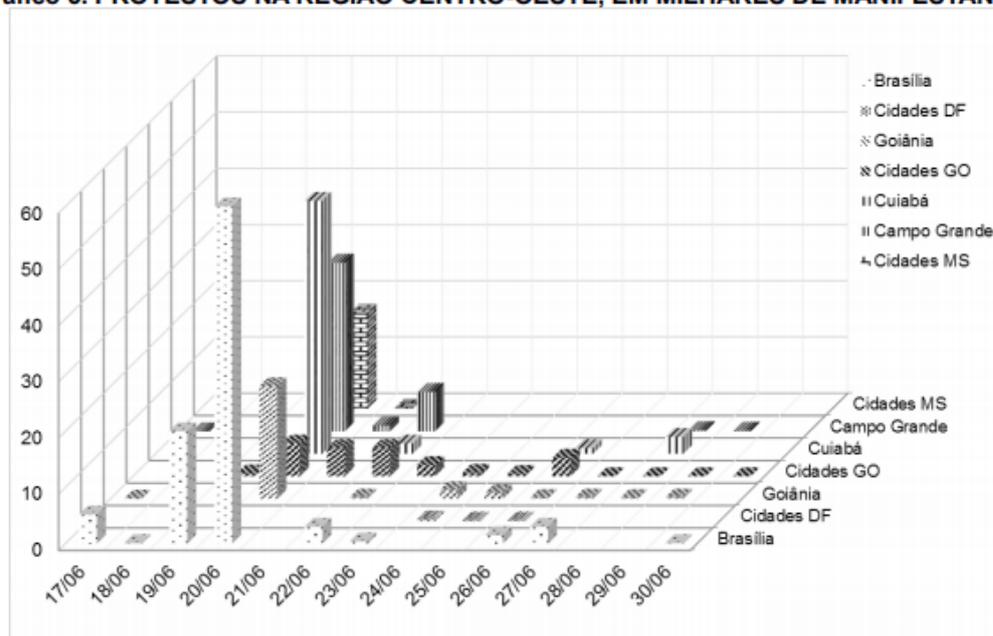
Fonte: Barbosa (2016)

O gráfico 4, retrata as manifestações da Região Sul do Brasil.

Gráfico 4. PROTESTOS NA REGIÃO SUL, EM MILHARES DE MANIFESTANTES

Fonte: Barbosa (2016)

Na região Sul ocorreram protestos em pelo menos três cidades entre os dias 17 a 30 de junho. Os dias que tiveram as maiores concentrações foram os dias 20 e 22 de junho, sendo que o estado que mais se destacou foi o Rio Grande do Sul. De forma geral esta região foi a que teve a participação mais reduzida.

Gráfico 5. PROTESTOS NA REGIÃO CENTRO-OESTE, EM MILHARES DE MANIFESTANTES

Fonte: Barbosa (2016)

Na região centro Oeste, as maiores manifestações ocorreram no dia 20 de junho. Neste dia, Brasília foi a cidade que teve a maior concentração, seguida de Cuiabá. Segue o mesmo padrão das outras, onde os protestos perdem força gradativamente a partir do dia 21 de junho.

Souza (2016) aponta que no dia 17 de junho o JN passou a fazer uma cobertura positiva dos protestos, colocando-os como a “expressão democrática”. Barbosa e Kerbauy (2016) começa seu estudo dos protestos exatamente a partir do mesmo dia 17 de junho por considerar que nesta data houve um crescimento, tendo a sua maior expressão no dia 20 de junho.

Como a mídia já tem o potencial de aumentar o número de participantes em protestos, ao fazer a sua divulgação, imagine quando a mesma passa a falar positivamente, fazendo a motivação ou até convocação.

Barbosa e Kerbauy (2016) apontam nos gráficos de suas pesquisas que o dia 20 de junho foi o dia que teve o maior número de manifestantes nas ruas: a região Norte, a maior concentração foi em

Manaus, com 100.000 pessoas; a região Nordeste, destaque para as capitais Fortaleza 40.000 e Recife 52.000 pessoas.

A região Sudeste, contabilizaram Vitória 100.000, São Paulo 100.000 e Rio de Janeiro houve cerca de 300.000 pessoas; na região Sul, Curitiba com 3.000, Porto Alegre com 18.000 e Florianópolis com 30.000 manifestantes; no Centro-Oeste Brasília, em que havia 60.000 e Cuiabá, com 45.000 pessoas.

4.4 A manifestação interpretada pelos estudantes

É importante ressaltar que nenhum dos estudantes que iremos citar participou dos protestos, os seus contatos ocorreram somente pela cobertura realizada pela mídia. Nas composições do TAL é identificada esta movimentação tanto na mudança de sentido do protesto como no convencimento da pauta que o JN faz.

Vale destacar que acompanhar os eventos através da cobertura realizada pela mídia, como foram feitas pelos estudantes, pode criar uma dimensão maior que a participação em um ato específico. Ela mostra os atos em diversas cidades no momento que eles estão acontecendo. Teve cidade que os protestos aconteceram vários dias, em outras apenas um dia, porém pela cobertura midiática vem as reportagens todos os dias.

O estudante Citrino manifesta um sentimento de que agora (o momento da composição), ele não está com medo de participar, ao contrário, ele quer fazer parte do movimento. Fica entendido de que as manifestações eram algo que ele não considerava como certo, algo que lhe causava medo ou certa repugnância de estar envolvido.

Cabe aqui questionar o que levou, a partir deste episódio, a ter uma mudança de postura de ser um participante de protesto? É possível

concluir que essa mudança de postura do estudante advém da cobertura jornalística, que inicialmente criminalizava o protesto, por isso ele apresentava o sentimento de medo. A partir do momento que a cobertura do protesto passa a dizer que o mesmo é a “expressão da cidadania” ele perde o medo e sobrevém o orgulho de ser um manifestante.

Apesar de o estudante acompanhar apenas pelas coberturas que assiste, expõe que quer ir para as ruas e se envolver nos protestos porque deseja um recomeço. Que recomeço? Alguém que deseja um recomeço, significa que quer uma volta ao passado a partir de um determinado ponto para fazer uma outra escolha e dá um rumo diferente ao que foi construído historicamente.

Começou agora
A revolução lá fora
Quero participar
Corro para as ruas
Não vou ficar sozinho
Nas manifestações
Não estou com medo
Só quero o recomeço

Esse mesmo estudante Citrino expressa com orgulho: “Sou um manifestante”. No seu entendimento o “manifestante” é a expressão máxima do exercício da cidadania. A grande força propulsora da sociedade vem da juventude que “grita”. O que levou o estudante a apregoar grande orgulho à condição de manifestante foi o tipo de cobertura feita pela mídia.

Ainda segundo Pujol, Rocha e Sampaio (2014) as interpretações realizadas pela grande mídia foram usadas para produzir aglomerações que conduzissem a consequência de exigir mudanças no poder vigente. Por outro lado, os manifestantes, desejavam fazer a figuração do espetáculo, por isso expressavam o orgulho de sua participação, como é o caso do estudante Citrino.

Segundo Souza (2016) o que aparece de novidade nas manifestações de 2013 é a conversão midiática da classe média que é conservadora e reclusa em uma “classe revolucionária” que vai para as ruas reclamar sem sentimento de vergonha.

Somos a grande força
Sou um manifestante

A estudante Esmeralda em sua poesia faz referências a estas manifestações de junho de 2013 e expressa afirmando “o gigante acordou”. O “gigante” que ela se refere é o povo brasileiro que tem a sua população bastante numerosa e uma dimensão geográfica continental. Pelo fato de ter um grande número de manifestantes na rua, ela conclui que esse povo “acordou”.

Com essa conclusão da estudante percebe-se que houve a construção de uma narrativa como se a população tivesse sofrendo algum tipo de repressão ou perda de direitos e continuava imóvel sem nenhuma reação e, depois de algum momento, despertou para a sua realidade.

Na construção dessa narrativa expressa a ideia que o povo brasileiro estivesse na mesma condição, como se os problemas e os interesses fossem iguais. Na realidade o que acontece é que um segmento da sociedade, uma parte da classe média, que estava incomodada com a política desenvolvida pelos governos Lula e Dilma faz seu discurso e manipulação.

Essa estudante Esmeralda apresenta muita sensibilidade em recorrer à estrutura do “Hino Nacional Brasileiro”. Assim ela escreve: “De um povo que vivia deitado em berço esplêndido”. Nesta expressão fica claro a alusão ao Hino pelo uso de algumas palavras do mesmo, mas mudando a significação. Nesta frase ela traz a tona que o povo brasileiro vivia de forma tranquila sem se incomodar com a sua realidade como se não houvesse nenhum problema que pudesse fazê-lo agir, estava em um estado de inércia.

O gigante acordou
 Não! Não como o do pé de feijão
 Esse gigante é o resultado
 De um povo que se fez unido
 Para uma grande mudança na nação

Em outro verso a estudante expressa “Se transformou num povo que não foge à luta”. Continua usando as palavras e a estrutura no Hino Nacional, para mostrar que aquele povo que não reagia perante os seus problemas, se transforma num povo que vai para a rua lutar e não foge de suas responsabilidades de contribuir um país melhor.

Percebe-se que a estudante Esmeralda ao tratar na sua composição sobre as manifestações de junho de 2013 e fazer o uso da estrutura e das palavras do hino Nacional, está recorrendo aos elementos da nacionalidade que os protestos estavam utilizando para externar um suposto interesse nacional.

De um povo que vivia deitado em berço esplêndido
 Se transformou num povo que não foge à luta
 Depois de tanta dor e sofrimento
 Se levanta e grita para ver se alguém escuta

Segundo Souza (2016) a partir do dia 19 de junho o JN metodicamente passa a atacar a presidente e o seu governo. No mês de março de 2013 a aprovação da presidente era 79%, neste dia, depois dos protestos caiu para 71%. A queda foi moderada, mas percebia que os protestos podiam ser direcionados para derrubar a popularidade da presidente.

No dia 29 junho o JN apresenta o sucesso do ataque da mídia: aprovação do governo da presidente Dilma perdera 27% no mês de junho, acumulando uma queda desde março de 2013 de 35%. O sucesso da campanha mediática federalizada também aumentou a rejeição da presidente de 7% para 25% (SOUZA, 2016).

Apesar de a cobertura jornalística fazer forte ataque ao governo e a pessoa da presidente Dilma, o que levou a essa forte queda na aprovação, mas em nenhuma composição dos estudantes há, de forma direta, alguma crítica ou descontentamento nem relação a pessoa, nem ao seu governo.

O estopim para o início das manifestações de 2013 foi o aumento de R\$ 0,20 (vinte centavos) da tarifa do transporte municipal na cidade de São Paulo, porém cobertura mediática conseguiu federalizar para que pudesse atingir o governo federal e essa alteração aparece na composição do estudante Rutilo que escreve que o protesto “não é só pelos 20 centavos”.

Na convocação do MPL tinha o objetivo de derrubar o aumento, tanto que depois que a tarifa voltou ao valor anterior, o movimento se retirou do protesto, mas o mesmo já estava apropriado pela classe média. Na expressão do estudante aparece a adesão esta apropriação e o apoio a mudança de pauta que fora feita.

O JN que, nos primeiros dias, havia criminalizado os protestos, enfatizado o tumulto, o prejuízo ao trânsito e o incômodo à população, a partir do dia 17 de junho de 2013, muda completamente o sentido de condenador para apoiador e as manifestações passam ser a “expressão democrática”. O estudante Rutilo reverbera na sua composição essa mudança positiva da cobertura feita pelo JN ao afirmar que as manifestações “Resgataram de modo espetacular, a voz da cidadania, e de um povo infeliz”.

As manifestações populares
Pelas ruas do País
Resgataram de modo espetacular,
a voz da cidadania, e de um povo infeliz.

A nossa força, é para gritar
Por um Brasil diferente
Não é só pelos 20 centavos
Que o povo brasileiro quer ser “gente”

O estudante Euclase faz referência de forma indireta às manifestações, embora possam ser feitas outras explicações, mas as expressões “daquela triste nação” e “deste lindo povão” podem ser interpretadas como tal. O estado de protesto que alguém faz é porque está vivendo situações de dificuldades, o que conseqüentemente pode levar a conclusão, de um observador externo, de que ele apresenta o sentimento de tristeza.

O referido estudante se apresenta solidário, na condição de consolador da dor, daqueles que estão protestando, que na sua percepção, está com muitas dificuldades. Dá para compreender que, no entendimento do estudante, uma pessoa para protestar no espaço público da rua, este deva ser o último recurso à sua disposição, pois esta situação leva à tristeza, o que precisará da solidariedade e do consolo dos outros.

Pela sua composição é possível concluir que o estudante não levanta a bandeira do protesto, como vimos nas composições anteriores, pois não dá vazão às temáticas levantadas nem pelo MPL, nem pela cobertura realizada pela grande mídia.

Hoje sou a dor
Daquela triste nação
Mas sou consolador
Deste lindo povão

A conclusão de Barbosa e Kerbaui (2016,) é que “a longo prazo, os protestos não alteraram tanto o cenário eleitoral do ano seguinte: a população reelegeu a presidente Dilma, embora tenha sido um momento conturbado entre as campanhas e o seu primeiro ano de governo, envolvendo inclusive pedidos de impeachment” (BARBOSA e KERBAUY, 2016, p. 17)

Em relação ao resultado concordamos com Souza (2016) que as manifestações do mês junho de 2013 foram o “ovo da serpente” que possibilitou a construção da “base popular” do golpe 2016. No intervalo desses três anos, o ataque ao governo federal foi realizado sem tréguas até a vitória do impeachment, na cobertura jornalística da grande mídia.

Para melhor compreensão desse momento vamos recorrer a uma alegoria: na luta de Artes Marciais Mistas (MMA), quando um lutador acerta um golpe que o adversário sente e começa a se desequilibrar ele parte para cima deferindo mais golpe com o objetivo de finalizar a luta e assim obter a vitória.

Foi assim que aconteceu com o governo da presidente Dilma. No início dos protestos tinha altas taxas de aprovação. Mas com o desenrolar das manifestações a sua popularidade foi caindo. A grande mídia percebeu que tinha que continuar golpeando até derrotá-la. Por isso foi atacada sem tréguas.

Os referidos protestos constituíram o ponto de virada das altas taxas de aprovação dos governos petistas, realizado pelo cerco ideológico.

Na visão de Pinto (2017) desde a redemocratização do Brasil, em 1980, as ruas vinham sendo ocupadas por grupos que apresentavam posições políticas de centro-esquerda. Mas, a partir de 2013 passaram a ser ocupadas por posições políticas de centro e de direita.

Souza (2016) afirma que a mídia, a partir de junho 2013, passou a associar as instituições jurídico-policial do estado (polícia federal, procuradores e juizes) para deslegitimar o governo federal. “Palavras de ordem como ‘muda Brasil’, como forma cifrada de invocar a verdadeira bandeira – ‘muda (de governo) Brasil’ – passaram a dominar o imaginário das manifestações” (SOUZA, 2016, P. 94).

Ao falar de impeachment temos que apresentar as consequências que foram produzidas por este ato porque não foi uma mera substituição da presidente democraticamente eleita por Michel Temer.

Essa mudança resultou, por um lado, em diversas alterações nas políticas públicas do governo brasileiro e, por outro lado, numa crise institucional onde os poderes de estado estão avançando sobre o espaço outro, em consequência da quebra do pacto constitucional por realizar um impeachment sem ter ocorrido o crime de responsabilidade.

4.5 A corrupção e mídia: instrumento de dominação dos oprimidos pela forma de pensar

O tema da corrupção dominou os noticiários da grande mídia desde as manifestações de 2013, sendo um dos temas mais realçados nas mesmas, principalmente a partir do dia 17 de junho 2013, contribuindo fortemente pela concretização do golpe de 2016, que tirou do poder a presidente democraticamente eleita, através de um processo de impeachment.

Acompanhando as manifestações de junho de 2013 por meio da grande mídia, principalmente via televisão, sendo a Rede Globo a mais assistida, alguns estudantes trazem esse tema na produção de seus poemas.

Dentre as produções do TAL 2013 existem quatro que tratam do tema da corrupção. Mas qual a compreensão de corrupção que estes estudantes expressam? Eles demonstram na escrita uma postura de posicionamento crítico que pode conduzir à sua autonomia ou atende aos interesses da elite dos proprietários que desejam fazer a sua dominação?

Neste contexto estudante Citrino escreveu o poema “As verdades do país” que apresenta na estrofe inicial o tema da corrupção:

Estradas e paredes
 E cidades paradas
 Todos sabem o que aconteceu
 Ela foi parada desde quando
 A corrupção aconteceu

O estudante deixa transparecer que as prestações de serviço estão paralisadas e apresenta que o motivo que levou a esta situação foi quando iniciou a corrupção. Dá a entender que na sua compreensão a corrupção é algo recente, algo que atingiu o Brasil de uma hora para a outra e que impossibilitou ou estancou as atividades laborativas.

A compreensão que o estudante traz assinala que a causa dos problemas de corrupção e suas consequências têm um culpado que é aquele que exerce o poder político. Apresenta ódio à política, desejando que essa atividade não existisse ou que a partir de então deve despertar o desprezo ou a indiferença das pessoas. Como algo que é marcado pela corrupção, o povo não deve se envolver com ela para não ser considerado um corrupto.

É o que aponta o estudante Citrino na conclusão da sua composição:

Você culpa o político por tudo
 Isso é correto
 São manifestantes como você
 Que estão certos
 Assim como você!

A estudante Esmeralda com o poema “Brasil, um país de conquista” também evoca o tema da corrupção:

E o gigante acordou
 Nada será como antes

Diante de tanta roubalheira e corrupção
Se verá um brado retumbante

A poesia faz uso de algumas expressões do Hino Nacional Brasileiro, inicia-se com a frase “o gigante acordou”, numa referência às grandes manifestações de junho de 2013. O “gigante” que está no Hino Nacional que exalta as amplas dimensões físicas e a esperança de grande futuro, é personificado num grande gigante que estava apático, mas que de repente desperta e vai para a rua manifestar, contra a corrupção.

De um povo que vivia deitado em berço esplêndido
Se transformou num povo que não foge à luta
Depois de tanta dor e sofrimento
Se levanta e grita para ver se alguém escuta

A partir da expressão do Hino Nacional, “deitado eternamente em berço esplêndido”, a estudante cria o verso “de um povo que vivia deitado em berço esplêndido” que evoca o sentido que o brasileiro estava adormecido por ter um comportamento pacato e apático, agora se levanta, grita e luta para por fim ao sofrimento.

Manifesta que a partir desses eventos, o povo vai mudar seu comportamento quando estiver diante da “roubalheira e corrupção”. Afirma que “nada será como antes”, pois uma vez que despertou do seu repouso, estará sempre alerta para reagir perante qualquer situação.

No verso “se verá um brado retumbante” a estudante faz alusão aos versos do Hino Nacional “ouviram do Ipiranga as margens plácidas, de um povo heroico o brado retumbante”. Para ela, estas manifestações de 2013 representam o grande grito pela independência do país que irá se livrar da corrupção.

O estudante Rutilo com a composição “acorda Brasil” traz alguns temas das manifestações de 2013, entre eles a corrupção da qual estamos tratando aqui. Pela interpretação influenciada pelas

manifestações, essa abordagem se refere apenas à corrupção do agente político do Estado.

O movimento é pelo País,
Contra a PEC 37, contra a impunidade,
Contra a corrupção, contra as tarifas.

Faz uma exaltação às manifestações de 2013 com a expressão “o movimento é pelo país” no sentido que esses protestos que trazem essas pautas vão mudar positivamente a realidade do Brasil, como se esses fossem o ponto de virada para uma vida melhor.

O estudante Rubi com o poema “O povo que paga” aborda a corrupção:

O povo que acha
Que Brasília tem esplendor.
Que vive enganando
Do outro que rouba, sem medo nem pudor

O povo trabalhador
Um dia irá vencer!
O roubo! A corrupção! O lamento!
No Brasil? Isso nunca mais irá ter.

É um poema que afirma que o povo é quem paga por tudo, mesmo sem querer. Vive enganado, quem acha que Brasília tem esplendor, pois lá se rouba sem medo e pudor. No Brasil o roubo, a corrupção nunca mais vai ter, uma vez que o povo trabalhador irá vencer.

Na análise do estudante “o povo que paga” significa que os recursos públicos, oriundos da arrecadação de impostos, são usados para financiar muitas coisas, mesmo que não queira.

O estudante afirma que o povo trabalhador irá vencer o problema que considera que vem sendo a causa de sofrimento que, em sua análise, é a corrupção. O estudante fala do trabalhador, não como classe social, mas sim como todos que têm uma ocupação. Assim pode ser incluído

como trabalhador desde um grande empresário, com grandes capitais econômicos a um diarista que tem apenas a força de trabalho.

Ao fazermos a análise do conteúdo das composições dos estudantes não pretendemos discutir a complexidade conceitual do termo corrupção, sua natureza ou sua abrangência, nem a história de sua prática no país. Queremos entender o porquê que os estudantes apresentaram a abordagem que fizeram, tentando perceber as consequências desse entendimento que estão presentes nos textos do TAL.

Em todas as composições a corrupção é apresentada como uma ação exclusiva dos agentes políticos na administração do Estado. Mas porque isso acontece? Uma resposta imediata poderia ser devido à influência do tipo de cobertura jornalística das manifestações que abordam essa temática. Mas a resposta dada não é suficiente para abarcar uma explicação adequada ao questionamento.

Temos que levar em consideração que os estudantes escreveram livremente e por isso relataram aquilo que acreditam que consideram moralmente correto, portanto, as reportagens que assistiram, tiveram a sua influência facilitada por aquilo que eles já acreditavam, conforme conhecimento adquirido no senso comum.

Neste sentido, a explicação para a forma de pensar desses estudantes está na sua formação enquanto indivíduo dentro de um contexto social. Assim o processo de construção da pessoa começa na família e a escola dá continuidade. Boa parte da formação se concretiza pelo senso comum, que é incorporado pela pessoa sem nenhum questionamento, outra parte vem dos conhecimentos científicos, em grande parte ensinados pela escola.

Para elucidar estas ideias que aparecem nas composições recorreremos a Souza (2009, 2017), que afirma que a ideia que todo brasileiro tem de si mesmo é marcada pela noção de personalismo, pela

noção de patrimonialismo e pela noção de populismo. Segundo Souza (2017) esses três conceitos substituem a noção de escravidão e da luta de classes no Brasil.

Dessa forma, a visão que o brasileiro tem de si mesmo, marcada por esses conceitos serve para distorcer a explicação da realidade social em benefício da elite dos proprietários em detrimento dos prejuízos das classes trabalhadoras e da ralé dos novos escravos, que fica impedida de construir uma interpretação que poderia contribuir para a sua autonomia, enquanto classes sociais.

Segundo Souza (2017) pela noção do personalismo de Sérgio Buarque cria-se o conceito de homem cordial na qual afirma que todo brasileiro tende a agir levando em conta os interesses pessoais ao invés do interesse público. Suas ações são movidas pelas emoções de ódio ou amizade, por isso tende a ser corrupto. Com a noção de patrimonialismo, explica-se o comportamento do homem cordial que, ao assumir uma função no Estado, tende a apropriar do bem público como se fosse seu.

Souza (2009) assegura que tanto a noção de personalismo como do patrimonialismo faz parte do conhecimento do senso comum como também do conhecimento científico. Sendo assim, os estudantes que fizeram os seus poemas que tratam da corrupção são influenciados desde a sua formação inicial, no convívio com a família e a sociedade até os conhecimentos adquiridos na escola.

Desse modo “o trabalho de distorção sistemática da realidade realizado pela mídia foi extremamente facilitado pelo trabalho prévio de intelectuais que forjaram a visão dominante” (SOUZA, 2017, p. 14). Assim explica o tipo de cobertura jornalística tendenciosa, apresentando a corrupção de maneira seletiva, realizado pela grande mídia ter reverberado de forma tão incisiva no pensamento dos estudantes.

Mas para que fim serve os brasileiros acreditarem na noção de personalismo e do patrimonialismo? Porque estas noções estão

presentes tanto no senso comum como nos conhecimentos científicos ensinados na universidade? Por que elas se tornaram dominantes? Na percepção de Souza (2017) serve para a elite do dinheiro silenciar a semente escravista e esconder a análise das classes sociais e suas lutas substituindo por uma interpretação conservadora e cientificamente falsa.

Em outras palavras, serve para a elite do dinheiro dominar todas as outras classes, colocando-as ao seu serviço. Souza (2017) discorre que a ideia do patrimonialismo impediu qualquer percepção crítica do Brasil e a elite do dinheiro conseguiu controlar todas as frações da classe média e permitiu o seu acúmulo de riquezas em detrimento da continuidade da desigualdade e da injustiça social.

O tema da corrupção nos poemas dos estudantes é diretamente influenciado pelas manifestações de junho de 2013. Mas porque a corrupção aparece como um grande problema nestes protestos? Quais objetivos eles servem?

Na concepção de Souza (2017) o tema da corrupção, sempre é apresentado como sendo apenas do agente do Estado é um instrumento que a elite do dinheiro faz uso, principalmente para duas situações específicas. A primeira situação, a corrupção é uma carta na manga para fazer o ataque à soberania popular, quando esta coloca no poder político alguém que vai contra aos interesses econômicos da elite do dinheiro. Nesse sentido, em 2013 essa elite queria por fim aos governos petistas, para isso o caminho mais fácil foi apontar a corrupção, apenas do Estado, de maneira seletiva de tal forma que atinja somente aos alvos de interesse.

A segunda situação, continua Souza (2017) que a ideia de corrupção serve para a elite do dinheiro apropriar-se com o preço baixo, das empresas estatais e das riquezas do subsolo que deveriam ser revertidas em benefício de todos. A corrupção do Estado é usada para ocultar a verdadeira corrupção que está no mercado. Falando com outras

palavras, apontar a corrupção política de forma seletiva foi uma forma de tirar os recursos que beneficiariam as classes populares para direcioná-los para o bolso dos mais ricos.

Para Souza (2017) a elite real, que está fora do Estado faz a sua captura, mas a ideia é distorcida para que se perceba a corrupção apenas dos políticos. Ele faz uma analogia afirmando que o combate à corrupção só dos agentes políticos seria como se fosse combater o narcotráfico pegando apenas os “aviõezinhos”. Dessa forma, deixa de fora a elite do dinheiro que faz toda rapinagem. “É uma ideia que nos imbeciliza, já que desloca e distorce toda a origem do poder real”. (SOUZA, 2017, P. 13)

Nas composições dos estudantes a corrupção tratada é apenas a dos agentes políticos do Estado, sem nenhuma referência à corrupção do mercado financeiro ou do poder judiciário. Pelo que é possível verificar, os estudantes fizeram apenas a leitura superficial e distorcida, bancada pelos grandes veículos de comunicação. Como nos aponta Souza (2017) essa interpretação foi realizada para tornar invisível a grande corrupção do mercado, que apropria do patrimônio público.

Como pertencentes às classes populares, os estudantes se tornaram vítimas dessas ideias que reproduziram nos seus textos, porque favoreceu que a elite do dinheiro se apropriasse dos bens públicos em detrimento às perdas que tiveram, com a venda do patrimônio público a preço vil, da retirada de direitos e a redução das políticas de inclusão social.

Souza (2017) nos assinala que a elite do dinheiro para fazer a sua dominação compra todas as outras elites. Depois de comprar a elite intelectual, compra a elite política, por meio do financiamento de suas campanhas. Em seguida compra direta ou indiretamente a elite jurídica, jornalística e literária. Portanto a corrupção é uma prática corriqueira da elite do dinheiro, mas não é publicada, ao contrário é invisibilizada.

Para a compreensão desta situação, vamos trazer as reflexões de Paulo Freire (1987) que aponta duas classes: do opressor e do oprimido. Para a nossa análise vamos fazer uma correlação com as classes sociais de Souza (2016, 2017). O opressor identificado com a classe da elite dos proprietários e com a classe média (a classe média percebida como força instrumentalizada pela elite para fazer a dominação); e o oprimido percebido com a classe dos trabalhadores e a ralé dos novos escravos.

Freire (1987) aponta que o objetivo dos opressores é dominar os oprimidos pela forma de pensar. “Em todas as épocas os dominadores foram sempre assim - jamais permitiram às massas que pensassem certo” (FREIRE, 1987, p. 74). Usam a manipulação para anestesiar as camadas populares, impedindo que elas pensem.

Por meio da manipulação da forma de pensar, os opressores mantêm os oprimidos sob o seu domínio. Freire (1987) assinala a manipulação como uma necessidade das elites para impedir que as massas populares se organizem e surjam como sujeitos da sua libertação. Nesse sentido Souza (2017) indica a noção de patrimonialismo e, por consequência, a corrupção foi usada pela elite do dinheiro para fazer a manipulação de todas outras classes, impedindo que elas pudessem pensar certo ou pensassem como o opressor.

Nesta perspectiva, Freire (1987) nota que quanto mais imaturas politicamente as massas populares, mais fáceis de manipular e ficarem conformadas atendendo os objetivos dos opressores, que perpetuam os seus poderes.

Dessa maneira, percebemos que a forma de pensar dos estudantes sobre o tema corrupção, traz a marca da manipulação realizada pela elite dos proprietários. Essa manipulação impediu que os estudantes pudessem construir o pensamento adequado, que contribuíssem para a sua autonomia e pensassem como a elite dos proprietários e a classe média que desejavam a sua dominação.

A manipulação visa à opressão. “A opressão, que é um controle esmagador, é necrófila. Nutre-se do amor à morte e não do amor à vida” (FREIRE, 1987, p.37). Sua ação inibe o poder do homem de criar e de atuar como sujeitos de sua ação.

Freire (1987) conduz a reflexão da ação antidialógica e classifica-a como opressora, que tem o objetivo de dominar. Esta serve para anestesiar, impedindo que as massas populares pensem. Ela mitifica a realidade, promovendo o sectarismo e o irracionalismo e cria obstáculo para a transformação da realidade.

A ação antidialógica apontada por Freire (1987) desenvolve a educação bancária, que consiste em depositar, transferir e transmitir o conteúdo programático elaborado pelo educador. Nesta visão, o educador é aquele que sabe e que doa seus conhecimentos para aqueles que não sabem, os educandos. Assim, o poder de criatividade do educando é inibido para desenvolver a ingenuidade e a não criticidade, para satisfazer o poder do opressor.

Mas Freire (1987) indica as saídas para a superação desta situação de opressão. Ele nos chama atenção de que é verdadeiro que uma pessoa pode oprimir a outra, porém “[...] já não se pode afirmar que alguém liberta alguém, ou que alguém se liberta sozinho, mas que os homens se libertam em comunhão” (FREIRE, 1987, p. 75). Dessa forma Freire (1987) se opõe ao pensamento das elites dominadoras que coloca a libertação no êxito pessoal.

Segundo Freire (1987) a libertação dos homens acontece pela ação dialógica de uma educação problematizadora, que não pratica o ato de depositar, transferir ou transmitir valores e conhecimentos, mas que rompe os métodos da educação bancária desmitificando a realidade para criar as condições de conhecimento.

A educação problematizadora é comprometida com a libertação, tendo o diálogo como algo imprescindível da ação libertadora e

transformadora dos homens. Ela serve para a organização das massas populares, para promover a união e o desdobramento dessa união, já que os sujeitos transformam o mundo em colaboração. Sua ação é humanizadora, pois promove a solidariedade e o reconhecimento do outro como agente de transformação.

Freire (1987) é categórico ao afirmar que a educação problematizadora é o antídoto para a superação de todas as formas de manipulação. A educação problematizadora não está em oferecer um conteúdo revolucionário, mas na problematização da realidade. Significa não aceitar passivamente as interpretações que são apresentadas.

Freire (1987) assinala que a consciência de classe é indispensável para a realização da revolução. É ela que vai possibilitar que os oprimidos se unam e se libertem em comunhão com os outros. A consciência de classe é o pensar certo para fazer frente à manipulação da elite opressora.

Para Souza (2017) a luta de classes é sistematicamente silenciada como forma de manipulação das classes populares, porque ela seria importante para compreender como a injustiça e a desigualdade é produzida. Ela seria a ferramenta para o entendimento de tudo que é importante na sociedade.

A luta de classes é o que parece evidente. A elite do dinheiro deseja manter os seus privilégios e a concentração da riqueza nacional. Para isso, ela tem que manter todas as outras classes sob seu domínio. Mas como pode uma elite tão pequena reprimir toda uma população e por longo tempo?

Para Souza (2016) qualquer um que deseja dominar economicamente o outro precisa antes de tudo dominar o seu espírito, pois a violência, além de ser custosa, o seu resultado é de curta duração, pois a vítima vai reagir sempre. Assim o explorador vai convencer o explorado de que esse acontecimento é para o seu próprio bem.

Assinala ainda, que a luta de classe vai além da disputa pelos capitais, tem também a disputa pelas narrativas para se colocar como dominantes através das interpretações que legitimam e justificam as posições alcançadas. A grande mídia é o instrumento, nas mãos da elite dos proprietários, para fazer a divulgação das suas interpretações.

Assim, a abordagem que os estudantes construíram sobre o tema da corrupção espelha a luta de classe, ou seja, a manipulação que a elite do dinheiro realiza para que as classes populares defendam não os interesses próprios, mas os interesses dessa elite. Mas essa luta de classe é ocultada sistematicamente para facilitar o domínio da elite dos proprietários.

Para Freire (1987) é necessário que as massas populares tenham consciência de classe e Souza (2016, 2017) aponta que as classes sociais estão em luta. Saber disso ou não implicará em pensar certo e se posicionar a favor de si mesmo ou contra si mesmo. Significa saber com quem se une e que interesses defendem. Quando esta percepção é distorcida e o indivíduo se junta com o seu opressor, termina por oferecer as suas forças que voltarão contra si.

Pelo que é possível captar nas produções dos estudantes não demonstram ter consciência de classe e nem de que as classes estão em luta. Ao contrário, deixa transparecer a visão de que a população se encontra na mesma situação, sem qualquer conflito de interesse das classes sociais e que todos buscam objetivos comuns. Por essa falta de consciência terminaram por se posicionar e oferecer suas forças em favor da elite dos proprietários e da classe média.

Por falta da consciência de classe e suas lutas, os estudantes foram vítimas da violência simbólica ao fazer a defesa da corrupção, que a elite dos proprietários e a classe média apontavam de maneira seletiva, que serviram para tirar direitos das classes populares e os donos do dinheiro aumentar os seus capitais, como nos assinala Souza (2017).

Esta visão de corrupção que teve a base teórica em Sergio Buarque serviu para garantir a apropriação indevida feita pelo mercado financeiro. “Essa legitimação tem de esconder o mundo social injusto como ele é e também, se possível, ainda deslocar a atenção para aspectos falsamente importantes – ou, pelo menos, de importância secundária com relação às questões mais importantes”. (SOUZA, 2017, P. 109)

Norteados por essa interpretação de Souza (2017) e Freire (1987) entendemos que a visão dos estudantes sobre a corrupção foi deslocada para ocultar outros problemas mais importantes, como por exemplo, a desigualdade social e que a realidade social não foi problematizada para que pudesse construir um pensamento que levasse à sua autonomia.

Toda distorção é feita para dominar as classes populares. Souza (2017) nos assegura que a classe média sempre foi a tropa de choque da elite dos proprietários, mas essa dominação é simbólica, pois é realizada pelo convencimento das ideias. Assim, a classe média exerce a autoridade em nome dos mais ricos, já que a elite dos proprietários é bem pequena. Nos dias de hoje, a classe média faz o mesmo papel que exercia o capitão do mato na época da escravidão, como nos assegura Souza (2017).

Indica-nos Souza (2017) que assim como a elite dos proprietários concentra o capital econômico, também a classe média exerce o controle sobre o capital cultural e que seu discurso moralista contra a corrupção e sua participação em golpes têm a ver com a proteção desse capital cultural como sendo exclusivamente seu.

Nos alerta Souza (2017) que para compreender a sociedade brasileira atual temos que analisar o papel da grande mídia conservadora, pois ela desempenha a ação central como instrumento de dominação. Hoje essa mídia faz a mesma função que faziam os exércitos de cangaceiros a serviço da elite dos proprietários. Essa dominação nos dias

de hoje é exercida pela colonização das consciências e não pelo uso da violência física, como faziam os cangaceiros. Portanto, a violência física foi substituída pela violência simbólica que é igualmente cruel, porém é mais eficiente por não ser percebida facilmente.

Continua Souza (2017) que essa dominação realizada por meio da grande mídia acontece por ter aqui no Brasil uma imprensa totalmente desregulada, que faz uma interpretação da vida social totalmente distorcida e motivada por interesse antipopular. Essa mídia não mostra a diversidade de opiniões que possibilitasse a reflexão e o exercício da democracia. “Isso equivale a imbecilizar uma nação que certamente não nasceu imbecil, mas foi tornada imbecil para os fins comerciais de uma única família que representa e expressa o pior de nossa elite do saque e da rapina”. (Souza, 2017, p. 124)

Souza (2017) chama de corrupção dos tolos, a corrupção apenas estatal, sem levar em conta a corrupção do mercado financeiro, narrativa feita pela mídia que transformou o cidadão em um imbecil, e por isso, fica fácil convencê-lo de que uma empresa estatal como a Petrobrás deve ser privatizada porque foi dominada por corruptos.

Com base na corrupção dos tolos, cria-se, na sociedade imbecilizada por uma mídia venal que distorce a realidade para vendê-la com maior lucro próprio, as condições para a corrupção real, a venda do país e de suas riquezas a preço vil. (Souza, 2017, p. 125).

Na análise que realizada aqui, procuramos demonstrar que as produções dos estudantes foram fortemente marcadas pelo tipo de cobertura realizada pela grande mídia, mas que esse trabalho foi facilitado pelas ideias que todo brasileiro tem de si mesmo.

Apesar das manifestações, que eram de abrangência municipal e foram federalizadas, e cobertura jornalística terem sido distorcidas para atingir o Governo Federal, os textos dos estudantes abordam a corrupção

apenas de forma genérica, sem fazer a particularização seletiva, que a mídia vinha realizando. Ou seja, neles não aparece nominalmente a presidente Dilma, o que pode ser interpretado que os estudantes vinham fazendo a aprovação do seu governo, devido às políticas sociais que vinha desenvolvendo.

Como as manifestações apareceram na grande mídia de forma surpreendente e as produções foram realizadas neste contexto, a interpretação do momento torna mais difícil devido ao fato de o período não ter permitido maiores reflexões como acontece a partir do distanciamento temporal.

Como nos indica Freire (1987), se os estudantes já possuíssem uma consciência de classe e tivesse recebendo uma educação dentro de uma ação problematizadora eles teriam os instrumentos cognitivos para fazer um posicionamento interpretativo que servisse de antídoto às ideias da elite dos proprietários e da classe média que buscavam dominação. A educação problematizadora seria o caminho para a superação de uma consciência ingênua e acrítica.

4.6 A criminalização da política como arma da elite na luta de classes

Em algumas produções literárias, os estudantes fizeram direta ou indiretamente referência a criminalização da política, inclusive o tema da corrupção serviu a esse propósito, quando foi percebida como uma prática exclusiva de quem cumpre uma função pública no Estado. Evidenciaram também um forte apelo à mudança, no sentido de fazer a alteração de governo.

Apresentamos a seguir trechos das composições do TAL 2013, que fazem a criminalização da política:

Você culpa o político por tudo
Isso é correto
São manifestantes como você
Que estão certos
Assim como você!

O estudante Citrino, com o poema “As verdades do país”, aponta que a causa dos problemas de corrupção e suas consequências têm um culpado que é aquele que exerce o poder político. No entendimento do estudante, o político é culpado por tudo que acontece de ruim na sociedade ou o que não presta tem a sua participação. Dessa maneira, faz a demonização do político.

A estudante Esmeralda, com a composição “Brasil, um país de conquista”, apresenta que os agentes políticos, a partir das manifestações, tiveram mudança de postura. No entendimento da estudante, antes destes protestos, os que exerciam os mandatos políticos estavam insensíveis e comportavam como cegos, porque não enxergavam os problemas da população e, como surdos porque não ouviam o clamor de suas necessidades.

Políticos que antes se faziam cegos e surdos
Hoje são obrigados a ceder a essa manifestação

Dá para interpretar que os detentores de mandatos podem ser pressionados por manifestações e, por medo, de talvez perderem os seus mandatos, podem mudar de posição. Nesse sentido o político é visto como alguém que sempre age para prejudicar a população. Então parece crítico sempre ser contra a política desenvolvida seja lá por quem for.

No poema da estudante ainda podemos interpretar que todo político se não estiver pressionado pelos cidadãos, irá fazer o mal à sociedade. Além disso, podemos entender que a estudante descarta o apoio a qualquer ato para desenvolver alguma política social, ou que toda política tem sua base de apoio.

O estudante Rubi, com o poema “O povo que paga”, numa referência ao agente político, usa a expressão “o povo que acha que Brasília tem esplendor” e conclui que lá “rouba, sem medo e pudor”. Como se percebe, ele acredita que todos os políticos são ladrões, ao fazer esta generalização.

O povo que acha
Que Brasília tem esplendor.
Que vive enganando
Do outro que rouba, sem medo nem pudor

O estudante Rutilo traz no seu poema “Acorda Brasil!!” a expressão “O movimento é pelo País” como se fosse para dizer: o movimento não é por nenhum partido ou por alguma luta de interesse de uma categoria profissional. No entendimento dele, as manifestações estão acima de qualquer luta de classe ou que os partidos lutam somente por interesses próprios.

O movimento é pelo País

Percebe-se que estas composições receberam influências das manifestações de junho de 2013 uma vez que estes protestos referiram de forma agressiva à política e aos que exercem mandatos eletivos.

Neste sentido, Barbosa (2016) relata que durante as manifestações de 2013 havia pessoas que eram apartidárias, ou seja, não integravam a nenhum partido, outras eram antipartidárias e faziam a demonização dos partidos, hostilizando-os nos protestos. Warren (2014) observa que os manifestantes expressavam intolerância e antagonismos em relação às siglas partidárias presentes no movimento.

Pinto (2017) comenta que em pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Opinião e Estatística (IBOPE), no dia 20 de junho de 2013, com relação à política, 96% não tinha nenhuma filiação e 86% não participava de nenhuma entidade de classe como sindicatos ou entidades

estudantis. Assim, Pinto (2017) conclui que a maioria dos jovens que estava nas ruas naquele protesto não tinha nenhuma experiência partidária ou associativa.

Durante as manifestações apareceram muitos cartazes que eram confeccionados à mão pelos próprios participantes, como enumera Pinto (2017), com dizeres: o povo unido não precisa de partido, ou para a roubalheira ou paramos o Brasil, meu partido é meu país.

[...] Criticavam a política e os políticos, pediam mais recursos para a saúde e a educação, mas vinham de setores menos populares do que aqueles aos quais pertenciam os costumeiros usuários desses serviços públicos” (PINTO, 2017, p. 136).

Souza (2016) assegura que a cobertura da televisão explicava que as manifestações contra o governo eram espontâneas e apartidárias, por isso os integrantes de partidos foram hostilizados. Assim, criou um sentimento de que se tivesse ligação a algum partido teria uma visão restrita e lutava só por interesses particulares, enquanto quem não estivesse vínculo partidário lutava pelo interesse público.

Por este ângulo, Pinto (2017) identifica que até a redemocratização do país, a partir de 1980, os manifestantes que iam às ruas eram identificados com posições políticas de esquerda e de centro-esquerda, a partir de 2013 se identificam com posições de direita e de centro.

Argumenta ainda que, a partir desta data, as lutas não são mais por direitos, por serviço público de qualidade, melhores salários. As manifestações são conduzidas por

[...] moradores de bairros nobres, de classe média e média alta, antipetistas, muitos dispostos a bater panelas e usar uma linguagem vulgar para se referir à presidenta da República e lutar por seu impeachment (PINTO, 2017, p. 152).

Neste contexto, Souza (2016) assegura que os atores das Jornadas de junho foram a fração moralista e conservadora da classe

média, um velho conhecido da história brasileira, que sempre desprezou e odiou pobre, mas a reconstrução desse segmento foi realizada para parecer um novo ente. Nessas manifestações, a camisa da seleção brasileira de futebol e o Hino Nacional se tornaram símbolo. “[...]É a camisa que passa a mensagem mais importante: ‘não somos de nenhum time, não somos de nenhum partido. Nosso time é a seleção, e torcemos pelo Brasil’” (SOUZA, 2016, p. 101).

Diante dessas manifestações surgem os questionamentos, qual o sentido de criminalizar a política? Quem ganha e quem perde com essa criminalização? Para isso, realizamos a análise dessa compreensão nas produções dos estudantes e o que significa para as classes populares a cimentação da criminalização da política.

Segundo Souza (2017) as noções de personalismo e de patrimonialismo, já abordado na seção anterior, criou a ideia de tratar com desconfiança todos aqueles que assumem o poder político. Mesmo não tendo comprovação de um desvio de conduta de um agente político, a imprensa pode acusá-lo, pois este ato já está legitimado pela forma de pensar do brasileiro que não acredita que nenhum político não faça desvio de recursos públicos.

Assim, acusar uma pessoa que tem mandato político de corrupção é um ato banal e o acusador já recebe a credibilidade, pois há crença no senso comum e até na ciência para justificar a acusação. Nesta situação fica a cargo do acusado provar que é inocente, se for algo que lhe interessa.

A corrupção apresentada pela mídia, que só condena o agente público do estado, é uma forma de criminalizar a política. É comum ouvir expressões como: “todo político é corrupto” ou “quem é honesto não entra em política” e ainda “toda pessoa honesta que entra na política se corrompe”. Essa forma de tratar a política partidária faz que uma grande

parte das camadas populares se afaste desta atividade e, por isso, tem pouco poder na formulação das políticas públicas.

Em se tratando de corrupção na política faz-se necessário atentar para o que nos escreve Souza:

Repare o leitor que jamais se reflete acerca de um sistema político construído para ser corrupto, ou seja, construído para ser comprado pela elite do atraso para manter seus privilégios econômicos (SOUZA, 2017, 123).

Procurando esclarecer a compreensão de Souza (2017), que nos indica que o sistema político foi montado para ser corrupto e garantir a elite do dinheiro no poder pelo sistema de financiamento de campanha, vemos que a grande parte dos agentes políticos eleitos tiveram suas campanhas financiadas (compradas) e, portanto, defendem os interesses de seus corruptores, mas “[...] o ataque midiático é feito para parecer que a corrupção é obra de pessoas privadas ou partidos específicos”. (SOUZA, 2017, 123)

Souza (2017) sustenta que os motivos para criminalizar a política são em primeiro lugar uma forma de tirar das camadas populares a possibilidade de participar da intervenção dos destinos do Estado. Ele também nos chama atenção que sempre partiu do Estado, as poucas vezes que se teve alguma preocupação com a ascensão das camadas populares.

Numa sociedade como a nossa, que tem uma enorme desigualdade social, deixar a maior parte da população de fora da decisão da divisão do bolo, é o que gera a maior concentração de renda na mão de poucos ricos e a perpetuação da pobreza extrema.

Souza (2016) ressalta que os ataques da mídia a Lula e ao PT não foram ataques a pessoas e a partidos, “[...]foram ataques a uma política

bem-sucedida de inclusão das classes populares que Lula e o PT representaram” (SOUZA, 2016, p. 85).

Outro motivo que Souza (2017) menciona para criminalizar a política é para que a economia não tenha a sua mediação e fique a serviço da elite do atraso e não tenha o controle do Estado, deixando-a para a influência do mercado, que faz a rapinagem dos recursos públicos.

Continua discorrendo Souza (2017) que a interpretação de Sérgio Buarque de localizar uma elite maldita no Estado é uma forma de tornar invisível o mercado dominado por atravessadores financeiros. Dessa forma, constrói-se o Estado corrupto e o mercado o seu oposto, assim o Estado é sempre suspeito, principalmente se é dirigido por alguém que não está disposto a fazer o jogo do mercado de capturar o Estado para si.

Souza (2016) aponta que nas manifestações de junho de 2013, os partidos políticos foram criminalizados, mas como só os partidos de esquerda têm capilaridade e militância, somente eles foram afetados por essa visão. Dessa forma, a esquerda foi criminalizada e conseqüentemente perdeu expressão política para fazer a defesa do princípio da igualdade social, o que deixou vulneráveis as camadas mais pobres.

Dessa forma, um dos motivos para criminalizar a política é tirar dos mais pobres as possibilidades da ascensão social. Como nos indica Souza (2017) que foi por meio da política que os governos petistas iniciaram a elevação da condição de vida da ralé e se essas políticas fossem levadas a diante, em poucas gerações, redimiria essa classe.

Por isso, como argumenta Souza (2017), a elite e a classe média, nas manifestações de 2013, reagiram pedindo mudanças, como forma de retirar o governo e conseqüentemente alterar as políticas sociais de atendimento às classes populares. Porém, as camadas populares ficaram quietas e “[...] passivas e algumas vezes, inclusive, açodando e participando do movimento” (Souza, 2017, p. 89).

Nas composições do TAL, os estudantes assumem esse papel ao defenderem, nos seus poemas, esse apelo de mudança que vinham das manifestações, como apresenta o poema da estudante Safira:

Temos que pensar em mudanças
Lutando por igualdade
Branco, preto e mulato
Todos nós vamos em busca de liberdade.

Com o poema “Dificuldades” está Safira convencida da necessidade de fazer mudanças. A cobertura jornalística que foi realizada conseguiu persuadi-la de que as manifestações estavam lutando por igualdade entre os brasileiros. Ao fazer a citação “branco, preto e mulato”, apesar de não está incluído o índio, dá para interpretar que todo brasileiro está incluído nesta luta de superação de desigualdade.

Percebe-se que o tipo de informação recebida pela estudante foi distorcida para fazê-la acreditar que, ao realizar a defesa das mudanças proferidas nos protestos, estava lutando para que todos buscassem a sua liberdade e sua autonomia.

O poema “As verdades do país” de autoria do estudante Citrino demonstra o desejo de morar em outro país, mas as suas condições financeiras não lhe oferecem possibilidade de concretização deste sonho. Avalia ainda que não encontra ninguém para ajuda-lo, naquele momento e nem em situações anteriores, que teve grandes necessidades, por isso conclui que tem de concretizar a mudança.

Eu moro nesse país
Mas as condições não dão pra
Eu morar em qualquer lugar
Não vejo ninguém para me ajudar
Já precisei de tantas coisas
E não puderam me ajudar
A gente precisa de mudança

O pedido de mudança do estudante é como um “passo no escuro”, porém, ele tem a expectativa de que a transformação, na qual acredita que virá, criará as condições para a realização do seu desejo ou que qualquer alteração que possa vier, será melhor do que o presente que ele vive.

A estudante Esmeralda com a composição “Brasil, um país de conquista” apresenta, ao observar os protestos, que o Brasil tem um desejo grande de mudança e ressalta algumas características de elevação do país, tais como: forte, inovador e que não perde a esperança. Por seus traços de grandezas, o país tem condições de fazer as alterações que deseja.

És forte!
Nunca perde a esperança
De um país inovador
Com sede de mudança

Como identifica Souza (2016), a partir das manifestações de 2013, mediante a parceria entre grande mídia e as instituições do aparelho jurídico-policial passaram a deslegitimar o governo. “[...]Palavras de ordem como ‘muda Brasil’, como forma cifrada de invocar a verdadeira bandeira ‘muda (de governo) Brasil’ passaram a dominar o imaginário das manifestações” (Souza, 2016, p. 94)

Acreditamos que as produções dos poemas citados acima, foram fortemente marcadas pelo tipo de cobertura realizado pela mídia no momento das manifestações de 2013.

Além das referências as informações das mídias da atualidade, percebemos que os alunos também compuseram textos que trazem as questões sociais que sempre foram divulgadas pelas grandes mídias. Nesta perspectiva, a composição que segue abaixo, não tem nenhuma influência dos protestos, mas indica o tipo de cobertura jornalística

realizado em uma década anterior, onde os problemas da população nordestina eram apresentados como consequência da seca.

A chuva esperançosa

No sertão brasileiro
Sempre teve falta d'água
Mas a seca nessa década
Ta sendo muito malvada
Descobriram que seu bem
Mais precioso, é a água.

A seca no nordeste
Ta numa situação tremenda,
O povo passando fome
Não tem uma fonte de renda.

A vida lá no sertão
Está sendo destruída
O povo passando sede,
Animais perdendo a vida.
E a esperança desse povo
É ver o caminhão de pipa.

Todos migram do sertão
Quando voa a asa branca
Mas quando a chuva volta
Se renova a esperança.

Neste poema “Chuva esperançosa”, as estudantes Turmalina e Ágata retratam a falta de chuva na região Nordeste e por consequência desta situação climática, a população passa fome porque não tem uma fonte de renda. Nesta condição, o que traz alegria para o povo é ver um caminhão pipa. Concluem que a esperança se renova quando volta a chover.

Destarte, o drama da fome e da sede que a composição retrata sempre foi interpretado como consequência da “seca” que a região está sujeita, é um fenômeno natural, porém era utilizado como mecanismo de dominação pelos coronéis, que também tinha o comando político. Essa situação ficou conhecida como a “indústria da seca”, pois gerava mais renda para os donos do poder.

O carro pipa fazia a distribuição das águas para as famílias que não tinham, mas também era um veículo de dominação, pois só recebia a água aqueles que se submetiam ao poder político local. Em 2013, esta realidade já encontrava bem amenizada, pois quase a totalidade das famílias que vivia na zona rural já tinha a sua cisterna construída pelo poder público federal. E para a FAO (2016), as cisternas melhoraram a água consumida, diminuíram o tempo em busca da água e reduziram as doenças.

A situação climática do Nordeste de pouca precipitação ao longo da história do Brasil causou muitos problemas para a sua população. Situação essa que foi cantada em prosas e versos. Uma das consequências dessa realidade vivida pelo nordestino era a migração, não por opção, mas como possibilidade de melhorar de vida ou simplesmente fugir da sede e da fome.

No ano de 2013, esta realidade pluviométrica do Nordeste continuava a mesma, porém não tinha as mesmas consequências de anos anteriores, devido o investimento social nas políticas de convívio como o semiárido, que melhorou a realidade econômica e social do nordestino. Programas como Fome Zero, Bolsa Família e Brasil Sem Miséria, implantados pelo Governo Federal de 2003 - 2013 tiraram o país do mapa da fome em 2014 (FAO, 2016).

Segundo a FAO (2016), a partir das políticas de convivência com o semiárido e a rede de proteção social, as secas não causaram êxodo rural, mortes de pessoas, lutas pela água, nem saques em supermercados, senas bem diferentes do que acontecia no passado do Brasil. As políticas sociais que foram implantadas provocaram impactos na vulnerabilidade social e na redução das desigualdades e da pobreza.

Acreditamos que as estudantes Turmalina e Ágata não retratam a realidade da superação da situação de fome e da sede dos nordestinos, pela ausência de reportagens jornalísticas que pudessem apresentar esta

superação como apresentavam o flagelo, quando o problema era bem evidente.

Diante do exposto, procuramos evidenciar que a criminalização da política e o pedido de mudança, mais no sentido de alteração do governo federal, foram influenciados pelas manifestações de junho de 2013, que tiveram uma enorme cobertura jornalística realizada pela grande mídia. Tal postura serviu para criminalizar os partidos de esquerda e interromper a progressão das políticas de inclusão social que vinham superando as desigualdades abissais no Brasil.

Os estudantes ainda não tinham a compreensão de que toda política tem que ter sua base social para dar sustentação ao seu desenvolvimento. A consequência mais danosa de seguir uma narrativa feita pela grande mídia, a partir das manifestações de 2013, foi por freio no processo de ascensão social das camadas populares.

4.7 A PEC 37 e a conspiração com a mídia

Dentre as composições do TAL de 2013, uma delas trata sobre o Projeto de Emenda à Constituição (PEC) 37 que apareceu nas manifestações de junho daquele ano.

Mas o que é a PEC 37 e para que ela serve? É uma Proposta de Emenda à Constituição apresentada pelos deputados Lourival Mendes do PT do B – MA e outros que acresce o § 10 ao Artigo 144, onde define de quem é a competência de fazer a investigação criminal que traz a seguinte redação: "§ 10. A apuração das infrações penais de que tratam os §§ 1º e 4º deste artigo, incumbem privativamente às polícias federal e civis dos Estados e do Distrito Federal, respectivamente." (BRASIL, 2011)

O estudante Rutilo descreve assim no seu poema "Acorda Brasil":

As manifestações populares
Pelas ruas do País
Resgataram de modo espetacular,
a voz da cidadania, e de um povo infeliz.

A nossa força, é para gritar
Por um Brasil diferente
Não é só pelos 20 centavos
Que o povo brasileiro quer ser “gente”

A justiça e o amor
Podem transformar a sociedade
Num lugar diferente,
Com respeito e igualdade

O movimento é pelo País,
Contra a PEC 37, contra a impunidade,
Contra a corrupção, contra as tarifas.

O poema “Acorda Brasil” traz uma visão positiva das manifestações de 2013 afirmando que elas foram a força propulsora do exercício da cidadania que surgiram praticamente de forma mágica ao expressar que “resgataram de modo espetacular a voz da cidadania”.

Ao utilizar o verbo “resgatar”, o estudante induz à interpretação de que o momento histórico que antecede as manifestações é de caos, que necessitava um salvamento e de que, em algum momento mais remoto da história, o brasileiro tivesse vivido o exercício da cidadania de maneira plena.

Diante do exposto, o estudante acredita que se faz necessário realizar a libertação do país, por isso os manifestantes gritam por um país diferente onde vai ter o respeito e a igualdade, se posicionando contra a PEC 37, a impunidade, a corrupção, ao aumento das tarifas. Justifica os protestos dizendo que “estamos na pior das ditaduras”.

De acordo com Souza (2016) a partir do dia 17 de junho de 2013, a grande mídia, liderada pelo Jornal Nacional (JN) da Rede Globo passa a fazer uma cobertura positiva das manifestações, ao invés de condenar, a expõe como a “expressão da cidadania”. Em sua composição, o estudante expressa esse pensamento que foi absorvido por essa

cobertura jornalística dizendo que as mesmas “Resgataram de modo espetacular, a voz da cidadania”.

No seu texto, o estudante concebe o povo como “infeliz”. Qual a visão de povo para ele? Compreende-se a partir do poema que a concepção de povo como único e que tivesse na mesma posição. Ao se manifestar, a população reconquista a felicidade, como em um passe de mágica. Para Souza (2016) a ala direitista da classe média, que passou a ocupar as ruas a partir do dia 17 de junho de 2013, desejava ser percebida como povo e não como classe média.

As manifestações de junho de 2013 iniciaram para pedir a redução do aumento da tarifa de vinte centavos da passagem do transporte coletivo da cidade de São Paulo. Esse movimento foi apropriado pela classe média, que queria a mudança do governo federal, e mudou a pauta de municipal para federal e uma luta objetiva, a redução do aumento da passagem de ônibus, para outras pautas.

Na composição do estudante, a expressão “Não é só pelos 20 centavos” é como uma “chave” para abrir para novas pautas, ou seja, sair da esfera municipal e adentrar na esfera federal. Nessa alteração de reivindicação é que permite a entrada da pauta “contra a PEC 37”.

Assim, o estudante Rutilo traz para a sua composição as pautas que foram alteradas, a partir do momento em que a classe média apropria do movimento, como: contra a PEC 37, contra a corrupção, contra a impunidade e pela reforma política.

Ademais, a expressão “Não é só pelos 20 centavos”, demonstra o descontentamento com a política que o governo vinha desenvolvendo, por gritar “por um Brasil diferente”. Ainda traz uma frase que apresenta que “o povo brasileiro” vinha sendo tratado abaixo de um padrão de dignidade quando afirma que “quer ser gente”.

Pelo exposto, a visão do estudante foi manipulada por uma interpretação distorcida, pois a realidade social do Brasil era o momento mais favorável às classes populares. Pinto (2017) afirma que a taxa de desemprego no Brasil era 5,4%, entre os jovens era 13,7%, enquanto que na Espanha, um país europeu, a taxa de desemprego era 26,03%, entre os jovens era 53,7%, além de outros indicadores sociais que apontam a ascensão das camadas populares.

Lemos e Barros (2016) aponta que os argumentos de defesa da PEC são dois: primeiro, o ministério público tem muitos poderes concentrados em suas mãos e segundo, separar a atribuição de investigar do papel de acusar.

Na perspectiva de Souza (2016), o objetivo da PEC 37 era dividir o trabalho judiciário entre polícia, ministério público e juiz, ficando assim, a polícia investiga, o ministério público acusa e o juiz julga, dessa maneira nenhum segmento acumularia as mesmas obrigações.

Segundo Lemos e Barros (2016) a PEC 37 pretendia tornar privativo das polícias federal e civil a investigação de crimes, que na falta desta lei poderia ser feita também pelo ministério público.

Para Souza (2017) a posição contrária à PEC 37, pelo ministério público, só se explica pelo interesse corporativo e autoritário que queria aumentar seu poder e diminuir o controle que é regra em toda sociedade democrática e civilizada.

Na pesquisa realizada por Lemos e Barros (2016) demonstra que o ministério público utilizou de inúmeras estratégias de comunicação direcionadas aos parlamentares, que iriam votar pela aprovação ou rejeição, e, ao público em geral. Fez reunião com parlamentares, debates, publicidade na mídia, atos públicos, entre outros. Fez uso das redes sociais contratando para isso uma empresa especializada no assunto.

Ainda segundo Lemos e Barros (2016) o poder de pressão do ministério público foi grande, pois toda semana chegavam a Brasília inúmeros promotores e procuradores para perambular pelo Congresso Nacional e conversar com os deputados e senadores para tentar convencê-los a votar contra a PEC 37.

Para Lemos e Barros (2016) no campo relacional, o discurso e as práticas entre o MP e os delegados são divergentes, ou seja, faz-se o discurso de colaboração e cooperação, mas o relacionamento é marcado por disputas, divergências e conflitos, que operaram no campo das lutas simbólicas, por prestígio e reconhecimento social e político.

Nestas disputas, trava-se a luta entre delegados e MP em relação a PEC 37. Para Lemos e Barros (2016) os delegados usam o argumento da experiência acumulada do trabalho de investigação, que possui técnica e o conhecimento especializado para realizar a atividade com perícia.

Já o MP usa os instrumentos das lutas simbólicas e apresenta o argumento de que suas atividades tem distanciamento político o que teria isenção e neutralidade para realizar as investigações, por isso sua ação não teria a influência do viés político partidário ou ideológico.

Para Lemos e Barros (2016) o sucesso da campanha do MP foi ter vinculado junto à opinião pública, que a PEC 37 estimularia a impunidade e o incentivo à corrupção. Ademais, as posições dos delegados de polícia passaram a figurar o comprometimento com a “velha política”.

Vieram as manifestações de junho de 2013 e Souza (2016) aponta que a partir do dia 19 de junho aparecem cartazes contra a PEC 37, mesmo que a grande maioria dos manifestantes não soubesse do que se tratava, transformaram-se em defensores das causas do MP. Indica-nos Souza (2016) que a PEC 37 era uma pauta estranha ao movimento.

Segundo Souza (2016) não tinha nenhuma pessoa, na pesquisa Ibope, que havia mencionado a PEC 37 como razão espontânea de ida às

manifestações. Ela entrou como pauta a partir de um conluio entre o MP e a grande mídia. “Na maré da comoção nacional que se instaurou depois das insurreições, a PEC 37, que antes era dada como ganha, teve derrota fragorosa de 430 votos contra 9 em plenário”. (SOUZA, 2016, p. 107)

Para Lemos e Barros (2016) a derrubada da PEC 37 pela Câmara dos deputados foi o atendimento da reivindicação das manifestações e a cobertura realizada pela mídia contribuiu na concretização deste feito, em que o MP transformou uma questão corporativa, que diz respeito a si mesmo, como algo de interesse público.

Neste sentido, Souza (2017) afirma que a rejeição da PEC 37 pela câmara dos deputados se deu pelo apoio da Globo e de outros meios de comunicação que sugeriam a sua desaprovação, uma vez que o projeto não era conhecido da população. Essa defesa realizada pela grande mídia foi fundamental para obter o sucesso que teve, sempre vinculando ao combate à corrupção. Com a rejeição do projeto deu-se ao MP “[...] aumento do poder corporativo que lhe assegurava privilégios que os cidadãos comuns sequer sonhavam, lhe propiciando apropriar-se da agenda do Estado”. (SOUZA, 2016, p. 93)

Lemos e Barros (2016) sustenta que existe uma boa relação de parceria entre o MP e a imprensa. O jornalismo investigativo considera o MP uma fonte perita e confiável, além de ser um órgão que fortalece e auxilia a imprensa. Pela colaboração construída, tudo que era divulgado nos meios de comunicação era a reprodução da voz do MP que apontava as posições a favor da PEC como agregadas à defesa da corrupção.

Em virtude dos fatos mencionados, fica evidente que não houve discussão do projeto na mídia. O que ela fez foi ampliar a voz do MP e incentivar os manifestantes a fazerem a mesma defesa nas ruas.

Pelo que podemos observar, o estudante Rutilo reproduz no seu poema as ideias do MP que são propagadas na grande mídia e que foram

incluídas nas manifestações. Ele faz a mesma associação à PEC que o MP banca, vinculando-a à impunidade e à corrupção.

Diante do exposto fica evidente que a posição contra a PEC 37 não era um tema de interesse popular, não fazia parte dos objetivos das manifestações de 2013, foi introduzida para desequilibrar uma disputa de poder entre o MP e a polícia. Foi algo que apareceu pela cobertura de massificação da mídia

Neste contexto como a grande mídia, representada pela Rede Globo, se colocou ao lado do MP e, fez divulgação do projeto, o mesmo acabou chegando à composição de um aluno que estuda em uma escola pública. Tanto a manifestação foi usada para fazer a defesa de um tema estranho ao que se propôs, como o estudante que a considerou uma proposta digna de sua preocupação e argumentação.

Para compreendermos melhor a influência da mídia, trazemos à discussão o conceito de “indústria cultural” que foi criado por Horkheimer e Adorno (1985) para substituir a expressão “cultura de massa”, que era compreendida como aquilo que era veiculado e seria resultado das próprias massas. Porém, a ideia de indústria cultural expressa a função de atender aos interesses econômicos de um determinado grupo da sociedade.

Na compreensão de Gonçalves (2010), o conceito de cultura para a civilização ocidental foi operacionalizado de duas significações: educação e trabalho. A educação significa o cultivo do espírito humano, a formação da personalidade, com a incorporação dos valores morais, uma cultura da aristocracia. O trabalho e o cultivo da terra, como cultivo do espírito, uma educação popular cimentada na justiça e no trabalho que se transmite pela tradição.

Assim sendo, a cultura é fruto da relação estabelecida que inclui os conhecimentos dos campos das ciências, da filosofia da religião, como também da forma de fazer construída por cada povo em seu espaço.

Na visão de Caniato, Cesnik e Rodrigues (2012), dentro do capitalismo, a cultura passou a ser utilizada para oprimir o homem porque se tornou alheia ao próprio homem, sendo uma mercadoria regida pelas leis de mercado, portanto passa a ser produto da indústria cultural. Assim, a indústria cultural não é cultura porque é imposta à pessoa com o objetivo de obter lucro e não a melhoria das condições humanas. A indústria cultural não visa à autonomia, mas manipular as massas e transmitir padrões de comportamento conformistas.

Caniato, Cesnik e Rodrigues (2012) nos chama a atenção de que a indústria cultural tem que ser entendida como indústria de circulação de mercadoria, pois suas atividades estão direcionadas para a massificação, integração, padronização e passividade dos indivíduos e não como indústria de produção.

Para Cirigliano (2000), a indústria cultural promove a semiformação, que ao contrário da formação, patrocina a semiautonomia que ao invés de libertar o indivíduo coisifica-o, levando-o ao conformismo e à falsa ideia de que o consumo leva à felicidade. Dessa forma, o sujeito distancia da sua emancipação e aproxima dos interesses de mercado.

Cirigliano (2000) nos chama a atenção de que os meios de comunicação cumprem um papel na semiformação da sociedade que debilita a consciência crítica e, com o discurso da neutralidade e a ideia de que o Estado é um mal desnecessário, promove a despolitização. Assim a semiformação impede a formação cultural e produz o falseamento da consciência.

Na perspectiva de Adorno e Horkheimer (1985) a indústria cultural leva à “mistificação das massas; padronização de tudo; atrofia da

imaginação, da atividade mental; desaparecimento da capacidade crítica e do respeito ao ser humano; exclusão do diferente, do novo” (ADORNO E HORKHEIMER, 1985 *apud* CIRIGLIANO, 2000, p. 92). Por isso, a indústria cultural é o contrário da cultura popular, que é emancipadora (CIRIGLIANO, 2000).

Em virtude dos fatos mencionados, podemos concluir que o tipo de cobertura realizado pela grande mídia durante as manifestações de junho de 2013, foram feitos para atender o interesse da indústria cultural que buscava a padronização do comportamento e a aniquilação da capacidade crítica, mas conduzido de forma distorcida para convencer o manifestante de que ele estava sendo ator de uma nova postura de independência diante da realidade política.

Assim, ao ser conduzido pelo tipo de cobertura jornalística do meio de comunicação que tomou partido do MP ao realizar a divulgação apenas da sua versão sobre a PEC 37, o estudante foi vítima da semiformação, que não deseja a sua formação, pelo contrário, a sua deformação e passividade para transmitir padrões de comportamentos de interesse da indústria cultural.

Entretanto como lidar com esta questão sem fazer a condenação do estudante e sim trabalhar para que ele adquira a sua capacidade crítica?

Para Freire (1996) o educador tem que respeitar a leitura de mundo que o estudante traz, torná-la ponto de partida e deixar claro que a curiosidade é fundamental para inteligibilidade, desse modo a curiosidade faz seus achados.

Segundo Saul e Giovedi (2015) educadores que partem da leitura de mundo dos estudantes podem perceber suas explicações como “[...] incompletas, ingênuas, distorcidas, invertidas, ideologizadas, mistificadoras” (SAUL e GIOVEDI, 2015, p. 139). Porém, a solução é a construção de um currículo crítico-libertador. Em seguida, confrontar as

visões de mundo do estudante com a do educador para depois construir junto com o estudante uma visão crítica da realidade.

Partindo do respeito da leitura que o estudante faz do mundo, o educador segundo Freire (1996), tem que ter uma postura de humildade, deixar a arrogância científica e reconhecer o caráter histórico da curiosidade. Ainda nos alerta Freire (1996) que partir da leitura de mundo do estudante não significa concordar com ela e também não é um jogo tático para se tornar simpático ao estudante, mas é forma correta para a superação de uma visão ingênua para outra mais crítica.

Diante do exposto, a posição do educador frente a ideais que o estudante Rutilo expressa na sua composição “Acorda Brasil” deve figurar como ponto de partida para a reflexão que o leve a sair de uma visão ingênua e ideologizada para uma postura de autonomia. Essa condução deverá ser feita de forma cuidadosa, respeitando as ideias do estudante e com uma postura de humildade do educador para não criar atrito, porque dá a entender que o mesmo acredita que a sua postura está sendo crítica e emancipadora.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das produções artísticas do TAL nos levou ao entendimento de que as ideias que os estudantes expressaram sobre a realidade social e política do Brasil espelham a luta de classes. No ano de 2013, as manifestações do mês de junho, principalmente a partir do dia 17, foram conduzidas pela elite do dinheiro, tendo a classe média como protagonista, que estava descontente com os avanços sociais das classes populares.

Assim, ao fazerem a defesa das mesmas ideias suscitadas pelas manifestações, os estudantes foram vítimas da violência simbólica, por não terem a consciência de classe, defenderam as ideias que visavam à retirada de direitos das classes a que pertenciam.

Neste contexto, a pesquisa permitiu identificar que as ideias que serviram de base para a construção dos poemas dos estudantes são oriundas dos conceitos de personalismo, patrimonialismo e populismo, que estão presentes no senso comum e nas ciências sociais brasileiras e são ensinadas nas escolas e amplamente divulgadas pela mídia.

Nesta pesquisa foi possível perceber que a mídia é um instrumento importante de reprodução das ideias, concentrada nas mãos da elite do dinheiro para fazer a dominação das outras classes e as colocar a seu serviço. Como disseminadora de ideias, ela não as produz, mas as reproduz de maneira avassaladora, pois repete a mesma informação diariamente.

Verificamos que as noções de personalismo, patrimonialismo e populismo são a base da interpretação conservadora da realidade social e política brasileira. Estas foram ideias reproduzidas pela mídia para fazer a dominação das outras classes, em nome da elite financeira do país.

Dessa maneira, as ideias que serviram de base para a interpretação da realidade brasileira foram constituídas por Gilberto Freire, Sergio Buarque de Holanda e Raimundo Faoro, divulgadas pela mídia, e que serviram de fundamentação teórica para o desenvolvimento desta pesquisa.

É preciso entender que a luta de classes não é só pelos bens, o capital econômico, mas também pelo capital cultural e se realiza sem trégua. Por isso é necessário trazer à tona que a disputa de narrativas está se digladiando para ocupar o espaço na banca da história, mas também para subjugar as classes populares ou a sua autonomia. Como a elite do dinheiro, além dos meios de produção, tem também os meios de comunicação, assim ela impõe a sua narrativa.

Desse modo reafirmamos que a elite do dinheiro faz a dominação de todas as outras classes por ter conseguido naturalizar os conceitos de personalismo, patrimonialismo e de populismo. Assim, pelo convencimento, todas as outras classes fazem a defesa dos interesses dos donos do capital, como se fossem seus.

Assim, consideramos que a ideologia política presente nas produções do TAL dos alunos de um Colégio Estadual do sudoeste baiano, em 2013 foi a reprodução das ideias conservadoras da elite dos proprietários propagadas pela grande mídia, mas também ensinadas nas escolas e apreendidas pelo senso comum.

Entendemos que o pensamento defendido nas manifestações de 2013, que reverberou nas produções textuais dos estudantes, fomentou as disputas políticas a partir de então, sendo propulsora das ideias e da base social responsável pelo golpe no mandato popular da presidente Dilma. Ademais, a partir dessas manifestações é que começam a ganhar força as políticas de redução de direitos das camadas populares.

A partir deste estudo chegamos ao entendimento que se faz necessário o uso de ferramentas pedagógicas que permita ao estudante o

seu autoconhecimento, enquanto classe social. Essa auto-identificação, enquanto classe social, lhe possibilita saber que as classes estão em luta constante e lhe permite pensar em se colocar do lado de sua classe, não oferecendo as suas forças para opressão, mas para a sua libertação.

Percebemos ainda que é necessário compreender que um fato histórico, social, econômico precisa ser interpretado. A partir da interpretação e da finalidade da interpretação é que são construídas as narrativas e é por meio delas que a elite do dinheiro mantém o domínio sobre as outras classes.

O entendimento da luta de classes irá fornecer os instrumentos cognitivos aos estudantes para que as narrativas reproduzidas por eles não sejam opressoras, mas libertadora. Assim, os estudantes não serão apenas consumidores das narrativas da elite do dinheiro, que visa manter o domínio sobre as outras classes, mas protagonistas das suas escolhas.

Por meio das análises compreendemos que o educador de uma escola pública, comprometido com a libertação das classes populares, para não realizar a reprodução dos conceitos de personalismo, patrimonialismo e populismo, precisa orientar a sua prática pedagógica de tal forma que fomente a autonomia de seus estudantes.

Para ser protagonista do trabalho pedagógico desenvolvido na escola é necessário apreender que no momento do acontecimento histórico o fato pode ter sido interpretado de uma forma e depois, em outro momento, decorridos alguns anos, se faz outra interpretação, algumas vezes, totalmente inversa da primeira. Para fazer a orientação ao estudante, faz-se necessário coloca-lo frente a frente com as versões de narrativas feitas pelas defesas de cada classe para que ele possa ver que a história é construída fazendo escolhas de versões.

Destarte, é salutar para a aprendizagem, que ao apresentar um fato histórico, procure mostrar como ele estava sendo percebido por aqueles que viviam o presente. Assim colocamos o estudante para

confrontar as narrativas tanto as que chegaram ao tempo presente como era percebida no momento em que os fatos aconteceram. Com isso, mostramos que a interpretação do momento presente não é fácil.

Neste sentido, esta pesquisa não é conclusiva, muitos caminhos precisam ser percorridos, ela poderá expandir para analisar o pensamento estudantil de outras unidades escolares no ano de 2013, pois o TAL é um projeto que tem a abrangência em todo o estado da Bahia e as escolas que participaram devem ter em seus arquivos os documentos para serem feitas as análises. Tal investigação poderá analisar se as produções de outros estudantes receberam as influências dos estudantes da escola em questão.

Ainda poderá expandir para o estudo dos usos dos símbolos nacionais, a Bandeira e o Hino Nacional, no processo das lutas de classes, sabendo que as utilizações desses símbolos foram feitas pela classe média nas manifestações de 2013 e nas manifestações de 2015 e 2016.

Acreditamos que os estudos e discussões desta pesquisa contribuam para fortalecer as práticas educativas libertadoras na formação cidadã e no combate às ideologias que visam à opressão, principalmente, das camadas populares.

Referências

AMADO, João (Org.). **Manual de Investigação Qualitativa em Educação**. 1ª Ed. Coimbra: Gráfica Coimbra, 2013.

BARBOSA, Gisele Heloise; KERBAUY, Maria Tereza Miceli. **Os Protestos de Junho de 2013: Movimentos Sociais e Reivindicações**. Belo Horizonte, set. 2016.

BARDIN, Lawrence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil LTDA, 1989.

BOURDIEU, P. **Escritos de Educação**. 9ª Ed. – Petrópolis: Vozes, 2007.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. PEC 37. Brasília: 2011. <<https://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=507965#marcacao-conteudo-portal>> Acesso em 16/10/2018.

CANIATO, Ângela; CESNIK, Cláudia Cotrim; RODRIGUES, Samara Megume. A captura da subjetividade pela violência simbólica da indústria cultural: da submissão à culpabilidade dos indivíduos. **Psicol. USP** vol.23 no.4 São Paulo set./dez. 2012. < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642012000400003&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt> Acesso em 25/10/2018.

CARTA CAPITAL. **Revista Carta Capital: Edições Anteriores**. <https://www.cartacapital.com.br/revista?b_star_t:int=210> Acesso em 26/02/2018.

CHAUÍ, Marilena. As manifestações de junho de 2013 em São Paulo. **Teoria e Debate**. São Paulo: Partido dos Trabalhadores, 27 de junho de 2013, vol. 113. <<http://www.teoriaedebate.org.br/edicoes/4081>>. Acesso em 19/07/2018.

CIRIGLIANO, Gustavo Francisco. Teoria crítica e educação. **Cadernos de Educação Universidade Federal de Pelotas**, Faculdade de Educação, ano 9, n.14, jan./jun. 2000 -2ª Edição.

ÉPOCA. **Revista Época: As Capas de Época**. <<https://epoca.globo.com/tempo/noticia/2013/06/capas-de-epoca.html>> Acesso em 26/02/2018.

EXAME. **Revista Exame: Edições de Exame**. < https://exame.abril.com.br/2013/?post_type=edicao> Acesso em 26/02/2018

FAO – Organização das Nações Unidas Para a Alimentação e a Agricultura. **Superação da Fome e da Pobreza Rural: Iniciativa Brasileira**. Brasília: Fiat Panis, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6ª Edição. São Paulo: Atlas, 2008.

GONÇALVES, Alicia Ferreira. Sobre o Conceito de Cultura na Atropologia. **Cadernos de Estudos Sociais** - Recife, v. 25, no. 1, p. 061-074, jan./jun., 2010.

GOHN, Maria da Glória Marcondes. Manifestações de protesto nas ruas no Brasil a partir de Junho de 2013: novíssimos sujeitos em cena. **Rev. Diálogo Educ**. Curitiba, v. 16, n. 47, p. 125-146, jan./abr. 2016.

ISTO É. **Revista Isto é: Edições Anteriores**. <<https://istoe.com.br/edicoes/page/8/>> Acesso em 26/02/2018.

LEMOS, Cláudia Regina Fonseca; BARROS, Antônio Teixeira de. Lutas simbólicas na arena midiática: o poder de agência do Ministério Público e as controvérsias sobre a PEC 37. In **Opin. Pública** vol. 22 no.3 Campinas set./dez. 2016.<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-62762016000300702&lng=pt&nrm=iso> Acesso em 15/10/2018.

MAINARDES, Jefferson; STREME, Silvana. A teoria de Basil Bernstein e algumas de suas contribuições para as pesquisas sobre políticas educacionais e curriculares. **Revista Teias**, mai./ago. 2010.

MARTINS, Heloisa Helena T. de Souza. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.30, n.2, p. 289-300, maio/ago. 2004.

MENEZES, Marília Gabriela de; SANTIAGO, Maria Eliete. Contribuição do pensamento de Paulo Freire para o paradigma curricular crítico-emancipatório. Scielo. Campinas set./dez. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072014000300003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 11 fev. 2017.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

NARZETTI, Claudiana e NOBRE, Ayene. A teoria dos códigos linguísticos de Basil Bernstein e a questão da modalidade oral da língua. **Domínios de Linguagens**. Uberlândia, jan. /mar. 2016.

PINTO, Céli Regina Jardim. A Trajetória Discursiva das Manifestações de Rua no Brasil. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**. São Paulo, fev-2017.

WARREN, Ilse Scherer. Manifestações de Rua no Brasil 2013: encontros e desencontros na Política. **Caderno CRH**. Salvador, maio/ago – 2014, v. 27, nº 71.

PUJOL, Antoni Francesc Tulla i; ROCHA, Fernando Goulart; SAMPAIO, Fernando dos Santos. Manifestações populares no Brasil atual: sociedade civil em rede e reivindicações sobre o poder político. **XIII Colóquio Internacional de Geocrítica**. Barcelona, 5-10 de mayo de 2014.

SAUL, Ana Maria; GIOVEDI, Valter Martins. Currículo e Movimentos Sociais: Uma Prática Escolar Inspirada na Pedagogia de Paulo Freire. **Revista Teias**. v. 16, n. 43, 135-152, out./dez. – 2015.

SOUZA, Jessé. **A Elite do Atraso: da Escravidão à Lava Jato**. 1ª. Ed. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

SOUZA, Jessé. **A radiografia do Golpe: entenda como e porque você foi enganado**. 1ª. Ed. Rio de Janeiro: Leya, 2016.

SOUZA, Jessé. **A Ralé Brasileira: Quem São e Como Vive**. 1ª. Ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

TIRADENTES, Adrielly Rocha. Violência Simbólica no Contexto Escolar: Discriminação, Inclusão e o Direito à Educação. **Revista Eletrônica do Curso de Direito - PUC Minas Serro**. Serro, n. 12, ago/dez 2015.

VEJA. **Revista Veja: Todas Edições**. < <https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/editions>> Acesso em 26/02/2018.

APÊNDICE I

Apêndice I – Manchetes das principais revistas de circulação nacional – período de janeiro a julho de 2013

MESES	SEMANAS	REVISTA VEJA	REVISTA ÉPOCA	REVISTA ISTO É	REVISTA CARTA CAPITAL	REVISTA EXAME
Jan. 2013	Semana 1	Soluções instantâneas capazes de fazer o Brasil Virar um foguete		10 tendências que irão mudar sua vida	Dilma e o seu tempo	
	Semana 2	O que você não sabe sobre a vitamina do sol	Emagreça e fique sarado sem sair de casa	Porque o Brasil não aproveita seus gênios	Turismo sexual	
	Semana 3	20 outras razões para o otimismo	A vida sem carro	A moda dos seus fartos	Os serviços	
	Semana 4	Na estrada com os sertanejos	Porque amamos tanto os bichos	A cura pelos genes	O risco Netanyahu	
Fev. 2013	Semana 1	Nunca Mais (Morte em Santa Maria)	Tão jovens, tão rápido, tão absurdo	Tolerância zero	O vazio da cultura	Edição 1034 – Onde investir em 2013
	Semana 2	Quer transar comigo	O novo rosto do humor brasileiro	A Nova cara da adoção	É possível domar a internet?	Edição 1035 – Petrobrás – Como o governo está –até aqui – destruindo a maior empresa do Brasil
	Semana 3	O sacrifício de Bento XVI para salvar a igreja	Um papa brasileiro?	E porque não um papa do terceiro mundo?	Que Deus se apiede	
	Semana 4	A blogosfera que assusta a tirania	O eclipse do Brasil	O Brasil redescobre D. Pedro I	Investimento em câmara lenta. por quê?	
Mar. 2013	Semana 1	Cérebro		Mulheres agredidas	O vaticano na tormenta	Edição 1036 – Um brasileiro no topo do mundo Edição 1037 – Velho demais para liderar?
	Semana 2	Chávez a herança sombria	Depois de Chávez	Uma história de paixão e locuras	A morte de um líder	
	Semana 3	Papa Francisco	O filho de dois Franciscos	A era franciscana	O papa argentino	
	Semana 4	À sombra do papa	O que as brasileira querem dos homens	Abandonados na Bolívia	Índios S A	
Abr. 2013	Semana 1	Você amanhã	Empregada doméstica	O homem que afronta o Brasil – Feliciano	O ministro do plim plim e do trim trim	Edição 1038 – A guerra global dos talentos
	Semana 2	Casamento gay	Com a bandeira gay	As cotas deram certo	A verdade ameaçada	Edição 1039 - Da lojinha de rua ao bilhão da internet Edição 1040 – Eike Batista, o sonho acabou?
	Semana 3	Inflação, Dilma pisou no tomate	Ameaça da inflação. Porque o governo pisou no tomate	Traição e caixa 2	Surpresas da política	
	Semana 4	Exclusivo, Vida de rainha – uma investigação do planalto mostra	Terror na maratona de Boston. E se fosse na copa	Uma Nova face do terror	Bancadas de Deus	

		como Rosimery Noronha se esbaldava com o poder que recebia de Lula	Salve Jorge, pobre Rike			
Mai. 2013	Semana 1	O ataque a justiça		A maioria penal aos 16 anos?	O Brasil confiante	Edição 1041 – Edição 1042 – Como o capitalismo pode salvar o futebol brasileiro (e o seu clube)
	Semana 2	Os órfãos da impunidade	Pai gordo, filho obeso	A ofensiva de Aécio – “Estou preparado para iniciar um novo tempo no Brasil”	Legalizem as drogas!	
	Semana 3	Entenda o que é big data	Porque tudo atrasa no Brasil	Como curar o câncer	Um dia na vida de um professor	
	Semana 4	Canção de mama: a escolha de Angelina	Foi a decisão certa?	Provas das chantagem boliviana	Os bancos encolhem	
	Semana 5	Filhos? Não obrigada	15 jovens mostram a cara do Brasil	Sócios de Marcos Valério abrem o jogo		
Jun. 2013	Semana 1	Roberto Civita	A conta sobrou para você	O império espírita de Zibia Gasparetto	Pela hora da morte	Edição 1043 – O Brasil de Roberto Civita Edição 1044 – Como salvar o mandato de Dilma
	Semana 2	A verdade sobre José Dirceu	Exclusivo – Padre Marcelo “como a fé me ajudou a evitar um depressão”	São Paulo Capital do crime	O Rio esquecido	
	Semana 3	Contra o aumento, a revolta dos jovens	Quem são eles?	A volta da repressão	Sorria, você está sendo espionado	
	Semana 4	Os sete dias que mudaram o Brasil	Pátria amada Brasil Cadê a estadista?	Hoje é você quem manda	Parem de subestimar o povo	
Jul. 2013	Semana 1	Então é no grito?		Você mandou e o poder se mexeu	O Brasil entre a fagulha e a fumaça	Edição 1045 – Colapso
	Semana 2	O verdadeiro plebiscito – você não acha que Brasília deveria abandonar a galáxia distante onde está e voltar para o Brasil? Sim ou não	O novo ativista digital	Porque o Brasil precisa importar médicos	A águia é o Big Brother	
	Semana 1	Choque de ilusão	Eu espiono você	Quem é o novo católico que espera o papa	A saúde está doente	
	Semana 2	O papa dos pobres	10 lições de vida do papa	O propinoduto do tucanato paulista	O papa renovador	
	Semana 5	Papa Francisco no Brasil – “quero que a igreja vá para as ruas”	A espionagem digital dos Estados Unidos	A fabulosa história do achaque de 30%		

Fonte: elaboração própria, a partir das manchetes das principais revistas do país.

APÊNDICE II

Roteiro de entrevista semiestruturada

1 – Qual o significado do TAL para você? O que te levou a participar deste projeto?

2 – Que aprendizagens o TAL lhe proporcionou?

3 – Como você avalia a sua participação na fase regional e sair de lá escolhida em primeiro lugar?

4 – Na etapa estadual, em Salvador, você e sua orientadora ficaram um semana. O que aconteceu nestes dias?

ANEXO I

1. As verdades do País

Estradas e paredes
 E cidades paradas
 Todos sabem o que aconteceu
 Ela foi parada desde quando
 A corrupção aconteceu

Começou agora
 A revolução lá fora
 Quero participar
 Corro paras as ruas
 Não vou ficar sozinho
 Nas manifestações
 Não estou com medo
 Só quero o recomeço

Amigos
 Vamos todos participar
 Vamos ajudar, pois
 É preciso ajudar as pessoas
 Para ver um novo amanhã
 Por que se todos se manifestarem
 A verdade aparecerá

Dize-me, porque não ajudar?
 Como explicar a grande fúria do povo?
 Somos nós que votamos no Brasil

Eu moro nesse país
 Mas as condições não dão pra
 Eu morar em qualquer lugar
 Não vejo ninguém para me ajudar
 Já precisei de tantas coisas
 E não puderam me ajudar
 Agente precisa de mudança

Amigos
 Vamos todos participar
 Vamos ajudar, pois
 É preciso ajudar as pessoas
 Para ver um novo amanhã
 Por que se todos se manifestarem
 A verdade aparecerá

Somos a grande força
 Sou um manifestante
 Você diz que apoiará
 Isso é bom demais

Você culpa o político por tudo
 Isso é correto
 São manifestantes como você
 Que estão certos
 Assim como você!

Citrino

2. Brasil, um país de conquista

O gigante acordou
 Não! Não como o do pé de feijão
 Esse gigante é o resultado
 De um povo que se fez unido
 Para uma grande mudança na nação

De um povo que vivia deitado em berço esplêndido
 Se transformou num povo que não foge à luta
 Depois de tanta dor e sofrimento
 Se levanta e grita para ver se alguém escuta

Os gritos que se veem,
 Pedem por saúde, dignidade e educação
 Políticos que antes se faziam cegos e surdos
 Hoje são obrigados a ceder a essa manifestação

E o gigante acordou
 Nada será como antes
 Diante de tanta roubalheira e corrupção
 Se verá um brado retumbante

És forte!
 Nunca perde a esperança
 De um país inovador
 Com sede de mudança
 Conseguimos conquistar a liberdade
 Para um povo que luta por igualdade
 O gigante acordou! E com toda grandeza que tem,
 É tratado como majestade.

Esmeralda

3. Acorda Brasil!

As manifestações populares
 Pelas ruas do País
 Resgataram de modo espetacular,
 a voz da cidadania, e de um povo infeliz.

A nossa força, é para gritar
 Por um Brasil diferente
 Não é só pelos 20 centavos
 Que o povo brasileiro quer ser “gente”

A justiça e o amor
 Podem transformar a sociedade
 Num lugar diferente,
 Com respeito e igualdade

O movimento é pelo País,
 Contra a PEC 37, contra a impunidade,
 Contra a corrupção, contra as tarifas

Em prol de nossa integridade.
 Assim os vandalismos
 Provocados pelos chefões
 Impõem-nos insuportáveis sacrifícios,

Pois devem sofrer as correções.

Ausência de justiça.
 E um ódio provocado por tantas razões
 Estamos na pior das ditaduras,
 Eis o motivo das manifestações,

Por isso, Autoridades
 Urgência na reforma política,
 Para um bom andamento da sociedade.
 E um futuro progressista!

Rutilo

4. Dificuldades

Os problemas que vivemos
 É por falta de humanidade
 Mortes e assassinatos
 Conseguimos viver em meio a tanta dificuldade?

Dificuldades em todos os sentidos
 Da saúde a educação
 Queremos qualidade.
 Ei! Precisamos de atenção.

Na saúde, eu digo
 Queremos bons hospitais
 Para tratar os brasileiros bem
 Pagamos impostos até demais.

Temos que pensar em mudanças
 Lutando por igualdade
 Branco, preto e mulato
 Todos nós vamos em busca de liberdade.

Queremos educação de qualidade
 Professores qualificados
 Para formar homens de bem
 Cidadãos educados.

Safira

5. O povo que paga

O povo que relembra
 A glória do passado
 O povo que sustenta
 O malandro no plenário

O povo que paga
 Tudo sem querer
 Sofrendo, penando!
 Com os olhos fechados sem poder ver.

O povo que paga
 A saidinha do avião

Quem sabe pra copa
Ou até pro Japão?

O povo que paga
A tristeza do cidadão
Os pobres que padece
Comendo água e pão.

O povo que acha
Que venceu o sofrimento
O povo que não sabe
Da fome e do lamento.

O povo que acha
Que Brasília tem esplendor.
Que vive enganando
Do outro que rouba, sem medo nem pudor

O povo trabalhador
Um dia irá vencer!
O roubo! A corrupção! O lamento!
No Brasil? Isso nunca mais irá ter.

Rubi

6. A chuva esperançosa

No sertão brasileiro
Sempre teve falta d'água
Mas a seca nessa década
Ta sendo muito malvada
Descobriram que seu bem
Mais precioso, é a água.

A seca no nordeste
Ta numa situação tremenda,
O povo passando fome
Não tem uma fonte de renda.

A vida lá no sertão
Está sendo destruída
O povo passando sede,
Animais perdendo a vida.
E a esperança desse povo
É ver o caminhão de pipa.

Todos migram do sertão
Quando voa a asa branca
Mas quando a chuva volta
Se renova a esperança.

Turmalina e Água

7. Brasil

Brasil ou Pindorama?
 É assim que nossos vizinhos nativos o chamavam.
 Ou será terra de Vera Cruz?
 Ou até mesmo de Santa Cruz?

Um país de grandes contrastes sociais
 Iniciado bem antes de 1500
 Levantando seus alçais
 Fauna e flora eclodindo seus talentos

Eis que chegam seres estranhos
 Seus corpos não são nus
 Pêlos escondem seus rostos medonhos
 No peitoral carregavam sangangus

Estes são os portugueses
 Que nós temos por descendência
 Quase acabaram com os índios
 Por que tanta indiferença?

Os tempos passam em nossa nação
 Esta se divide em cinco regiões
 Povos distintos nesses pedaços de chão
 As vidas tomam outra direção.

O Brasil se torna desigual
 Grandes latifúndios se formam
 Pobre clamando por uma pedra de sal
 Coronéis em suas terras exploram

Brasil! Onde está sua educação?
 Como podemos encontrar sua saúde?
 Quem se apoderou da igualdade
 Por que meu Deus tanta crueldade?

Topázio

8. Quem sou Eu?

Na paz eu sou verdade
 Na angústia eu era a tempestade
 Sou pai, mãe, filho e irmão
 Sou cunhado, sogro e serei o João

Eu sou o perfume da flor
 Sou o gostinho do bombom
 Sou a virtude do amor
 Eu adoro a cor marrom

Sou a pátria do presente
 Sou também esta nação
 Sou o berço das águas corrente
 Eu sou a passagem do agreste para o sertão

Eu sou amador
Na rua da ingratidão
Sou aquele traidor
Na casa do Paulão
Sou o mês, ano, noite e dia
Sou água, ar, terra e serei o chão
Sou o Estado da Bahia
Na perfeita formação

Sou terra clamando
Por um pedaço de pão
Sou as pedras chorando
Pela sua salvação

Sou a felicidade
Na casa de Mariana
Sou aquela Danny Andrade
E também Fabiana

Sou aquela escola com raiz
Sou o bom professor
Sou aluno aprendiz
Serei um educado

Sou a letra da canção
Na mais linda melódia
Sou também a criação
Na mais bela poesia

Sou um grito na garganta
Estou pronto pra sair
Sou a mão de quem planta
As vidas que vão partir

Hoje sou a dor
Daquela triste nação
Mais sou consolador
Deste lindo povão

Sou o Brasil na confiança
E também na união
De criança esperança
Que vi na televisão

Eu sou a natureza
Com a vida inocente
Mostrando a minha beleza
A todos oh minha gente!

Hoje eu sou Maria conceição
Amanhã Lindenir
Sou a boa comunhão
E já posso concluir

Sou o bom juiz
Sou do sim e do não
Sou aquele Luiz

Que ama o São João

Tudo sou
Nada sou
Sou o que sou
Porque meu pai me enviou.

Euclase